



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara

CAMILA BORDONAL CLEMPI

**VARIAÇÃO ENTRE FUTURO SINTÉTICO E
PERIFRÁSTICO EM TEXTOS ESCRITOS:
um estudo diacrônico sobre o papel do gênero
feminino na mudança linguística**



ARARAQUARA - SP
2019

CAMILA BORDONAL CLEMPI

**VARIAÇÃO ENTRE FUTURO SINTÉTICO E
PERIFRÁSTICO EM TEXTOS ESCRITOS:
um estudo diacrônico sobre o papel do gênero
feminino na mudança linguística**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientadora: Profa. Dra. Angélica T.C. Rodrigues.

Bolsa: FAPESP/CAPES (Processo nº 2017/16959-6).

ARARAQUARA - SP
2019

Clempi, Camila Bordonal

Variação entre futuro sintético e perifrástico em textos escritos: um estudo diacrônico sobre o papel do gênero feminino na mudança linguística / Camila Bordonal Clempi – 2019

139 f.

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Angélica T. C. Rodrigues

1. Futuro verbal. 2. Gênero social feminino. 3. Variação e mudança linguística. 4. Sociolinguística. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

CAMILA BORDONAL CLEMPI

**VARIAÇÃO ENTRE FUTURO SINTÉTICO E
PERIFRÁSTICO EM TEXTOS ESCRITOS:
um estudo diacrônico sobre o papel do gênero
feminino na mudança linguística**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientadora: Profa. Dra. Angélica T.C. Rodrigues.

Bolsa: FAPESP/CAPES (Processo nº 2017/16959-6).

Data da defesa: 31/05/2019

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidenta e Orientadora: Profa. Dra. Angélica T. Carmo Rodrigues
Universidade Estadual Paulista – UNESP / FCLAR

Membra Titular: Profa. Dra. Juliana Bertucci Barbosa
Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM

Membra Titular: Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag
Universidade Federal de Sergipe – UFS

Dedico esta dissertação à mulher que apoiou e incentivou minha trajetória e escolhas: minha mãe, Rita.

AGRADECIMENTOS

Ao longo dos anos de mestrado, várias foram as pessoas com quem pude contar, seja para apoiar e/ou vivenciar esta pesquisa comigo. As linhas que seguem são, portanto, um modo de agradecer, mesmo que brevemente, a todos aqueles que me auxiliaram nessa minha empreitada, mostrando que uma pesquisa não se faz sem ajuda.

Agradeço, primeiramente, à minha família, base de tudo aquilo que fui e daquilo que me tornei. Meus pais, Rita e Humberto, e minha irmã, Sabrina, obrigada por acreditaram em mim e por todos os sacrifícios e renúncias que um dia fizeram em função de meus estudos para que, hoje, eu pudesse estar aqui. Também agradeço ao Lu(i)z, meu afilhado e o mais novo membro da família, que embora tão pequeno trouxe muita felicidade e completude para nossas vidas.

Agradeço ao Mateus, meu amor, amigo e companheiro dessa e de outras caminhadas, por saber me escutar, aconselhar, acalmar, enfim, por ser o meu porto-seguro e por acreditar mais em mim do que eu mesma! Agradeço por estar sempre presente nos dias de alegria, mas também nos de sofrimento que perfizeram essa etapa de minha vida, por saber compreender as minhas angústias e aflições e por me ajudar no que era de seu alcance.

À minha orientadora, Angélica Rodrigues, agradeço por me acolher na UNESP e, especialmente, por aceitar me orientar e topa se aventurar comigo nesta pesquisa. Obrigada por toda a confiança em mim depositada, pela atenção, pelos dias de reunião e por todas as correções, conselhos e sugestões feitas. O meu trabalho não seria o mesmo sem você!

Agradeço aos membros do Núcleo de Pesquisa em Sociolinguística de Araraquara (SOLAr), os quais tive a oportunidade de conhecer e compartilhar a pesquisa desde as etapas preliminares. Agradeço pelas tardes dedicadas às produtivas discussões sociolinguísticas, sobretudo àquelas feitas em torno de minha pesquisa. Obrigada, em especial, à profa. Rosane de Andrade Berlinck, pela acolhida no grupo e por ser sempre tão solícita.

Aos meus amigos que fiz na pós-graduação, agradeço, principalmente, à minha amiga, Mirella, a que tive o prazer de conhecer no início do mestrado e a que me identifiquei desde a nossa primeira conversa. Obrigada pelos momentos de risos e desabafos, enfim, por compartilhar essa amizade e por viver comigo os (des)encantos de ser um pós-graduando.

Às profas. Rosane de Andrade Berlinck, Raquel Meister Ko. Freitag e Juliana Bertucci Barbosa, agradeço a dedicação à leitura criteriosa de meu texto, pelas correções, sugestões e contribuições, as quais, certamente, são imprescindíveis para refinar e enriquecer o trabalho.

Agradeço, novamente, à Juliana Bertucci Barbosa, minha ex-orientadora, de Iniciação Científica (IC) e de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a qual sou muito grata pelos diversos ensinamentos e por me apoiar e me incentivar a trilhar esse caminho de pesquisa desde a graduação.

Agradeço aos docentes e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP/FCLAr por todo apoio a mim concedido. Agradeço, principalmente, à Ana Luisa por se disponibilizar a me auxiliar com os tramites burocráticos.

Por fim, agradeço à FAPESP (Processo nº 2017/16959-6) e à CAPES pelo apoio financeiro, fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho sociolinguístico tem como objetivo investigar o papel do gênero feminino no processo de mudança nas formas de expressão de tempo futuro (futuro sintético e futuro perifrástico) no português brasileiro escrito do século XX. Segundo Labov (1990, 2001), quando se trata de implementar uma variante inovadora na língua, são as mulheres as líderes do processo de mudança; é o que parece acontecer, por exemplo, com o fenômeno em estudo (GIBBON, 2000; OLIVEIRA, 2006). Considerando que, no português brasileiro contemporâneo, o futuro perifrástico (IR no presente + infinitivo) suplantou o uso do futuro sintético (BRAGANÇA, 2008; TESCH, 2011; ALMEIDA, 2015), não é possível avaliar o condicionamento do gênero, uma vez que a atuação social do gênero se mostra mais saliente em estágios iniciais e intermediários de mudança linguística. Nesse sentido, remontando às bases da pesquisa sociolinguística e ao papel das mulheres na implementação de uma variante inovadora, verificamos como a liderança feminina se estabelece quanto ao uso de futuro perifrástico em sincronias pretéritas (décadas de 1920 e início de 1970). Levando em consideração que a mídia tem papel fundamental na representação ideológica de grupos de indivíduos, em especial na construção social de gênero, utilizamos como *corpora* de análise cartas publicadas na revista *A Cigarra*, voltada ao público feminino. Para verificar efeitos do gênero feminino, comparamos e confrontamos os resultados obtidos com os dados de outros *corpora*, o que denominamos ser nosso “grupo controle”, as cartas dos jornais *A Gazeta* e *Correio da Manhã*, cujos leitores alvos não são especificados. À luz dos preceitos teórico-metodológicos da Sociolinguística e da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2016 [1972]), empreendemos a análise quantitativa com suporte da plataforma R (CORE TEAM, 2019). No total, levantamos 1.105 dados, distribuídos entre as décadas de 1920 e 1970 e entre as cartas da revista e do grupo controle. Conforme os resultados alcançados indicam, na sincronia de 1920, o futuro perifrástico, embora apareça na modalidade escrita, é incipiente nos diferentes *corpora*; entretanto, os resultados relativos aos dados do início da década de 1970, apesar da predominância da variante conservadora, mostram um aumento do uso da variante inovadora, sobretudo na revista. Sugerimos, com base nas análises, o início da implementação do futuro perifrástico nos anos de 1920, tornando-se mais recorrente nos anos de 1970 em textos escritos, de modo que o processo de mudança é mais favorável no contexto de publicação feminina (cartas de leitoras d’*A Cigarra*). Destacam-se como fatores relevantes para a compreensão do fenômeno e para responder ao problema de pesquisa: (i) a ausência de marca de tempo futuro fora do verbo nos anos de 1920; (ii) a primeira pessoa do discurso, os enunciados negativos e o tema da carta que expressa drama pessoal nos anos de 1970. As análises estatísticas, por meio dos *corpora*, portanto, permitem-nos oferecer evidências importantes para a discussão dos efeitos do gênero feminino na mudança linguística.

Palavras – chave: Futuro verbal. Gênero social feminino. Variação e mudança linguística. Sociolinguística.

ABSTRACT

This Sociolinguist work aims to investigate the role of the female gender in the changing process of forms of expressions of future time (synthetic future and periphrastic future) in Brazilian Portuguese written in the 20th century. According to Labov (1990, 2001), when it comes to implementing an innovative variant in the language, women are the leaders in the changing process; it is what seems to happen, for example, with the phenomenon under study. Considering that, in contemporary Brazilian Portuguese, the periphrastic future (IR in the present + infinitive) supplanted the use of the synthetic future (BRAGANÇA, 2008; TESCH, 2011; ALMEIDA, 2015), it is not possible to evaluate the conditioning of gender, as its social performance is more salient in the initial and intermediate stages of linguistic changes. In this sense, reassembling the bases of sociolinguistic research and the role of women in the implementation of an innovative variant, we verify how female leadership establish itself regarding the use of a periphrastic future in past synchrony (decades of 1920 and beginning of 1970). Assuming that the media has a fundamental role in the ideological representation of groups of individuals, especially in the social construction of gender, we use as a corpora letters published in the magazine *A Cigarra* targeted on the female audience. To verify the effects of the female gender, we compare the results obtained with data from other corpora, which we called “control group”, the letters from the newspapers *A Gazeta* and *Correio da Manhã*, whose target readers are not specified. In the light of the theoretical and methodological precepts of Sociolinguistics and Theory of Variation and Change (WEINREICH, LABOV and HERZOG, 2006 [1968], LABOV, 2016 [1972]), we undertake a quantitative analysis with support of the R platform (CORE TEAM, 2019). In total, we collect 1,105 data, distributed between the 1920s and the 1970s and among the letters of the magazine and the control group. As the results show, in the synchrony of 1920, the periphrastic future, although it appears in the written modality, is incipient in the different corpora; however, the results regarding the data of the early 1970s, despite the predominance of the conservative variant, show an increase in the use of the innovative variant, especially in the magazine. Based on the analysis, we suggest the beginning of the implementation of the periphrastic future in the 1920s, becoming more recurrent in the 1970s in written texts, so that the process of change is more favorable in the context of women's publication (Readers' letters of *A Cigarra*). They stand out as relevant factors for the understanding of the phenomenon and to respond to the research problem: (i) the absence of the future time mark outside the verb in the 1920s; (ii) the first person in the speech, the negative statements, and the theme of the letter expressing personal drama in the 1970s. The corpora-based statistical analyzes allow us, therefore, to provide important evidence for the discussion of the effects of the female gender on linguistic change.

Keywords: Verbal future. Social gender. Variation and linguistic change. Sociolinguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Esquema de gramaticalização das formas de futuro do latim ao português	34
Figura 2: Estatística de gênero do IBGE	47
Figura 3: Transformações femininas no Brasil (1976 e 2012)	56
Figura 4: Distribuição da coleta de dados a partir do APSP e da BND	78

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Percurso das variantes de futuro entre as sincronias conforme os <i>corpora</i>	95
Gráfico 2: Distribuição geral das variantes de futuro em cada <i>corpus</i> na sincronia de 1920..	96
Gráfico 3: Distribuição geral das variantes de futuro em cada <i>corpus</i> na sincronia de 1970..	98
Gráfico 4: Resultados dos testes de significância na revista <i>A Cigarra</i> na sincronia de 1920	101
Gráfico 5: Resultados dos testes de significância no grupo controle <i>A Gazeta</i> na sincronia de 1920	105
Gráfico 6: Comparação revista <i>versus</i> grupo controle (1920-1929): <i>marca de TF fora do verbo</i>	107
Gráfico 7: Comparação revista <i>versus</i> grupo controle (1920-1929): <i>tema da carta</i>	109
Gráfico 8: Resultados dos testes de significância na revista <i>A Cigarra</i> na sincronia de 1970	112
Gráfico 9: Resultados dos testes de significância no grupo controle <i>Correio da Manhã</i> na sincronia de 1970.....	119
Gráfico 10: Comparação revista <i>versus</i> grupo controle (1970-1972): <i>tema da carta</i>	120
Gráfico 11: Comparação revista <i>versus</i> grupo controle (1970-1972): <i>pessoa do discurso</i> ...	121

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Resultados da distribuição do futuro perifrástico para “SEXO” e “IDADE” na fala de florianopolitanos em Gibbon (2000)	48
Tabela 2: Resultados dos efeitos do “SEXO/GÊNERO” no uso do futuro perifrástico na fala de nível maior de formalidade da década de 1970 em Oliveira (2006).....	50
Tabela 3: Resultados do cruzamento “SEXO/GÊNERO” e FAIXA ETÁRIA no uso do futuro perifrástico na fala de nível menor de formalidade nos anos 1970 em Oliveira (2006).....	51
Tabela 4: Distribuição de cartas coletadas em cada material nos períodos analisados a partir do APSP e da BND.....	78
Tabela 5: Distribuição geral das variantes de futuro nos <i>corpora</i> em cada sincronia analisada	94
Tabela 6: Modelo de regressão logística de efeitos mistos para o uso do futuro perifrástico (A <i>Cigarra</i> , 1920-1929).....	104
Tabela 7: Modelo de regressão logística de efeitos mistos para o uso do futuro perifrástico (grupo controle A <i>Gazeta</i> , 1920-1929)	108
Tabela 8: Modelo de regressão logística de efeitos mistos para o uso do futuro perifrástico (A <i>Cigarra</i> , 1970-1972).....	116
Tabela 9: Modelo de regressão logística de efeitos mistos para o uso do futuro perifrástico (grupo controle <i>Correio da Manhã</i> , 1970-1972).....	123

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Problemas para a sistematização da mudança linguística	25
Quadro 2: Exemplos de dados de futuro perifrástico em cada <i>corpus</i> na sincronia de 1920..	96
Quadro 3: Exemplos de dados de futuro perifrástico em cada <i>corpus</i> na sincronia de 1970..	98
Quadro 4: Exemplos de dados de futuro perifrástico na revista <i>A Cigarra</i> (1920-1929): <i>marca de TF fora do verbo</i>	102
Quadro 5: Exemplos de dados de futuro perifrástico na revista <i>A Cigarra</i> (1920-1929): <i>tipo semântico do verbo</i>	103
Quadro 6: Exemplos de dados de futuro perifrástico nos <i>corpora</i> (1920-1929): <i>tema da carta opiniões/comentários</i>	110
Quadro 7: Exemplos de dados de futuro perifrástico na revista <i>A Cigarra</i> (1970-1972): <i>tipo semântico do verbo; número de sílabas do verbo; pessoa do discurso</i>	114
Quadro 8: Exemplos de dados de futuro perifrástico na revista <i>A Cigarra</i> (1970-1972): <i>polaridade do enunciado</i>	115
Quadro 9: Exemplos de dados de futuro perifrástico na revista <i>A Cigarra</i> em ambas sincronias em análise: <i>tema da carta drama pessoal</i>	117
Quadro 10: Exemplos de dados de futuro perifrástico nos <i>corpora</i> (1970-1972): <i>primeira pessoa do discurso</i>	121
Quadro 11: Exemplos de dados de futuro perifrástico no grupo controle <i>A Gazeta/Correio da Manhã</i> em ambas sincronias em análise: <i>temas da carta opiniões/comentários e reclamações</i>	124
Quadro 12: Síntese dos resultados gerais	125
Quadro 13: Síntese dos resultados específicos.....	126

LISTA DE ABREVIATURAS/SIGLAS

APSP	Arquivo Público de São Paulo
BND	Biblioteca Nacional Digital
PB	Português Brasileiro
WLH	Weinreich, Labov e Herzog

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 REFERENCIAL TEÓRICO	21
1.1 Sociolinguística Variacionista	21
1.2 Discussões sobre gênero social na Sociolinguística	26
1.3 Fenômeno de estudo: o futuro verbal.....	31
1.3.1 Formas de futuro: breve percurso do latim ao português.....	31
1.3.2 Formas de futuro sob a ótica das gramáticas.....	35
1.3.3 Formas de futuro sob a ótica dos estudos sociolinguísticos.....	38
1.4 O papel do gênero feminino no processo de mudança de futuro.....	45
1.5 O papel histórico e social da mulher brasileira.....	52
1.5.1 Considerações preliminares.....	52
1.5.2 Um panorama	53
1.6 Em resumo	57
2 METODOLOGIA	59
2.1 Desafios metodológicos para trabalhar variação de futuro na perspectiva de gênero em textos escritos.....	59
2.2 Da escolha dos <i>corpora</i> de pesquisa.....	63
2.2.1 Revista feminina <i>A Cigarra</i>	63
2.2.2 Grupo Controle: Jornais <i>A Gazeta</i> e <i>Correio da Manhã</i>	69
2.2.3 Gênero textual “carta de leitores”	71
2.3 Procedimentos para constituição da amostra	77
2.4 Variáveis independentes	79
2.5 Tratamento estatístico dos dados	89
2.6 Decisões metodológicas para a análise dos dados	90
2.7 Em resumo	92
3 ANÁLISE DOS DADOS	94

3.1 Implementação do futuro perifrástico no PB escrito pela vertente feminina.....	94
3.1.1 Análise geral.....	94
3.2 Qual o papel do gênero feminino no processo de mudança de futuro no PB escrito?..	100
3.2.1 Sincronia de 1920: o início da implementação do futuro perifrástico	100
3.2.2 Sincronia de 1970: o andamento da implementação do futuro perifrástico	111
3.3 Em resumo	125
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
REFERÊNCIAS	132

INTRODUÇÃO

Vistas como o “segundo sexo” ou como o “outro”, nós, mulheres, somos atravessadas por processos sociais e históricos que, de maneira intrínseca, condicionam e perpetuam um modelo normatizador de feminilidade, o qual vai muito além de explicações biológicas e imutáveis. É o que defende Beauvoir (1967, p. 9) quando afirma que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, expressão que leva à compreensão de gênero, aqui, adotada – o meio fluído pelo qual o indivíduo se reconhece e se constrói social, histórico e culturalmente em função da língua(gem).

Embora saibamos que, tal como prevê Butler (2003 [1990]), gênero não é binário (masculino e feminino), existindo possibilidades várias de identificações, nosso estudo tem como objetivo geral verificar o papel do gênero feminino na variação/mudança linguística, especificamente de formas verbais que expressam tempo futuro, em textos escritos do Português Brasileiro (daqui em diante PB) à luz dos preceitos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2016 [1972]). Esse aparato teórico-metodológico, pelo qual nos guiamos, baseia-se na análise da língua em uso na sociedade, de modo a sistematizar o que subjaz aos processos de variação e de mudança, inerentes ao sistema linguístico.

A verificação e a interpretação de fenômenos variáveis, nessa perspectiva, pressupõem a apreensão não somente de aspectos linguísticos, como também de aspectos extralinguísticos, os quais podem atuar no sentido de favorecer ou inibir o andamento da mudança. Dentre as variáveis extralinguísticas, um papel importante tem sido conferido ao gênero, já que as relações determinadas entre homens e mulheres, por exemplo, são discrepantes no meio social e podem explicar, junto a outros fatores, os usos linguísticos variados. Assim, como postulado por Labov (1990, 2001), quando se trata de implementar uma variante inovadora na língua, a tendência é que sejam as mulheres as líderes do processo de mudança linguística. É o que parece acontecer, por exemplo, com a implementação da forma de futuro perifrástico (GIBBON, 2000; OLIVEIRA, 2006).

Pesquisas recentes têm demonstrado que a expressão do futuro verbal é variável e está em processo de mudança linguística no PB contemporâneo, uma vez que o futuro perifrástico IR + infinitivo (variante inovadora) vem suplantando, em quase todos os contextos, o lugar antes reservado ao futuro sintético (variante conservadora) (GIBBON, 2000; OLIVEIRA, 2006; BRAGANÇA, 2008; MALVAR; POPLACK, 2008; TESCH, 2011; ALMEIDA, 2015).

Muitas das contribuições relacionadas à descrição desse fenômeno ligam-se aos princípios do Funcionalismo Linguístico aliados aos da Sociolinguística Variacionista, cumprindo o objetivo de analisar o processo de gramaticalização do verbo IR (de pleno para auxiliar) na construção da perífrase e delimitar os fatores (linguísticos e extralinguísticos) que condicionam o uso de uma ou de outra variante.

Não há, todavia, um estudo sociolinguístico orientado para a interação de variáveis em relação ao gênero social, de modo mais específico ao gênero feminino, na mudança **futuro sintético** → **futuro perifrástico**¹, variantes exemplificadas nos trechos a seguir:

(A) Futuro Sintético:

- (1) A tua vida é e **será** o que sempre foi até hoje: uma saudade á sombra das recordações do passado que não volta mais... (*A Cigarra*, fevereiro de 1922).
- (2) E certamente **estará** apta a fazer feliz o homem que ama e não a tratá-lo como joguete de seus caprichos (*A Cigarra*, maio de 1972).

(B) Futuro Perifrástico:

- (3) Esteve brilhante o sarau promovido pelo G. D. Royal. Entre outras coisas, notou-se: [...], a tolice do Jorge J. e do Halim A. em aspirar ether dos lança-perfumes; vocês qualquer dia **vão parar** no Juquery (*A Cigarra*, março de 1923).
- (4) Em lugar de deixar a imaginação convencê-la de novos fracassos, controle-a a seu favor, pensando que se deixou impressionar errôneamente, mas que daqui pra frente **vai vencer** os obstáculos como já venceu antes (*A Cigarra*, março de 1970).

Cabe destacar que há outras formas alternantes disponíveis no sistema do PB para a codificação do tempo futuro, porém delimitamos a análise nas duas variantes acima, já que são as mais produtivas diacronicamente. Como ocorreu uma disputa entre futuro sintético e futuro perifrástico, é de nosso interesse apontar, portanto, uma outra perspectiva de estudo para esse fenômeno linguístico, que não foi empreendida em outros trabalhos.

Dado que a atuação social do gênero se mostra mais saliente em estágios iniciais e intermediários de mudança na língua, e considerando que, no PB contemporâneo, o futuro perifrástico substituiu o uso do futuro sintético, não é possível avaliar o condicionamento do

¹ Adotamos “futuro sintético” para fazer alusão à forma flexionada sintética de codificação do futuro do presente, mas, no desenvolver deste texto, aparecerá também (em alguns momentos) o termo “futuro simples” quando citado por outro(s) autor(es).

gênero. Nesse sentido, remontando às bases da pesquisa sociolinguística e ao papel das mulheres na implementação de uma variante inovadora, buscamos verificar como a liderança feminina se estabelece quanto ao uso de futuro perifrástico em sincronias pretéritas – as décadas de 1920 (1920 - 1929) e início de 1970 (1970 - 1972).

Partimos, para isso, da análise de textos escritos, ainda que, desde o estudo pioneiro de Labov (2016 [1972]),

tem havido um consenso de que é na língua falada, mais especificamente, na língua vernácula, que reconhecemos as condições da mudança linguística. O contínuo fazer-se da língua, desse modo, só poderia ser flagrado na fala, ao passo que a escrita, por seu alto nível de planejamento, funcionaria como refreadora desse fazer-se, o que justificaria seu estatuto marginal na investigação de fatos de variação e mudança (LONGHIN-THOMAZI; RODRIGUES, 2013, p. 192).

Conferimos destaque à análise sociolinguística da modalidade escrita ao optarmos pelo trabalho com *corpora* escritos por reconhecermos que, como a língua estabelece relações complexas com as representações e as formações sociais, conforme nos afirma Marcuschi (2007, p. 35), tanto a fala quanto a escrita refletem a maneira pela qual a sociedade se organiza, isto é, são modalidades que refletem a língua em funcionamento e, logo, ambas podem ser representativas do uso. Portanto, linguisticamente o texto falado e escrito não são dicotômicos, apenas se revelam em práticas específicas, tal como assumimos aqui.

Em contrapartida, não podemos perder de vista que a linguagem e, notadamente, a linguagem escrita é situada ideologicamente como símbolo de poder. Segundo sustenta Gnerre (1998, p. 7), “o passo fundamental da afirmação de uma variedade sobre as outras é a sua associação à escrita e, conseqüentemente, a sua transformação em uma variedade usada na transmissão de informações de ordem política e “cultural””. O fato de que a escrita foi adquirida muito tardiamente por mulheres, parte integrante do que convencionalmente se tem chamado de “minorias sociais”², indica o poder cultural dessa modalidade na sociedade.

De modo a contextualizar, no Brasil até o fim do século XIX, mulheres não saíam de suas casas, uma vez que, como lhes fora culturalmente imposto, a elas competiam apenas os afazeres domésticos; portanto, submetidas aos desejos da figura paterna, muito raramente frequentavam o ambiente escolar. E, mesmo que o alcance à educação fosse um privilégio para poucos, havia uma desvantagem social: embora homens não fossem em sua totalidade

² Por “minorias sociais” depreendemos a parcela da sociedade que se encontra em dependência ou desvantagem social em comparação a um determinado grupo de pessoas (no caso específico a que tratamos, os homens), sofrendo, em consequência, um tratamento discriminatório. Embora este seja um termo relativamente recente na língua, as minorias sociais sempre existiram na história.

alfabetizados, em comparação, mulheres alfabetizadas eram ainda mais incomuns, e, as que eram, pertenciam a uma pequena camada da elite. Somente no século seguinte é que o nível de instrução pública, em especial o das mulheres, começou a se desenvolver (BUITONI, 1990).

Resultado desse cenário, de aquisição da escrita, é o fato de que, no século XX, a mídia brasileira direcionada ao público feminino ganha forças no mercado editorial, sobretudo por meio de revistas. Como se sabe, a mídia exerce papel fundamental na representação de grupos de indivíduos, na construção social e na formação da identidade de gênero (CASTRO; PRADO, 2012). As revistas femininas, nessa direção, têm sido entendidas, ideologicamente, como representativas do gênero social a que se destina, num modelo que cria e padroniza identificações àquele grupo de leitoras. Em função disso, é possível observar, na seção dedicada às cartas endereçadas à redação, a construção identitária do público-alvo, já que há o estabelecimento de um amigável diálogo entre revista-leitoras ou mesmo leitora-leitoras.

A verificação empírica nesta pesquisa, desse modo, é feita por meio de *corpora* compostos por cartas publicadas na revista *A Cigarra*, voltada ao público feminino. Ao considerarmos o gênero um mecanismo de construção e de identificação, contemplamos, portanto, o contexto em que esse é inserido, nesse caso, o espaço ideológico sustentado pela mídia impressa feminina. Nessa perspectiva, não nos importa o “ser mulher” e sim o “**estar** mulher”, embora exista a probabilidade do “ser” e do “estar” se atravessarem, conforme elucidada Butler (2003 [1990]).

Os resultados obtidos são interpretados com base na comparação e no confronto com os dados de outros *corpora*, o que denominamos ser nosso “grupo controle”, as cartas dos jornais *A Gazeta* e *Correio da Manhã*, cujos leitores alvos não são especificados.

Complementar ao que estabelecemos para a formação dos *corpora*, garante Mira (2001, p. 43, grifo nosso):

A relação entre revista feminina e as mulheres tem sido marcada pela confiança e pela intimidade. Na verdade, quando se fala em revista, logo se pensa em mulher. **A revista é a mídia mais feminina que existe. Tanto quanto o jornal é masculino.** No Brasil, desde as primeiras pesquisas sobre o assunto, esse fato se evidencia. No Rio de Janeiro, a capital federal em 1945, 61,8% dos homens liam algum tipo de revista, contra 74% das mulheres, ao passo que 77,2% dos homens liam algum jornal, contra 51,2% de mulheres.

É importante ressaltar que todas as ocorrências foram coletadas a partir de documentos digitalizados disponíveis nos sites do Arquivo Público de São Paulo e da Biblioteca Nacional

Digital (cf. Referências). Os bancos de dados *onlines*, como os supracitados, resguardam fontes históricas, ampliam possibilidades de acesso e revelam uma significativa contribuição para a construção de um patrimônio público e para que pesquisas científicas como esta se tornem exequíveis.

Em relação à hipótese norteadora deste trabalho, admitimos que: (i) apesar do futuro perifrástico não ser visto como índice de feminilidade, sua implementação, em textos escritos, sofre efeitos do gênero feminino, estabelecendo uma relação com outras variáveis independentes de natureza diversa. Como uma contingência, presumimos que, embora a mudança de futuro seja mais lenta na escrita se comparada à fala, é possível verificar também em textos escritos tal processo em curso, levando em consideração as sincronias analisadas.

Buscamos, para as comprovações dessa hipótese, subsídios nos princípios de Labov (2001) a respeito do Paradoxo do Gênero: em mudanças sem consciência social (*changes from below*), as mulheres usam mais frequentemente as formas inovadoras do que os homens, apresentam comportamento inovador e são menos conformistas (*nonconforming*) com as normas que não são abertamente prescritas. Baseamo-nos em indícios, nos estudos sociolinguísticos de mesmo fenômeno variável, que corroboram a hipótese laboviana, de que o futuro perifrástico é uma forma que não sofre avaliação social explícita (OLIVEIRA, 2011; TESCH, 2011; SANTOS, 2012; FIGUEREIDO, 2015) e de que, nesse caso, são as mulheres as responsáveis pela inovação e estão à frente, pois, da mudança de futuro (GIBBON, 2000; OLIVEIRA, 2006). Entretanto, para além, tentamos mobilizar outras discussões e interpretações do papel do gênero feminino na mudança linguística, fundamentadas em nossos resultados quantitativos e em nossa análise dos dados. Entendemos que, na revista *A Cigarra*, as leitoras estão inseridas em um contexto social e cultural marcado, sobretudo, pelo gênero social, distinto, portanto, do contexto pelo qual se configuram os jornais *A Gazeta* e *Correio da Manhã*; logo, podemos supor que o comportamento linguístico se distancie nas cartas dos escreventes de cada veículo de comunicação.

Temos como principais objetivos de pesquisa: (i) investigar uma possível correlação entre gênero social, especificamente o feminino, e a implementação do futuro perifrástico (em relação ao futuro sintético), por meio da comparação entre os resultados obtidos das cartas de leitoras revista *A Cigarra* (público feminino) e das cartas de leitores o grupo controle, os jornais *A Gazeta* e *Correio da Manhã* (público “neutro”), em sincronias pretéritas (1920 e 1970); e (ii) aferir quais variáveis linguísticas e extralinguísticas explicam o processo de variação/mudança linguística pela vertente feminina. Além disso, apesar de não ser o mote de

estudo, podemos colaborar para a discussão de como a escrita (em especial, a escrita no gênero textual “carta de leitores”) acomoda a variação linguística.

Por se tratar de um fenômeno bastante analisado em termos propriamente linguísticos nos estudos variacionistas do PB, não é nosso foco descrever (linguisticamente) a variação das formas de futuro, mas, sim, respaldar os resultados que, aqui, atingimos com os de outras pesquisas de mesmo tema. Centramos o estudo, portanto, na discussão da possível correlação entre variação e gênero (feminino), de modo a contribuir para o entendimento geral de seu papel no processo de mudança linguística. Não ignoramos a complexidade do trabalho com essa categoria social na Sociolinguística Variacionista, porém, reconhecemos a relevância de pesquisas como esta, na busca por recursos metodológicos para a sistematização da variável “gênero” em textos escritos.

Esta dissertação de Mestrado se encontra estruturada da seguinte forma: na primeira seção, de **Referencial Teórico**, apresentamos o aparato teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista que é base para esta pesquisa; trazemos o tratamento da variável “gênero” nos estudos sociolinguísticos e uma introdução sobre nosso objeto de estudo, o futuro verbal; tratamos também do que diz a literatura sobre o papel do gênero feminino na mudança de futuro; além de uma breve contextualização sobre o papel histórico e social da mulher brasileira. Na seção 2, de **Metodologia**, apresentamos os desafios metodológicos enfrentados no desenvolvimento da pesquisa; descrevemos os *corpora* de análise; elencamos as variáveis selecionadas como possíveis condicionadoras de uma ou outra forma variante de futuro; também estabelecemos os procedimentos e decisões na coleta de dados. Em **Análise dos Dados**, seção 3, trazemos a interpretação dos resultados que alcançamos por meio de uma análise quantitativa coadunada aos nossos objetivos e hipóteses, esclarecidos de modo breve nesta parte introdutória. Finalizamos este trabalho com algumas **Considerações Finais** (seção 4), seguida das **Referências** utilizadas ao longo do texto. Acresce ainda que quadros, figuras, gráficos, tabelas e trechos exemplificativos de ocorrências estão em ordem numérica contínua.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, apresentamos os principais pressupostos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2016 [1972]) que sustentam esta pesquisa; além disso, trazemos as discussões sobre o tratamento da variável “gênero social” (também abordada em termos de “sexo”, “sexo/gênero”) nos estudos sociolinguísticos. Introduzimos nosso fenômeno de estudo: contemplamos a trajetória histórica das formas verbais de futuro (do latim ao português); evidenciamos como as variantes por nós analisadas (futuro sintético e perifrástico), de modo geral, são tratadas nas gramáticas e nas pesquisas de mesmo fenômeno variável. Da mesma maneira, verificamos o que diz a literatura sobre o gênero feminino na mudança de futuro e contextualizamos, de modo breve, o papel histórico e social da mulher brasileira. Ao final, fizemos um resumo retomando algumas das discussões.

1.1 Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística desenvolve-se como modelo teórico de análise linguística a partir de trabalhos fundadores como Weinreich, Labov e Herzog³ (2006 [1968]) e Labov (2016 [1972]), na década de 1960, e rompe com barreiras, até então existentes, ao relacionar língua e sociedade e entendê-la como heterogênea, passível de ser descrita e analisada em situações reais de comunicação. Esse modelo teórico-metodológico parte da ideia de que a heterogeneidade da língua é ordenada, ou seja, não é aleatória e sim regulada por um conjunto de regras que levam ao processo de variação e/ou de mudança linguística (WLH, 2006 [1968]).

Para distinguir um fenômeno linguístico aparentemente variável daquele que se evidencia como uma tendência geral, Labov (2003) propõe um recurso metodológico quantitativo e prevê um estatuto de tipologia de regras, delimitadas em três instâncias: categórica, semicategórica ou variável. A classificação de regras linguísticas, como sustentam Vieira e Brandão (2014, p. 83), “permite não só estabelecer o parâmetro adotado em cada caso, mas também, no que tange à variação, avaliar sua extensão e seu perfil”.

Desse modo, Labov (2003, p. 243), em relação aos fenômenos no sistema da língua, determina, do ponto de vista quantitativo, que regras categóricas atuam com uma frequência proporcional de 100%, sem apresentarem violações desse quadro; enquanto regras

³ Daqui em diante, em todo o texto, citamos os autores pela sigla WLH.

semicatóricas são aquelas que têm um comportamento de 95-99% de frequência de usos e podem, em tal circunstância, raramente exibir violações; já regras variáveis agem entre 5-95% de frequência proporcional dos dados, sem violações.

Contudo, Vieira e Brandão (2014, p. 86) pontuam que “afirmar que uma língua/variedade admite, por opção gramatical, uma dada estrutura não implica necessariamente o registro categórico dessa estrutura, como se sabe, nem tampouco se pressupõe um comportamento efetivamente variável”. É, portanto, nessa perspectiva que, além da especialização quantitativa, a regra variável, em princípio, se aplica quando duas ou mais formas alternantes, de mesmo valor de verdade e usadas no mesmo contexto discursivo, co-ocorrem e/ou concorrem no sistema linguístico. Cabe, aqui, evidenciar que a essas formas dá-se o nome de “variantes linguísticas”, ao passo que o conjunto de variantes é a “variável linguística”. A escolha de uma ou de outra variante pelo falante/escrevente depende de fatores de ordem tanto interna (como conjugação verbal, paradigma verbal, tipo semântico do verbo etc.), quanto externa (como idade, escolaridade, “sexo/gênero”⁴ etc.), fatores esses que operam em simultaneidade no sistema linguístico.

Ao definir a noção de regra variável, Labov (2016 [1972]) baseou-se em dados fonológicos, no entanto, a partir do momento em que os pressupostos da Sociolinguística se estenderam para os demais níveis de análise linguística, houve um desacordo quanto aos limites dessa metodologia.

Lavandera (1978), entre outros, problematiza o princípio da igualdade de significados ao tratar de formas variantes sintáticas nos moldes labovianos. Na Sintaxe, segundo ela, cada construção apresenta um significado referencial próprio, por isso, falar em variação no sentido estrito do termo torna-se uma tarefa complexa. Propõe, então, a condição de “comparabilidade funcional” no tratamento de uma variável não-fonológica, em lugar de “equivalência semântica”.

Gibbon (2000, p. 24) afirma que há duas maneiras, nesse ponto, de visualizar o estudo variacionista:

ou aceitam-se enunciados que possuem a mesma intenção comunicativa, mas não necessariamente o mesmo significado, como variantes da mesma variável; ou restringe-se o estudo ao nível fonológico, no qual se mantém a idéia inicial de dizer a mesma coisa por diferentes maneiras, respeitando apenas as diferenças de estilo e/ou sociais.

⁴ Usamos, aqui, o termo “sexo/gênero” entre aspas, uma vez que é esse o mais utilizado em estudos sociolinguísticos, apesar de analisarmos apenas o gênero nesta pesquisa.

Em resposta a Lavandera (1978), Labov (1978, p. 2) argumenta que o sentido do termo “significado” deve ser entendido segundo o “estado de coisas”, ou seja, duas estruturas enunciativas que se referem ao mesmo estado de coisas possuem o mesmo valor de verdade⁵. Dessa maneira, torna-se confiável a análise de formas alternantes para além das unidades mínimas não-significativas.

Como lidamos com um fenômeno no nível morfossintático e semântico-discursivo, esclarecemos que, neste estudo, consideramos o futuro sintético e o perifrástico (IR + infinitivo) como variantes de uma mesma variável por terem o mesmo conteúdo referencial (tempo futuro).

Um parêntese que temos de fazer diz respeito aos percalços que devem ser encarados pelo pesquisador, tendo em vista a necessária delimitação dos dados coletados ao contexto de variação para o trabalho, por exemplo, com fenômenos morfossintáticos.

Como se sabe, um estudo sociolinguístico deve partir de um levantamento de dados suficientemente amplo, representativo da comunidade em estudo. Segundo Guy e Zilles (2007), a coleta de um grande número de dados é necessária para que a análise estatística das variantes dependentes em interação com fatores internos e externos seja a mais precisa possível, isto é, seja confiável. A análise quantitativa, portanto, “possibilita o estudo da variação linguística, permitindo o pesquisador apreender sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social e sua eventual relação com a mudança linguística” (GUY; ZILLES, 2007, p. 73). Nesse sentido, também é sabido que variantes não-fonológicas, em muitos casos, não ocorrem com uma alta frequência na língua se comparadas a variantes fonológicas. Esse fato, somado às restrições contextuais, muito dificulta a obtenção de dados para a análise quantitativa nos moldes labovianos. Para se refutar ou confirmar uma hipótese de pesquisa é de fundamental importância a busca por um *corpus* favorável ao aparecimento do fenômeno investigado, além de uma análise qualitativa após a coleta, que resulte na exclusão de dados invariantes.

Voltando nosso olhar à mudança na estrutura linguística, convém dizer que não se trata de um processo uniforme e instantâneo, ao contrário, acontece de maneira lenta e gradual, como resultado da variação. É por essa razão que nem toda variação implica mudança, mas toda mudança pressupõe variação (WLH, 2006 [1968], p. 126).

Além disso, de acordo com Tarallo (1999, p. 35):

⁵ “[...] two utterances that refer to the same state of affairs have the same truth-value” (LABOV, 1978, p. 2).

tal como proposto por Labov, a concepção e o alcance do modelo sociolinguístico são a um só tempo sincrônico e diacrônico: tanto a variação (situação linguística em um determinado momento; sincrônica) como a mudança (situação linguística em vários momentos sincrônicos; avaliados longitudinalmente; diacronia) linguísticas devem estar estudadas.

O desenvolvimento de uma mudança linguística, conforme esclarecem WLH (2006 [1968], p. 122), “se dá (1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta”. Para se investigar o processo de mudança, então, a Sociolinguística se vale de dois recursos: o estudo em tempo aparente e o estudo em tempo real.

O estudo em tempo aparente tem por finalidade analisar a mudança em um dado recorte temporal (portanto, em sincronia) e comparar as variantes em grupos etários (desde os mais jovens até os mais idosos), verificando possíveis diferenças de uso de uma forma linguística através da idade dos informantes. O indício de mudança, por esse recurso, pode ser comprovado se houver distribuições desiguais (estatisticamente significativas) entre cada grupo estudado, isto é, se os mais jovens utilizam uma determinada forma variante que não a usada pelos mais velhos.

Porém, no estudo em tempo aparente, tal como sustentam Paiva e Duarte (2013, p. 179), o pesquisador se depara com duas alternativas: “a) trata-se da instalação gradual de uma nova variante na língua (mudança linguística propriamente); b) trata-se de uma diferenciação linguística etária que se repete a cada geração”, o que torna esse procedimento nem sempre, em sua totalidade, seguro para conclusões mais gerais sobre dado fenômeno variável da língua.

Um outro modo de verificar a mudança (que viabiliza a análise de aspectos não-detectáveis em tempo aparente) é o chamado estudo em tempo real, pelo qual é realizado um recorte de diferentes sincronias, que tanto pode ser de longa duração (intervalo de séculos) quanto de curta duração (intervalo de décadas), com o objetivo de observar a mudança num plano diacrônico.

Ainda, convém dizer que o estudo em tempo real de curta duração pode ser de dois tipos: tendência (*trendy study*) e painel (*panel study*). O primeiro se baseia na comparação de diferentes sincronias em amostras aleatórias, mas que representam uma mesma categoria, já o segundo consiste em uma tarefa mais difícil, na medida em que se gravam os mesmos indivíduos de uma mesma comunidade de fala em diferentes períodos de tempo.

Salientamos que nos propomos a analisar as variantes de futuro em tempo real de curta duração no estudo de tendências (*trendy study*) a partir de duas sincronias: a década de 1920 (1920-1929) e o início da década de 1970 (1970-1972), na modalidade escrita da língua. Consideramos, como observam Paiva e Duarte (2013, p. 182), que esse recurso é relevante “não apenas para identificar o momento de aparecimento ou morte de uma variante linguística como também para verificar a regularidade na ação dos princípios que regem a variação e subjazem a implementação de mudança”.

Embora esse tipo de estudo seja um desafio para a pesquisa, principalmente se levados em consideração os *corpora* escritos, sustentamos que as diferentes amostras (revista e grupo controle) podem, sim, representar as mesmas categorias nos dois momentos analisados, na medida em que são voltadas a públicos-alvo que não se alteram: enquanto a revista *A Cigarra* permanece destinada ao público feminino, o grupo controle, os jornais *A Gazeta* e *Correio da Manhã*, mantém um público não-especificado. Além disso, ao ter o mesmo critério de identificação e de controle de variáveis linguísticas e extralinguísticas, a obtenção dos resultados específicos são comparáveis e viabilizam a verificação da aplicação da regra variável no intervalo de tempo investigado.

O modelo laboviano, desse modo, fornece subsídios teórico-metodológicos para a sistematização e a análise da variação/mudança. Todavia, segundo WLH (2006 [1968]), é necessário lidar com alguns problemas, sintetizados no Quadro 1:

Quadro 1: Problemas para a sistematização da mudança linguística

	PROBLEMAS	SISTEMATIZAÇÃO (respostas)
(i)	Fatores condicionantes	Observação de quais são os fatores condicionantes que favorecem (ou inibem) a mudança, a fim de determinar os contextos possíveis que levam à implementação de uma forma variante na língua.
(ii)	Transição	Análise das variantes em estágios intermediários e em diferentes momentos para que o processo de mudança seja delineado.
(iii)	Encaixamento	Verificação de como a mudança está encaixada linguística e socialmente, isto é, em que nível - interno e externo - a variável se insere na comunidade de fala. Análise, além disso, de quais outras mudanças podem ser associadas àquela investigada, ocasionadas de maneira não acidental.
(iv)	Avaliação	Reconhecimento do grau da consciência social do falante em relação ao fenômeno variável e como isso afeta o processo de mudança na língua.
(v)	Implementação	Estabelecimento de quais fatores são responsáveis pela mudança, o que implica na investigação do porquê uma mudança ocorrer em determinada época e não em outra. Para responder a este problema é fundamental a combinação dos anteriores.

Fonte: Própria. Elaboração a partir de WLH (2006 [1968], p. 121-125)

Responder plenamente a todos estes problemas nesta pesquisa não é nossa pretensão, mas, com base nas análises dos dados, podemos contribuir para o debate acerca dos **fatores condicionantes** do processo de variação e de mudança de futuro (futuro perifrástico). Além disso, ao termos como foco o gênero social em duas sincronias (décadas de 1920 e início de 1970), também nos comprometemos a buscar respostas para os problemas de **transição**, pela análise de diferentes estágios do processo; de **encaixamento na matriz social**, na medida em que verificamos se o gênero feminino é, afinal, um fator que pode se relacionar com a mudança; de **avaliação social** com base na premissa laboviana do Paradoxo do Gênero (cf. subseção 1.2); e de **implementação** de modo que investigamos em qual período ocorre o processo de mudança e por que meios (fatores externos e internos).

1.2 Discussões sobre gênero social na Sociolinguística

Como outros fatores extralinguísticos clássicos (idade e escolaridade, por exemplo), a variável “sexo/gênero”⁶ é passível de ser controlada e estatisticamente medida em interação com fenômenos linguísticos variáveis. Em princípio, tal correlação, segundo afirmam Wodak e Benke (1997 apud SEVERO, 2006), foi proposta por Labov na década de 1960, no entanto, uma primeira referência é, segundo Paiva (2013), verificada em Fischer (1958 [1974]).

Fischer (1958 [1974]) na análise da variação entre a pronúncia velar e dental do sufixo verbal *-ing* (como *studying*, *working*) na fala de crianças de uma comunidade rural da Nova Inglaterra, localizada nos Estados Unidos da América, observa que as meninas utilizam com maior frequência a forma padrão⁷ (pronúncia velar) do que os meninos. Paiva (2013, p. 33-34), realizando uma análise do estudo em questão (FISCHER, 1958 [1974]), ainda acresce o fato das variantes se ligarem à valorização social, pois ao passo que a pronúncia velar *-ing* é a forma prestigiada, a pronúncia dental *-in* consiste em uma forma não-prestigiada. A diferença de usos entre meninas e meninos, desse modo, estaria relacionada ao prestígio ou não-prestígio de *-ing* e *-in*, respectivamente.

Também Labov (2006 [1966]) ao verificar o inglês americano falado de Nova Iorque e analisar as duas diferentes maneiras de se articular o /r/ pós-vocálico (presença *versus* ausência do segmento fônico), comprova que as mulheres tendem a realizar mais a variante

⁶ Dada as alterações (e misturas) terminológicas, aqui, também optamos pelo uso do termo “sexo/gênero” em alguns momentos, quando nos referimos aos estudos sociolinguísticos em geral.

⁷ O padrão, de acordo com Faraco (2004, p. 42), tem certo efeito unificador que tenciona a uma homogeneização do sistema linguístico, muito embora esse objetivo seja ilusório.

inovadora (pronúncia do [r] pós-vocálico) do que os homens. O que se verifica no estudo é que as mulheres lideram o processo de mudança linguística.

Para dar conta dessa categoria social, Labov (1990, p. 205-206) propõe o Paradoxo do Sexo e elabora dois princípios básicos para o tratamento de um fenômeno variável, amplamente aceitos nos estudos da área como hipóteses clássicas: “(i) em casos de variação estável, homens usam com mais frequência as formas não-padrão do que as mulheres; (ii) na maioria dos casos de mudança linguística, mulheres usam com maior frequência formas inovadoras do que os homens”⁸. Tais princípios são revisados por Labov (2001), admitindo a substituição do termo na definição, Paradoxo do Gênero, e acrescentando a noção de conformismo:

“em variáveis sociolinguísticas estáveis, as mulheres mostram taxas mais baixas de variantes estigmatizadas e taxas mais altas de prestígio do que os homens”, apresentando comportamento conservador e conformista, ou seja, em conformidade com as normas explicitamente estabelecidas (Labov, 2001: 266; 367)

“em mudanças *from above* [com consciência social e externas à variedade em uso], as mulheres adotam formas de prestígio com taxas mais altas do que os homens”, apresentando comportamento inovador, mas que está também em conformidade com as normas explicitamente estabelecidas.” (Labov, 2001: 274; 366-367)

“em mudanças *from below* [sem consciência social e internas à variedade em uso], as mulheres usam frequências mais altas de formas inovadoras do que os homens”, apresentando assim comportamento inovador, mas em dissonância (*nonconforming*) com as normas explícitas estabelecidas. (Labov, 2001: 292; 366-367 apud SCHERRE; YACOVENCO, 2011, p. 123).

É neste último princípio que esta pesquisa se debruça. Todavia, não podemos perder de vista que, como afirma Freitag (2015), em muitos estudos sociolinguísticos do Brasil, as interpretações dadas no controle da variável “sexo/gênero” são aleatórias ou circulares, de modo que a primeira recai nas generalizações dos resultados estatísticos e a segunda, em consequência, nas ideias de que (i) se são as mulheres que mais usam uma determinada variante em relação aos homens, automaticamente, a forma é prestigiada e (ii) se de início se assume que a variante tem maior prestígio, a conclusão é de que as mulheres, automaticamente, tendem a usá-la mais do que os homens. Compete-nos, assim, o questionamento: as “mulheres usam determinadas variáveis porque elas têm prestígio ou as variáveis têm prestígio porque as mulheres usam? O fato de constatar que as mulheres aderem

⁸ (i) In stable sociolinguistic stratification, men use a higher frequency of nonstandard forms than women.(ii) In the majority of linguistic changes, women use a higher frequency of the incoming forms than men” (LABOV, 1990, p. 205-206).

a uma variante implica em generalizar que a variante tem prestígio?” (FREITAG, 2015, p. 38).

A associação entre prestígio e consciência social, muitas vezes assumida indiscriminadamente nos estudos sociolinguísticos, também é alvo de questionamentos. Existe uma tendência em correlacionar as variantes em relação ao prestígio/estigma, além de polarizar variante inovadora como não-prestigiada e variante conservadora como prestigiada. Não necessariamente uma forma sem prestígio é estigmatizada, o contrário também é verdadeiro. Do mesmo modo, é fato que uma variante inovadora pode estar coadunada ao prestígio social, como é verificado no estudo de Labov (2006 [1966]), embora essa ligação não seja comum.

Nesse sentido, é necessária a revisão das interpretações, até então admitidas, dessa categoria social em relação aos processos de variação e de mudança na língua, que proceda de uma hipótese delimitada desde as etapas preliminares da pesquisa, já que muitas vezes se controla a variável e só depois busca-se por resultados (FREITAG, 2015). Levar em consideração o **tempo** e a **comunidade** em estudo, como aqui fazemos (cf. seção 2), é importante, além de, como aponta Freitag (2015), sempre que possível, aplicar testes de atitudes⁹ para a mensuração da avaliação social do fenômeno variável. Paiva (2013, p. 37) também afirma que o cruzamento do “sexo/gênero” com outros fatores de mesma natureza leva à observação dos padrões emergentes da correlação entre os aspectos internos e externos na língua.

Cabe evidenciar que, a partir dos anos 1990, os trabalhos da área da Sociolinguística adquiriram novo interesse ao adotar uma perspectiva construcionista social e investigar as complexidades existentes entre língua(gem) e a construção do gênero social que vai, portanto, muito além dos aspectos biológicos. Eckert e McConnell-Ginet (1992), por exemplo, instauram o conceito de “comunidade de prática”, primeiramente utilizado por Lave e Wenger (1991), aos estudos de gênero e sustentam, de acordo com Ostermann e Fontana (2010, p. 11), que “identidade de gênero também é negociada por meio da participação dos indivíduos em comunidades de práticas, e que gênero é mutável e “aprendido” em comunidades”. Ou seja,

⁹ Em nosso caso, não haveria a possibilidade da aplicação de testes de atitude num plano sincrônico, pois, como apontam os estudos sociolinguísticos sobre as formas variáveis de futuro, não há diferenças de usos entre homens e mulheres no PB falado do século XXI, já que o futuro perifrástico tem uma frequência relativamente alta de usos, estando, portanto, a mudança linguística em fase muito avançada (cf. subseções 1.3.3 e 1.4). Ressaltamos que testes (percepção/atitude) sobre o fenômeno em análise foram realizados e mobilizam outras discussões, sem focar em questões relativas ao gênero, como é o caso, por exemplo, do trabalho de Oliveira (2011). Apesar de trabalharmos de modo específico com a modalidade escrita, consideramos que os testes estariam enviesados pelas razões descritas acima.

gênero não é estático e, sim, construído a partir do engajamento social nas práticas de interação.

Gênero, portanto, é algo que se manifesta em nosso cotidiano, por isso, não temos ou somos um gênero. Freitag (2015, p. 24, grifo nosso) exemplifica que:

Não há uma razão biológica para [que] a mulher caminhe com certo requebrado e os homens de peito erguido ou para que as mulheres pintem as unhas de vermelhos e os homens não. Agimos assim porque somos moldados para tal. E por ser uma construção, **não podemos dizer que somos de um ou de outro gênero, e sim estamos.**

Além disso, o movimento feminista, dividido em três coexistentes ondas, tem papel importante para o que atende à construção de gênero (feminino). Nessa direção, importa ressaltar que a primeira onda (início do século XX), que marca o nascimento do feminismo, tem como foco a luta dos direitos civis das mulheres e o fim da opressão masculina; enquanto que a segunda onda (1960 e 1970) se manifesta com o propósito de buscar justiça e igualdade nas relações homem/mulher; já a terceira onda (1980) liga-se às diferenças “da alteridade, da diversidade e da produção discursiva da subjetividade” com o desafio de “pensar, simultaneamente, a igualdade e a diferença na constituição das subjetividades masculina e feminina” (FREITAG, 2015, p. 22).

Assim, a distinção terminológica das categorias “sexo” e “gênero” foi impulsionada pelas ondas do movimento feminista, a fim de conferir o caráter social, para além do biológico, à formação do indivíduo. Butler (2003 [1990], p. 24) problematiza que:

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído, consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo.

O gênero, para Butler (2003 [1990]), é visto como uma construção social que, por sua vez, é fundamentada nas relações entre sujeitos em contextos próprios. Desse modo, segundo a autora, “como um fenômeno inconstante e contextual, o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes” (BUTLER, 2003 [1990], p. 29).

É, pois, possível verificar que, alinhadas às teorias feministas, diferentes perspectivas ligadas à variação linguística e essa categoria social foram consideradas nos estudos sociolinguísticos. Porém, apesar dos avanços nas ciências sociais quanto às noções de “sexo”

e “gênero”, na tradição laboviana essa variável, muitas vezes, é limitada a uma perspectiva essencialista (modificada) e abordada apenas em função de aspectos biológicos, mesmo que as explicações de seus efeitos no cenário da variação/mudança linguística sejam de natureza social.

De acordo com Bucholtz (2002, p. 34), em grande parte dos estudos variacionistas mudaram-se apenas os rótulos: as “diferenças de gênero” foram reduzidas às “diferenças de sexo”¹⁰. Cheshire (2002) aponta que há pesquisas que usam um ou outro para distinguir o biológico do social, muito embora reconheça a complexidade da categoria de gênero. Segundo ela, os dois conceitos caminham lado a lado no pensamento da sociedade e, por isso, é difícil separá-los por completo, uma vez que o corpo é tomado como parte dos processos histórico-culturais.

Como vemos, apreender a relação entre variação linguística e “sexo/gênero” não é trivial. Eckert (2012), em razão das tensas discussões sobre tal categoria, divide as tendências da Sociolinguística em três ondas e, assim como no movimento feminista, não reconhece uma cronologia definida entre as fases, tampouco a substituição umas das outras.

A primeira onda, segundo Eckert (2012), foi fundamental para definir a metodologia das pesquisas variacionistas e representa os estudos associados à identificação de padrões regulares de distribuição das variantes linguísticas usadas por comunidades de fala sociodemograficamente definidas. A correlação entre fenômenos variáveis e categorias sociais, como idade, “sexo/gênero” e classe socioeconômica, é entendida como mapa para a variação, no qual o estilo de fala é analisado conforme os traços de prestígio/estigma.

Os estudos da segunda onda, apesar de terem os mesmos objetivos dos da primeira, diferenciam-se daqueles ao adotar o método etnográfico e analisar uma comunidade de fala localmente definida para a investigação da variação linguística (ECKERT, 2012). O quadro local é considerado relevante para a observação de categorias sociais, já o estilo de fala é visto como expressão de identidade e de pertencimento do sujeito na comunidade.

Na terceira onda, os estudos retomam o foco no significado social da linguagem e voltam-se à análise das comunidades de prática. O intuito é investigar a correlação entre categoriais sociais atuantes nos padrões da língua, a fim de observar as práticas estilísticas em função do cotidiano linguístico de um grupo de sujeitos engajados em propósitos comuns. Nessa perspectiva, conforme Eckert (2012), a principal alteração é a de observar o cenário da variação linguística como reflexo das identidades, social e culturalmente construídas, a partir

¹⁰ “While the labels had changed, research on “gender differences” was very much like research on “sex differences” [...]” (BUCHOLTZ, 2002, p. 34).

das interações. Para o desenvolvimento desta pesquisa, consoante os estudos dessa última onda, entendemos a relação entre gênero e variação linguística como o modo pelo qual o indivíduo se identifica e se constrói por meio de mecanismos disponíveis no sistema linguístico.

Ora, convencionalmente se tem admitido que a mulher está associada às formas prestigiadas, porém, tal correlação não é tão simples: pensando em termos de gênero social, é ainda muito complexo o trabalho com essa categoria na linguagem. A contribuição deste trabalho é, portanto, tratar de uma discussão possível do papel do gênero feminino na mudança linguística, em particular na mudança das formas de futuro verbal no PB, por meio do que metodologicamente a Sociolinguística nos oferece.

1.3 Fenômeno de estudo: o futuro verbal

1.3.1 Formas de futuro: breve percurso do latim ao português

Antes de tratarmos sobre a trajetória histórica das formas de futuro desde o latim, contextualizamos a noção desse tempo verbal que leva à compreensão da motivação de usos das estruturas sintéticas e analíticas no sistema linguístico do PB.

Partimos da interpretação de Reichenbach (1947), na qual propõe a lógica da divisão dos tempos nas línguas naturais¹¹. Segundo o teórico, os eventos estão ligados à posição do indivíduo na linha temporal e estão relacionados à simultaneidade, anterioridade e posterioridade do conteúdo proposicional do enunciado.

São consideradas as noções seguintes:

- ❖ **Momento da Fala (MF):** É o ponto dêitico, ou zero, do enunciado;
- ❖ **Momento do Evento (ME):** É o ponto que situa a ação manifestada pelo verbo;
- ❖ **Momento de Referência (MR):** É o contexto referencial em que o falante localiza o evento no enunciado.

Nessa perspectiva, o ME futuro, nosso ponto de interesse, é posterior ao MF e esse, por sua vez, simultâneo ao MR ($MF = MR \rightarrow ME$). Porém, para além dessa fórmula, o futuro é uma categoria temporal complexa, pois, conforme explica Silva (1997), ao contrário do

¹¹ Diversos estudos linguísticos do Brasil sobre tempo verbal, a exemplo Corôa (1985), Baleeiro (1988) e Silva (1997), são fundamentados em Reichenbach (1947).

passado e do presente, pertence ao modo *irrealis*, ou seja, é um tempo que não existe no sentido de não ser material, já que é construído a partir de nuances modais, tais como possibilidade, expectativa, suposição e antecipação do falante em relação ao evento por-*vir*.

Dada a natureza hipotética, várias são as discussões na Linguística sobre a sua classificação gramatical: constrói-se como tempo ou como modo¹²?

Câmara Jr. (1956) afirma que o futuro, nas línguas indo-européias, nasce muito mais como modo do que como tempo. Para ele, o tempo futuro surge como secundário ao sistema linguístico: antes de indicar o MF → ME, expressa a atitude do sujeito no contexto comunicativo.

Complementar a essa ideia, nos dizeres de Baleeiro (1988, p. 15),

O Futuro, como categoria temporal, não indica apenas a realização do processo em um momento posterior ao ato da fala [...] o Futuro é um olhar atirado a um evento que não ocorreu e assim pressupõe um estado de espírito especial, com sentimentos de dúvida, expectativa, possibilidade ou obrigatoriedade do evento.

Também na visão de Almeida (1980), tempo e modo não se separam da noção de futuro verbal, ao contrário, são categorias indissociáveis; o que se verifica é a predominância de um valor a depender da construção do enunciado. Paralelamente, Corôa (1985, p. 57), ao citar Martin e Nef (1981), admite que o futuro não é uma continuação linear do passado e do presente, já que se trata apenas de uma possibilidade do porvir e, desse modo, “expressa sempre um pensamento que parte do possível para a certeza: interpretações antecipadas sobre este movimento fornecem empregos modais; interpretações posteriores fornecem empregos temporais”. Lyons (1977) também reforça a ideia de que o futuro não é apenas uma noção temporal, junto ao tempo há asserções modalizantes ou elementos de predição.

É por esse motivo que, nas palavras de Silva (1997, p. 9), “desvincular as categorias tempo e modo, nas formas verbais do futuro, privilegiando uma em detrimento da outra, é negar o valor temporal e o grau de modalização implícito nas próprias características desse tempo verbal”. Assim, por um lado, o futuro interno é modal, mas no momento em que é exteriorizado revela-se temporal. Essa estreita relação explica, em parte, a evolução estrutural do futuro verbal nas línguas românicas.

Para Câmara Jr. (1979, p. 163), além das formas flexionais do verbo, o uso de duas formas verbais para indicar categorias ou nuances categóricas, não previstas no quadro de

¹² Por “modo”, assim como Silva (1997), entendemos a modalização linguística que indica a avaliação feita pelo falante no discurso, envolvendo nuances de dúvida, certeza, desejo, obrigação, permissão etc.

flexões, sempre foi comum nas línguas indo-européias. Essas construções verbais são chamadas de “perífrases” que, segundo a definição de Almeida (1980, p. 7), são aquelas que reúnem um verbo auxiliar a uma forma nominal (infinitivo, gerúndio ou particípio), sendo que na auxiliação “tem de haver uma incidência do auxiliante e, de certa maneira, uma reciprocidade do auxiliado”. A composição do futuro verbal é um exemplo.

Numa perspectiva histórica, voltando-nos ao latim, Câmara Jr. (1956) afirma que a partir do século III a.C. três formas verbais sintéticas eram empregadas para expressar futuro: (i) futuros arcaicos, a exemplo *faxo* e *capso*, que têm como referências os futuros em *-so* do grego e do osco-umbro e em *-syá*, do sânscrito; (ii) formas oriundas do subjuntivo, como *ero*, *legam* e *uenies*; (iii) formas em *-bo*, como *cantabo*, de raiz indo-européia *-bhwe* (OLIVEIRA, 2006, p. 20).

Entretanto, o latim vulgar foi o responsável por abandonar tais formas, ao que parece, na busca por estruturas mais expressivas, desencadeando o processo de substituição por perífrases. Santos (2002), a partir das explicações de Câmara Jr. (1956), argumenta que no latim vulgar não havia espaço para estruturas de futuro estritamente temporais, ao menos de início, já que eram exclusivas da língua culta. Nas palavras da autora “não haveria no latim vulgar as condições para o uso de formas exclusivamente futuras “propiciantes à intelectualização da categoria temporal”, exclusivas da língua culta” (SANTOS, 2002, [p. 2]). Nessa perspectiva, para Santos (2002), uma das possíveis motivações da preferência de construções perifrásticas se deu pela influência de gradações modais, nas quais a atitude do falante era expressa junto a noção de tempo futuro.

A primeira forma analítica com valor de futuro nas línguas românicas ocidentais, manifestada num primeiro momento no latim clássico, de acordo com Fleischman (1982, p. 35), é a combinação do particípio futuro ativo em *-urus* com formas de *sum*, como *facturus sum*, *eram*, *ero* etc., que passou a concorrer com o verbo principal no infinitivo junto ao auxiliar *habere* no presente do indicativo.

Segundo os registros históricos, *habere* era auxiliar modal deôntico (*cantare habeo/habeo cantare*¹³ = hei de cantar; devo cantar). Apenas no século IV adquire valor de “futuro puro” e começa a aglutinar-se ao verbo principal. Mediante a uma trajetória de gramaticalização, no século XII, a perífrase transforma-se em síntese, conforme o esquema de

¹³ Não havia, de início, um padrão sequencial dos verbos nessa construção perifrástica, o auxiliar poderia vir tanto antes quanto depois do verbo principal no infinitivo. Somente na última fase do latim vulgar, ou na primeira do românico, que se estabelece o modelo AUXILIAR + PRINCIPAL na forma verbal (COUTINHO, 2011, p. 276).

Câmara Jr. (1956), (cf. Figura 1), e dá origem ao que hoje é conhecida como forma sintética de futuro no PB:

Figura 1: Esquema de gramaticalização das formas de futuro do latim ao português



Fonte: Própria. Elaboração a partir da proposta de Câmara Jr. (1956)

Santos (2002) evidencia que a partir dos séculos XIII e XIV emerge na língua portuguesa o futuro perifrástico tal como entendemos, construído por meio do auxiliar IR no presente do indicativo ligado ao verbo principal no infinitivo. Essa forma, desde então, passou também por estágios de gramaticalização que, em resumo, podem ser explicados a partir de três fases:

Na primeira fase, foi uma construção sintática – **vou fazer** – com o verbo **ir** no seu pleno significado semântico de **ir** (verbo de movimento). Na segunda fase, o verbo **ir** perdeu o seu valor semântico. A ligação da construção com o presente foi mantida através deste verbo que se encontra no indicativo do presente. O conteúdo da construção terá sido o futuro próximo ou poderíamos designá-lo **pospresente**. Na terceira fase da sua evolução, a construção usava-se cada vez mais frequentemente no valor do futuro, representando assim uma alternativa ao futuro sintético. Ia perdendo por conseguinte o seu sema temporal de proximidade (futuro próximo ou pospresente). Isso levou finalmente à neutralização da oposição temporal entre as formas **vou falar** e **falarei** (HRICSINA, 2011, p. 177, grifos do autor).

As estruturas que formam o que chamamos de futuro verbal, portanto, foram se intercalando e se modificando entre formas sintéticas > formas analíticas > formas sintéticas... Silva (1997, p. 73), remetendo-se à Fleischman (1982), sugere que essa alternância seja resultado de um processo cíclico-padrão das línguas românicas, consequência da

expressividade temporal/modal: uma perífrase se sintetiza e, quando a forma sintética se torna fixa, é substituída por uma nova estrutura perifrástica mais expressiva. Parece existir, então, certa regularidade de variação no que se refere às formas de futuro verbal, e como verifica Câmara Jr. (1956), o ciclo se repete no PB, dando continuidade ao que houve no latim.

De fato, na contemporaneidade, o futuro perifrástico vem substituindo o futuro sintético em muitos contextos. Por esse motivo, conforme investigado nos estudos sociolinguísticos tratados mais à frente (cf. subseção 1.3.3), esse processo de concorrência configura um cenário de mudança linguística em curso.

1.3.2 Formas de futuro sob a ótica das gramáticas

Apesar do emprego da estrutura perifrástica IR + infinitivo não ser recente na língua portuguesa, tal como aludimos na subseção anterior, a sua classificação e descrição ainda carece de explicações nas gramáticas contemporâneas do PB, de modo que seja vista diretamente como uma forma possível na codificação de tempo futuro.

Pensando no Paradoxo do Gênero (cf. subseção 1.2), o fato de determinada forma variante ser ou não prescrita pode vir a ser importante para entender o papel do gênero feminino na mudança linguística. Por essa razão, traremos algumas das principais abordagens de algumas gramáticas do PB sobre nosso fenômeno em estudo, quais sejam: a visão tradicional (CUNHA; CINTRA, 2008; BECHARA, 2010), a histórica (SAID ALI, 2001) e a descritiva (MATEUS et al, 2003; PERINI, 2005).

Cunha e Cintra (2008), sobre verbos auxiliares, mencionam como os mais comuns “ter”, “haver”, “ser” e “estar” e complementam com “**ir**”, “vir”, “andar”, “ficar” e “acabar”, ligados ao verbo principal no gerúndio, particípio ou infinitivo “para expressar matizes de tempo ou para marcar certos aspectos de desenvolvimento da ação” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 411). No que diz respeito à construção perifrástica IR + infinitivo, os autores dizem estar ligada a contextos em que o falante/escrevente manifesta maior certeza sobre o fato ou transmite a ideia de um futuro próximo. Exemplificam com os seguintes enunciados: “**vou procurar** um médico” e “o navio **vai partir**” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 411, grifos dos autores).

Quando se referem ao futuro verbal, Cunha e Cintra (2008) apontam várias colorações modais que essa forma pode assumir, como certeza, possibilidade, dúvida, suposição etc. Segundo eles, a forma sintética é rara na língua e há outras substituições possíveis, citam: HAVER de + infinitivo, TER de + infinitivo e IR + infinitivo. Mas, além da primeira forma

não ser produtiva no PB contemporâneo (cf. subseção 1.3.3), diferenciam-nas (respectivamente) em graus de intenção, obrigatoriedade e imediatez.

Cunha e Cintra (2008) também apontam o presente como possível na codificação do evento posterior, utilizado em contextos de um futuro mais próximo. Para impedir ambiguidades, tal como sustentam, essa forma deve vir acompanhada, de modo geral, de adjuntos adverbiais de tempo, como: “amanhã mesmo **vou** para Belo Horizonte, outro dia eu **volto**” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 463, grifos nosso).

Já Bechara (2009) apresenta um exemplo da construção com o auxiliar Haver junto a preposição “de” e o verbo principal no infinitivo na seção dedicada à locução verbal: “hei de estudar” (BECHARA, 2009, p. 230). Entretanto, não comenta sobre o uso Haver de + infinitivo estar associado ao tempo futuro e, além disso, sobre essa estrutura não ser mais usual no sistema linguístico do PB. Apenas a forma do presente acompanhada de advérbios é citada por Bechara (2009) na função de expressar o porvir para “indicar com ênfase uma decisão”, tal como “amanhã eu **vou** à cidade” (BECHARA, 2009, p. 276, grifo do autor). Convém enfatizar que o autor nada diz sobre IR + infinitivo.

Said Ali (2001), por outro lado, após tratar sobre o histórico do futuro verbal nas línguas românicas, reconhece a forma sintética de futuro, a forma do presente com valor de futuro e a construção com IR + infinitivo para a expressão do porvir. Mais especificamente sobre essa última, o autor considera que seu uso está associado à manifestação de locomoção e de desejo de um evento próximo e afirma que:

Nos dizeres “Vou ler agora mesmo esta carta”, “Vou dizer já o que eu penso”, “Vai chover”, “Ele vai ficar zangado” e outros do mesmo gênero, **tão frequentes em nosso cotidiano**, vem primeiro o verbo já sem o sentido de deslocamento de um ponto para o outro. **Funciona como auxiliar dos diversos infinitivos**, significando a forma assim composta um ato cuja realização próxima prometemos com firmeza, falando de nós mesmos, ou damos como certa, falando de outrem (SAID ALI, 2001, p. 247, grifos nosso).

Como destacado acima, Said Ali (2001) refere-se ao IR como auxiliar quando aborda os tempos verbais no futuro e acrescenta que a construção perifrástica formada com esse verbo no presente do indicativo junto ao verbo principal no infinitivo é bastante frequente no cotidiano, contudo, afirma que a estrutura tem um sentido específico no enunciado, de realização próxima, de firmeza do evento. O autor, por conseguinte, não esclarece que essa forma pode funcionar como alternativa de uso em lugar do futuro sintético.

Mateus et al (2003), ao apresentarem os tempos gramaticais, consideram que em determinadas construções com o verbo no presente pode expressar evento futuro “nomeadamente quando apoiado por adverbiais e quando o predicado selecionado é um evento”, como exemplificam no enunciado: “amanhã a Rita **corre** no estágio universitário/**apresenta** uma comunicação/**chega** ao topo dos Pirinéus” (MATEUS et al, 2003, p. 154, grifos nosso).

Já na subseção do futuro verbal, em Mateus et al (2003, p. 158), a estrutura IR + infinitivo é apenas citada, ao lado da forma simples do presente, como preferível em contextos prospectivos. Nada mais comentam sobre a construção perifrástica, a não ser na subseção de semiauxiliares que, segundo dizem, “são verbos esvaziados de significado lexical, sem grelha argumental, que respondem afirmativamente a alguns mas não a todos os critérios de auxiliaridade” (MATEUS et al, 2003, p. 315). Nesse sentido, o verbo IR, ligado ao verbo principal no infinitivo, é reportado como temporal e mais próximo dos auxiliares “puros”, no entanto, não há qualquer referência ao tempo futuro, tampouco a alusão dessa forma como uma alternativa de uso para além da conservadora.

Do mesmo modo, Perini (2005, p. 253, grifos nosso) remete ao presente como possível na codificação do porvir, como em “amanhã eu **faço** isso para você”. Para ele, essa forma é bastante versátil, na medida em que pode expressar passado, presente e futuro. E, nesse caminhar, conforme afirma o autor, a relação estabelecida entre tempo verbal (morfológico) e tempo semântico é bastante complexa.

Por outro lado, quando versa sobre o futuro verbal, Perini (2005) estabelece que esse se restringe à expressão do evento posterior, como se nota no seguinte enunciado: “**chegarei** de avião” (PERINI, 2005, p. 254, grifo nosso). Comentários sobre IR + infinitivo encontram-se na seção de verbos auxiliares, como em “Manuel **vai cortar** o bigode” (PERINI, 2005, p. 75, grifo do autor), porém, não há indicações de que essa construção pode estar em lugar de “cortará”, por exemplo, expressando, desse modo, o tempo futuro.

É notável que o quadro de variação e mudança linguística por nós investigado é, na maior parte das obras referidas, desconsiderado. As diferentes gramáticas (tradicional, histórica e descritiva), portanto, se mantêm numa mesma perspectiva. De todo modo, embora algumas delas reconheçam (indiretamente) a alternância entre as estruturas para expressar tempo futuro, admitem diferenças semânticas entre as variantes. Parece também que quando há uma remissão à outras formas de futuro, para além da conservadora, a ênfase é dada ao presente. Todavia, conforme veremos adiante, no PB atual, ao menos na fala, é o futuro

perifrástico (IR + infinitivo), em oposição ao futuro sintético, o mais empregado na codificação do evento posterior.

1.3.3 Formas de futuro sob a ótica dos estudos sociolinguísticos

Como um dos objetivos desta pesquisa é oferecer evidências diacrônicas em relação à implementação da mudança de futuro, apresentamos, nesta subseção, alguns dos principais resultados de estudos sociolinguísticos que se propuseram a investigar o mesmo fenômeno variável que o nosso, em diferentes amostras e períodos.

Contamos, ao longo da história do PB, além do futuro verbal em sua forma sintética (**cantarei**), com as seguintes formas perifrásticas para a expressão do evento posterior: (i) HAVER (no presente) de + infinitivo: **hei de cantar**; (ii) HAVER (no futuro) de + infinitivo: **haverei de cantar**; (iii) IR (no presente) + infinitivo: **vou cantar**; (iv) IR (no futuro) + infinitivo: **irei cantar**; além da forma do (v) presente com valor de futuro: **canto** (amanhã/depois...).

Dentre elas, segundo afirma Câmara Jr. (1979), a que substitui o futuro sintético no contexto discursivo menos formal é a forma simples do presente. Nas palavras do autor,

É o caráter modal que propicia o emprego frequente da perífrase com o indicativo presente de **ir** em vez do indicativo presente simples para expressar o futuro na língua coloquial: **ele vai chegar às duas horas**. É, porém, interpretação inadequada dizer-se, como se faz comumente, que se trata de uma substituição do futuro simples. O que substitui o futuro simples, na linguagem coloquial, é o presente. As locuções com o presente de **ir** tiram sua motivação e sua frequência de emprego da significação modal e aspectual que contém. Assim, o que elas substituem é o presente simples para assinalar mais atitude psíquica de intenção e expectativa (CÂMARA JR., 1979, p. 173, grifo do autor).

Contrário a essa proposição, conforme a bibliografia sociolinguística consultada (cf. GIBBON, 2000; OLIVEIRA, 2006; SILVA, 2006; BRAGANÇA, 2008; MALVAR; POPLACK, 2008; TESCH, 2011; ALMEIDA, 2015), verificamos um quadro de mudança linguística em andamento, no qual o futuro perifrástico (IR + infinitivo), e não o presente, está substituindo o futuro sintético no PB contemporâneo¹⁴.

¹⁴ Ressaltamos, contudo, que as considerações de Câmara Jr. (1979) foram escritas na segunda metade do século XX, além do fato de que não partiram de uma verificação sociolinguística. De lá para cá, ao que parece, o fenômeno caminhou para outra direção, suplantando a teoria de substituição do futuro sintético pelo presente.

Gibbon (2000) quando se propôs a investigar o futuro variável em um plano sincrônico por meio das formas (i) futuro sintético; (ii) futuro perifrástico e (iii) presente com valor de futuro, na fala de moradores da cidade de Florianópolis-SC, confirma ser a variante conservadora a menos usada, com apenas 10 ocorrências (1%) do total de 743 dados. Explica a pesquisadora que a variação se deu, em seu *corpus* de análise, entre as outras duas estruturas verbais, nas quais 453 (61%) referem-se à construção perifrástica de futuro e 280 (38%) ao presente. Os dados extraídos de Gibbon (2000) em relação às ocorrências de futuro perifrástico e de presente são ilustrados, nessa ordem, a seguir:

- (5) Não **vou sair** daqui aprendendo falar corretamente [FLP 15, L 0328] (GIBBON, 2000, p. 82).
 (6) Olha, se acontecer qualquer coisa, tu **pedes** pra ligar, eu estou lá na clínica... [FLP 23, L 1192-1193] (GIBBON, 2000, p. 88).

Dentre os resultados estatisticamente relevantes, a autora verifica que a forma IR + infinitivo é condicionada por fatores formais, semântico-discursivos e pelo fator idade, na medida em que, respectivamente, é favorecida, sobretudo, quando há paralelismo e, em contrapartida, é inibida em contextos de futuridade e em verbos que apresentam traços semânticos de movimento. Além disso, o uso mais frequente da variante inovadora está associado aos falantes florianopolitanos mais jovens, o que aponta para uma mudança linguística em tempo aparente.

Com esse estudo, Gibbon (2000) comprova que o futuro sintético está em declínio e o que o futuro perifrástico, segundo seus dizeres, é bastante recorrente em quase todos os contextos (extra)linguísticos analisados e vem adquirindo espaço na língua, ao menos na fala de parte da região sul do Brasil.

Cabe destacar que o processo da mudança de futuro não é abrupto e começa, na primeira etapa, entre as construções HAVER de + infinitivo → IR + infinitivo em coocorrência com o futuro sintético (de início, o mais empregado)¹⁵.

Silva (2006), por exemplo, na análise da variação de formas de futuro¹⁶ em parte da região sudeste do Brasil, a partir de uma amostra constituída por textos escritos semi-formais,

¹⁵ Optamos por não enquadrar nas discussões a forma do presente. Embora apareça associada ao tempo futuro desde o século XVI e seja produtivo na língua sincronicamente (GIBBON, 2000), é uma variante que não está em análise nesta pesquisa. Limitamo-nos, aqui, à descrição dos estudos sociolinguísticos, tendo como foco o futuro sintético e o futuro perifrástico, apesar de referenciarmos também HAVER + infinitivo, já que essa forma desempenha um papel nesse processo de mudança. A decisão de realizar uma investigação de variáveis binárias encontra-se explicada em “Decisões Metodológicas”, na subseção 2.5.

observa que no século XVIII há uma presença relativamente significativa de futuros perifrásticos, dentre os quais a construção com o auxiliar HAVER, exemplificada no trecho (7), é a forma analítica mais produtiva na língua até o século XIX. Em relação ao século XX, após os anos 1950 e, em especial no ano 1975, há um aumento do futuro perifrástico IR + infinitivo (trecho 8), que se torna o mais frequente em relação à outras variantes estudadas na pesquisa:

(7) A Mesa da Sancta Casa de Misericordia d'esta Imprial Cidade faz constar ao respeitavel Publico, que por todo o mez de Julho proximo Futuro **hade** indefectivelmente **extrair** se a loteria da mesma, cujos bilhetes se achão á venda nos logares já por esta folha indicados [*O Farol Paulistano*, 07 de junho de 1828] (SILVA, 2006, p. 65).

(8) Sábado próximo passado casaram de uma só vez Silvia e Bilo Bottesini: Ela **vai morar** nos Estados Unidos [...] [*A Comarca*, 11 de janeiro de 1975] (SILVA, 2006, p. 64).

De modo similar, Malvar e Poplack (2008)¹⁷, por meio de diferentes *corpora* (diacrônico e sincrônico, escrito e falado) do PB, verificam que nos séculos XVI e XVII o futuro sintético estava em coocorrência com HAVER de + infinitivo, entretanto, no século XIX o auxiliar IR começa a se introduzir no sistema linguístico, mesmo de maneira acanhada, passando no século XX a substituir o futuro sintético e assumir a expressão de eventos posteriores¹⁸. Nesse último estágio, conforme afirmam as autoras, o auxiliar com o verbo HAVER desaparece, ao menos no contexto variável.

Com base nesses estudos, podemos afirmar que há, de início, uma concorrência entre as perífrases com os auxiliares IR e HAVER, que se configuram como parte de um cenário maior de disputa entre formas “sintética *versus* analíticas” nos períodos aludidos.

Sobre isso, verificam Malvar e Poplack (2008, p. 189) que:

gradualmente as variantes se estabelecem ou deixam o contexto variável, assumindo durante o processo as funções de suas antigas contrapartes ou as abandonando totalmente. Enfatizamos que em nenhum momento durante esta evolução a seleção das variantes foi livre ou idiossincrática; pelo contrário, cada variante foi regularmente condicionada por elementos de

¹⁶ Silva (2006) verifica cinco variantes de futuro verbal: (i) futuro sintético; futuros perifrásticos: (ii) HAVER (no presente) de + infinitivo; (iii) HAVER (no futuro) de + infinitivo; (iv) IR (no presente) + infinitivo e (v) IR (no futuro) + infinitivo.

¹⁷ Malvar e Poplack (2008) verificam quatro variantes de futuro verbal: (i) futuro sintético; (ii) presente com valor de futuro; e futuros perifrásticos: (iii) HAVER (no presente) de + infinitivo; (iv) IR (no presente) + infinitivo.

¹⁸ Para o século XX, diferentemente dos outros períodos, Malvar e Poplack (2008) utilizam dados da fala de moradores da classe trabalhadora de Brasília-DF.

seus contextos preferidos. Atualmente, todos esses contextos já foram praticamente tomados por IR, que representa, embora não reconhecidamente, o novo *default* de futuro.

Dentre as explicações linguísticas possíveis sobre as causas que levaram à inserção da forma inovadora (IR + infinitivo) na língua, Silva (2006) sugere a relação espaço-tempo (processo de gramaticalização). Valendo-se da proposta de Heine (1991), a pesquisadora admite que o emprego do futuro perifrástico se instaura a partir de um deslocamento espacial [+ concreto] expresso pelo verbo IR, como exemplificados nos trechos (9) e (10), que segue para um deslocamento temporal [- concreto] como em (11):

(9) Pelo pé da Serra Negra corre um ribeirão que **vai buscar** as cabeceiras do dito morro Taijó, o qual morro é baixo, redondo, agudo com sua campina ao pé, e tem este feitio [*Relatos Sertanistas*, p. 144] (SILVA, 2006, p. 69).

(10) O dito rio Lopo, que recebendo em si da parte do leste ao Rio Fundo com mais alguns córregos se **vai meter** no Parabuna [...] [*Relatos Sertanistas*, p. 162] (SILVA, 2006, p. 69).

(11) O abaixo assignado participa a todos os Senhores que lhe são devedores de mais de 6 mezes em acentos de livros sem clareza de tempos tractados, e assim mais os que forem devedores por letras e valles, e ja vencidos, hajão de virem ou mandarem pagar seus debitos até o dia 15 de Janeiro de 1841, pois que já está cançado de mandar portadores com as contas a caza dos mesmos devedores, o anunciante faz este avizo para que depois não se escandalizem, pois que passado o dia 15 e não comparecendo os **vai chamar** a juizo empreterivelmente, [...] [*A Phenix*, 13 de janeiro de 1841] (SILVA, 2006, p. 70).

Além disso, Malvar e Poplack (2008, p. 194) remetem aos contextos menos marcados como favorecedores da entrada da perífrase no sistema linguístico, como verificado no trecho (12). A maior incidência do futuro sintético estaria associada aos contextos mais circunscritos, com a presença de advérbios não-específicos, como em (13):

(12) **Vou transmitir** essa ordem ao porteiro, porque eu posso não estar na ocasião [Azevedo 1897. Gerente: 23] (MALVAR; POPLACK, 2008, p. 195).

(13) Que impertinência! Logo **conversaremos** [Pena 1842, Cecília: 50] (MALVAR; POPLACK, 2008, p. 195).

Também há um consenso entre os trabalhos sociolinguísticos de que o processo de variação/mudança do futuro verbal caminha de maneira diferente conforme a modalidade da língua, de modo que no PB a implementação de IR + infinitivo como o novo *default* de futuro é mais evidente na fala se comparada à escrita (OLIVEIRA, 2006; BRAGANÇA, 2008; TESCH, 2011).

Oliveira (2006)¹⁹, além de empreender uma análise de textos escritos do PB durante os séculos XIII ao XIX, também realiza uma análise da escrita e da fala durante o século XX (décadas de 1970 e 1990). A partir de seus resultados, afirma haver uma relação inversa entre as duas modalidades: enquanto na fala a preferência é pelo futuro perifrástico, na escrita é o futuro sintético que lidera o uso. Evidenciamos, contudo, que embora a autora tenha investigado diferentes estilos de fala (mais e menos formais), a análise de textos escritos, e consequente comparação com a fala, foi realizada a partir de editoriais de jornais, ou seja, a verificação das variantes de futuro nessa modalidade se restringiu à escrita de nível maior de formalidade.

Também Bragança (2008), em um plano sincrônico, realiza um estudo comparativo do futuro verbal²⁰ entre fala (entrevistas sociolinguísticas) e escrita (editoriais) capixaba. Em termos de proporção geral das variantes nas modalidades da língua, seus resultados apontam para o mesmo sentido que os de Oliveira (2006). O objetivo, porém, era o de contrapor a fala mais informal *versus* escrita mais formal, a fim de verificar como a variação das formas de expressão de tempo futuro se dá no *continuum* entre dois polos distintos, “pressupondo que os pontos mais extremos evidenciam as maiores diferenças de funcionamento dessa expressão” (BRAGANÇA, 2008, p. 88).

De acordo com Bragança (2008) se, por um lado, na fala não há mais variação, na medida em que o uso do futuro perifrástico se mostra quase categórico (que vem a somar ao entendimento de que o processo da mudança de futuro não é exclusivo apenas de uma região brasileira, mas do PB com um todo), por outro, na escrita considerada mais formal há um uso significativo da forma inovadora (em termos quantitativos 25%, isto é, 205 do total de 827 de seus dados²¹). Portanto, o que é verificado contribui para a hipótese de haver uma mudança

¹⁹ Oliveira (2006) verifica seis variantes de futuro verbal: (i) futuro sintético; (ii) presente com valor de futuro; e futuros perifrásticos: (iii) IR (no presente) + infinitivo; (iv) IR (no futuro) + infinitivo; (v) HAVER (no presente) de + infinitivo e (vi) HAVER (no futuro) de + infinitivo.

²⁰ Bragança (2008) verifica três variantes do futuro verbal: (i) futuro sintético; futuros perifrásticos: (ii) IR (no presente) + infinitivo e (iii) IR (no futuro) + infinitivo.

²¹ Esse resultado foi gerado por Bragança (2008) a partir da junção das formas de futuro IR (no presente) + infinitivo e IR (no futuro) + infinitivo. De modo isolado, IR (no presente) + infinitivo corresponde, proporcionalmente, a 9,79%, ou seja, a 81 ocorrências de 827 de seus dados (extraídos de editoriais do jornal analisado na pesquisa em questão).

em curso observável também nessa modalidade. A autora, entretanto, atenta ao fato de se realizar mais pesquisas sincrônicas com *corpora* escritos do PB atual para investigar se, de fato, trata-se de uma mudança linguística ou de uma variação estável.

Tesch (2011, p. 184, grifo da autora), ao realizar um estudo diacrônico das formas variantes de futuro²² em Vitória-ES, também comprova existir diferenças entre o falado e o escrito, já que “os resultados encontrados apontam que a perífrase com *ir* está ocupando o espaço deixado pelo futuro simples e que essa substituição já ocorreu na comunidade de fala capixaba, mas não se efetivou na modalidade escrita”. Considera, todavia, que o futuro perifrástico vem conquistando espaço no domínio jornalístico, uma vez que observa o aumento de uso entre as décadas de 1930, 1970 e, em especial, no ano de 2008²³ no jornal *A Gazeta*, principalmente entre gêneros textuais de menor formalidade, como propagandas e notícias.

Talvez faltem estudos sociolinguísticos sobre a expressão variável de futuro que se proponham a investigar a escrita de nível menos formal, pois parece-nos que essa modalidade é (quase) sempre associada ao grau máximo de formalidade (cf. subseção 2.1). É necessário, portanto, analisar outros estilos de textos escritos para que seja verificado, com mais minúcias, a implementação do futuro perifrástico na escrita já que, segundo Labov (2016 [1972]), a mudança começa a se instaurar no vernáculo (estilo menos monitorado).

Cabe, aqui, citar também uma pesquisa sincrônica mais recente, de Almeida (2015), que se propôs a observar o comportamento das variantes de futuro verbal²⁴ a partir do gênero textual “discurso político” em três cidades baianas. O gênero textual que conduziu a amostra dos dados, segundo ela, está situado no *continuum* tipológico entre fala e escrita e é associado ao exercício de poder. Por essa razão, tais características, como afirma Almeida (2015, p. 36), “o tornam especialmente interessante no estudo da mudança linguística futuro simples > futuro perifrástico, que está em fase de completude na escrita; na fala, entretanto, esse processo de mudança praticamente já se completou”.

Almeida (2015) verifica que a variante inovadora é a preferida no discurso político (78%, isto é, 465 ocorrências de 593 de seus dados²⁵) o que, tal como assume, é um resultado

²² Tesch (2011) verifica quatro variantes de futuro verbal: (i) futuro sintético; (ii) presente com valor de futuro; futuros perifrásticos: (iii) IR (no futuro) + infinitivo; (iv) IR (no presente) + infinitivo.

²³ Para mais informações, ver Gráfico 5 de Tesch (2011, p. 142).

²⁴ Almeida (2015) verifica seis variantes de futuro verbal: (i) futuro sintético; (ii) presente com valor de futuro; futuros perifrásticos: (iii) HAVER (no presente) de + infinitivo; (iv) IR (no presente) + infinitivo; (v) IR no futuro + infinitivo; (v) ESTAR (no futuro) + gerúndio.

²⁵ Similar à Bragança (2008), o resultado de Almeida (2015) se deu a partir da junção das formas que correspondem à construções perifrásticas IR (no presente) + infinitivo e IR (no futuro + infinitivo), em consequência, as demais perífrases analisadas em sua pesquisa foram excluídas da rodada binária, em vista da

que surpreende por se trabalhar com um *corpus* representativo da linguagem considerada culta. A autora também pôde comprovar, a partir de seu estudo (e de diversos outros, como os que citamos), que o futuro perifrástico atingiu (quase) todos os contextos linguísticos, dentre os quais destacaram-se em sua pesquisa os fatores: verbos com três ou mais sílabas; faixa etária mais jovem; sujeito agente; menor monitoramento estilístico; verbos regulares; verbos transitivos; primeira ocorrência de uma série (paralelismo).

Como conclusão, Almeida (2015) afirma que a perífrase IR + infinitivo predomina sobre todas as outras variantes por ela analisadas, o que indica, conforme reconhece, que a mudança linguística na qual o futuro sintético é substituído pelo perifrástico está em processo de completude, dado que é a estrutura mais utilizada no PB.

Embora exista uma literatura bastante vasta sobre nosso objeto de estudo, como os trabalhos que tratamos nesta subseção e muitos outros (SANTOS, 2000; GRYNER, 2002; MALVAR, 2003; BARBOSA, 2007; OLIVEIRA; OLINDA, 2008; FONSECA, 2010; OLIVEIRA, 2012 etc.), pontuamos que a maioria das investigações foram realizadas a partir de textos contemporâneos de fala. Os poucos casos em que há a observação (diacrônica/sincrônica) de textos escritos voltam-se a contextos mais específicos de uso, como editoriais de jornais, por exemplo, sendo que tais contextos favorecem a cristalização de estruturas de futuro sintético e uma maior resistência à implementação do futuro perifrástico.

As possibilidades de análise desse fenômeno variável não se esgotaram, portanto, o que reforça a importância de nossa pesquisa, uma vez que buscamos verificar o enquadramento da mudança de futuro pela perspectiva feminina por meio de *corpora* compostos por cartas de leitores em sincronias pretéritas. Trazemos, logo, uma contribuição inovadora ao averiguar o papel feminino nesse processo e na modalidade escrita do PB. Dessa maneira, além de colaborarmos para a descrição da variação/mudança de futuro em textos escritos, também discutimos o condicionamento do gênero nesse cenário que, conforme abordaremos na subseção seguinte, é uma categoria social que ainda requer uma verificação mais acurada nos estudos sociolinguísticos de mesmo tema.

pouca frequência de ocorrências (ver Tabelas 1 e 2; ALMEIDA, 2015, p. 70; p. 76). De modo específico, IR (no presente) + infinitivo corresponde a 72% do total de seus dados, ou seja, à 445 ocorrências de 616 dados.

1.4 O papel do gênero feminino no processo de mudança de futuro

No PB, estudos vem indicando que a mudança de futuro está abaixo do nível de consciência, isto é, não é uma forma avaliada socialmente. Nessa direção, a análise de fatores sociais se revela um mecanismo importante para essa comprovação. Tesch (2011, p. 180, grifo nosso) sugere que na investigação de “três grupos de fatores sociais - faixa etária, escolaridade e sexo/gênero -, as diferenças percentuais são mínimas, o que nos indica que a variação na expressão de futuro **não esteja mais relacionada à avaliação social**”. Dentre esses fatores, o fato de que escolaridade não tenha diferenças significativas pode ser um forte indício de que a implementação do futuro perifrástico não seja avaliada, já que embora a forma inovadora não esteja diretamente prescrita nas gramáticas, conforme vimos, não é vista como um “erro” no ensino de língua materna.

Além disso, Poplack e Turpin (1999) indicam que a expressão de futuro não é particularmente estigmatizada ou prestigiada. Santos (2012, p. 138), na mesma esteira, também sinaliza que o futuro perifrástico não se associa diretamente a um valor social, ao menos sincronicamente; para ele, “parece que as variantes em análise não sofrem nenhum tipo de avaliação social negativa ou positiva”. Figueredo (2015, p. 122) argumenta que o andamento da mudança não sofre pressões normativas; seus resultados apontam que “a forma inovadora, praticamente implementada na língua falada, começa a adentrar a língua escrita escolar”.

É esperado, portanto, que as mulheres estejam à frente desse processo, já que conforme a hipótese laboviana indica, são elas que seguem na liderança da mudança sem consciência social e que têm um comportamento mais inovador. Em razão ao estágio avançado de mudança na contemporaneidade, principalmente na modalidade falada, pesquisas (TESCH; 2011; SANTOS, 2012; FIGUEREDO, 2015) verificam que não há diferenças na correlação entre o uso variável de formas de futuro e o gênero social, especificamente. No entanto, tal correlação pode ser indiciada em outras sincronias, como nos mostram Gibbon (2000) e Oliveira (2006).

Gibbon (2000), ao verificar a atuação do “sexo”, segundo a terminologia adotada, no uso de IR + infinitivo (em variação com a forma do presente) na fala de moradores de Florianópolis-SC, indica que as mulheres utilizam em maior escala o futuro perifrástico (298 de 452 dados, 66%) se comparado aos homens (159 de 281 dados, 57%), embora a diferença de usos entre os sexos seja apenas em frequência/proporção, sem significância estatística. Ademais, um ponto interessante, ressaltado por Gibbon (2000), é de que são elas que

produzem o dobro de ocorrência de formas de futuro (452) em relação aos homens (281) em seu *corpus* de análise. Não há, porém, uma discussão mais aprofundada sobre o assunto.

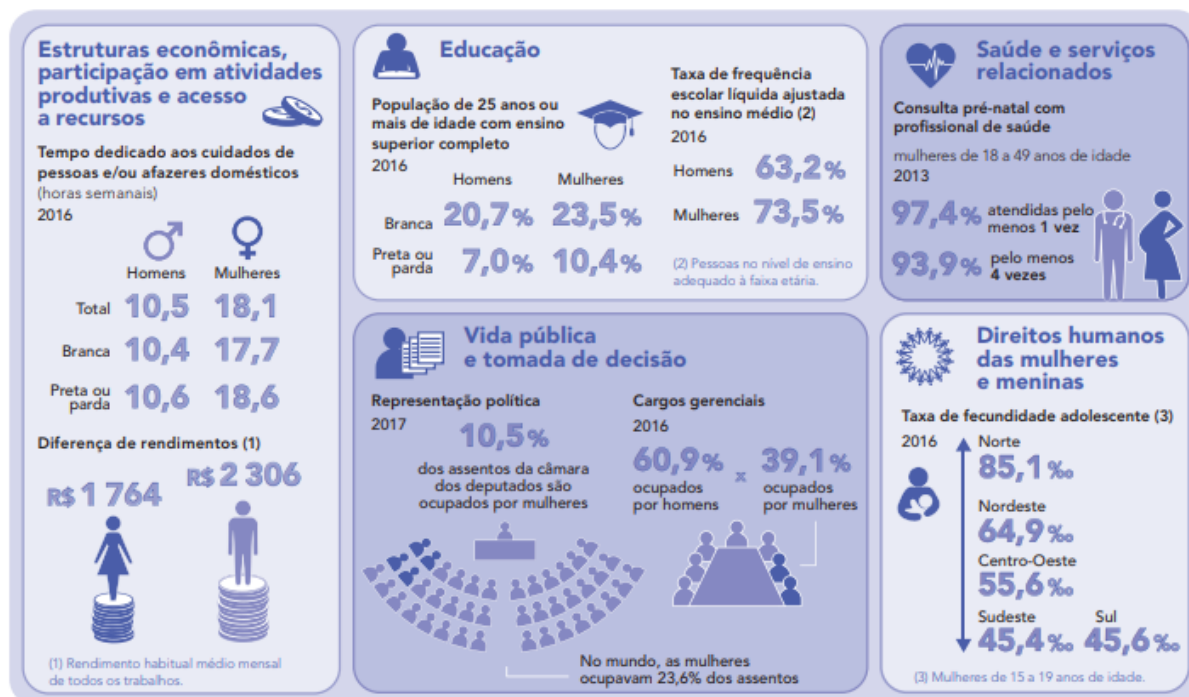
Como argumento para as diferenças entre mulheres e homens no quadro geral da variação, Gibbon (2000, p. 107) vale-se de Paiva (1994, p. 72) para explicar que mulheres são mais sensíveis à formas padronizadas, devido ao pouco convívio nos grupos sociais, além da obrigação de serem vistas como exemplo de modelo linguístico a se seguir, já que assumem a responsabilidade de educar os filhos. Homens, por outro lado, estão mais sujeitos às inovações linguísticas, devido à possibilidade de uma intensa vida social e maiores chances de interação em função do exercício profissional. Vemos, pelo enfoque de Paiva (1994 apud GIBBON, 2000), ideias preconcebidas sobre o papel feminino em relação ao masculino.

Gibbon (2000), no entanto, admite que, no cenário brasileiro referente ao momento do estudo, essa justifica não se aplica, dado que as mulheres trabalham e, em alguns casos, assumem cargos semelhantes aos dos homens. Também a educação dos filhos, tratando-se de uma relação heterossexual, não é prioridade exclusiva da mãe apenas. Em sua compreensão:

[...] cada vez mais, hoje em dia, a mulher assume posições sociais iguais às dos homens e também sai para trabalhar e contribuir no orçamento de casa. A educação dos filhos passa a ser mais dividida com os homens e com instituições de ensino, como escolas, creches ou ainda com babás (GIBBON, 2000, p. 107).

A autora, desse modo, afirma que o comportamento inovador feminino na pesquisa em questão é explicado, em parte, por essa razão. Entretanto, questionamos se, de fato, o argumento acima, de alguma maneira, pode ser sustentado, já que a mulher pode, sim, estar mais inserida socialmente, mas não a ponto do cenário de desigualdades de gênero se modificar por completo. Basta observarmos os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), com informações coletadas nos períodos entre 2013-2017, conforme a figura ilustra:

Figura 2: Estatística de gênero do IBGE



Fonte: IBGE. Diretorias de Pesquisas, Coordenação da População e Indicadores Sociais²⁶

Da Figura 2 recuperamos alguns dados que comprovam que, nos dias atuais, mulheres ganham um salário desproporcional em relação aos homens, mesmo sendo a maioria com ensino superior completo no Brasil. Apesar de, muitas vezes, terem um currículo igual ou superior ao da figura masculina, mulheres ainda são desvalorizadas em suas funções. Entendemos que o salário se constrói como um poder estrutural – ora, numa sociedade patriarcal, em que o poder é inato ao homem, a superioridade feminina no mercado de trabalho acaba por ferir a masculinidade, já que, historicamente, o domínio das relações sociais é masculino.

Também notamos, a partir dos dados, que são as mulheres que realizam mais afazeres domésticos se comparadas aos homens. O trabalho doméstico, para além do formal, é uma função normativa imposta culturalmente e encarada como uma responsabilidade própria feminina.

Os resultados estatísticos do IBGE podem nos indicar que a interpretação dos dados, feita por Gibbon (2000), é, de certa forma, idealizada e não se aplica necessariamente ao

²⁶ Conforme nota técnica do IBGE (2018), os indicadores desse estudo foram feitos com base em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), das Projeções da População por Sexo e Idade, das Estatísticas do Registro Civil, da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) e da Pesquisa de Informações Básicas Estaduais (ESTADIC), além de fontes externas do Ministério da Saúde, da Presidência da República, do Congresso Nacional, do Tribunal Superior Eleitoral - TSE e do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

contexto em que a pesquisa foi escrita. Caberia, portanto, um olhar mais criterioso sobre tal categoria e o controle de outras variáveis sociais, os quais fossem capazes de amparar a discussão da relação entre inovação de futuro e mulher, como, por exemplo, a condição socioeconômica, além da profissão e do cargo de trabalho exercido pelos informantes, para, afinal, ser possível definir quem eram aquelas mulheres entrevistadas inseridas na comunidade linguística em análise.

Gibbon (2000) busca caracterizar mais a fundo o comportamento de homens e mulheres a partir do cruzamento entre as variáveis “sexo” e “idade”. Embora tenhamos de considerar que o fator “idade” foi estatisticamente significativo na pesquisa e que cruzamentos sejam importantes para a análise dos dados, não há qualquer ligação específica dessa variável social com a compreensão trazida pela autora a respeito da liderança feminina no uso do futuro perifrástico. Seus resultados estão dispostos na tabela a seguir:

Tabela 1: Resultados da distribuição do futuro perifrástico para “SEXO” e “IDADE” na fala de florianopolitanos em Gibbon (2000)

Variáveis independentes	Aplic./Total	Percentual
Mulher (14 - 24 anos)	70/102	69%
Homem (14 -24 anos)	23/36	64%
Mulher (25 – 49 anos)	157/221	71%
Homem (25 - 49 anos)	46/77	60%
Mulher (+ de 50 anos)	71/129	55%
Homem (+ de 50 anos)	90/168	54%
TOTAL (Mulher)	298/452	66%
TOTAL (Homem)	159/281	57%

Fonte: Adaptação de Gibbon (2000, p. 108)

A conclusão foi de que as mulheres e os homens mais velhos utilizam a perífrase em graus semelhantes, já as mais jovens e, em especial, as de meia idade, empregam com maior frequência a variante inovadora, se comparadas aos homens (como se pode observar no destaque da Tabela 1). Os resultados descritos, pouco intuitivos, sugerem que a mudança seja provocada por mulheres, mas, por não serem estatisticamente relevantes, não autorizam uma resposta categórica a esse respeito. Ora, além de não serem resultados estatisticamente relevantes, por meio da distribuição dos dados, verificamos percentuais muito próximos para números brutos muito distantes, fato que não permite validar quaisquer discussões em relação

ao “sexo” + “idade”. Ainda assim, Gibbon (2000) apresenta os resultados quantitativos das variáveis sociais supracitadas, uma prática que pode reforçar vícios de métodos em pesquisas sociolinguísticas, especificamente em relação a cruzamentos como esse.

A análise de Gibbon (2000) em torno da variável “sexo”, como em vários outros trabalhos sociolinguísticos, é pouco investigada e, em consequência, esbarra em explicações de senso comum. Apesar disso, sabemos que tal questão não era o mote da pesquisa, que se dedicava à análise do percurso de gramaticalização do verbo IR na construção perifrástica (IR + infinitivo), até atingir a variação com a forma do presente com valor de futuro.

Outro estudo que se propõe a verificar a relação entre formas variáveis de futuro e mulher, citado anteriormente nesta subseção, é o de Oliveira (2006), embora também não seja um estudo centrado nessa discussão.

Ao observar a variação do futuro na norma culta falada e escrita em São Paulo e no Rio de Janeiro, Oliveira (2006) controla os dados em relação ao “sexo/gênero” do sujeito, terminologia preferida por ela, a partir de amostras das décadas de 1970 e 1990 em textos orais. Como sustenta, em textos escritos, ao menos os que compõem os *corpora* de análise, há poucas informações sobre os escreventes, impedindo o controle dessa variável, além de idade, para essa modalidade.

Para a década de 1970, a autora utilizou apenas a coleta de fala mais formal, pois, de acordo com ela, no registro menos formal a distinção entre homem e mulher é quase inexistente (diferença de 2% em seus dados), o que comprova o estágio avançado de implementação da variante inovadora nesse contexto. Nesse sentido, Oliveira (2006, p. 128) argumenta que “o que se pode dizer é que a perífrase está numa etapa de implementação tão avançada, que já não se pode mais observar a atuação da variável sexo/gênero, o que vale, aliás, também para outros grupos de fatores, como já se pôde constatar”. Cabe destacar, todavia, que a investigação da fala de nível menor de formalidade é feita a partir do cruzamento entre as variáveis “sexo/gênero” e “faixa etária”, como apresentaremos mais à frente.

Em referência ao contexto mais formal da década de 1970, portanto, segundo Oliveira (2006), mulheres apresentam maior peso relativo para o futuro perifrástico (em variação com o futuro sintético) e lideram, assim, a mudança:

Tabela 2: Resultados dos efeitos do “SEXO/GÊNERO” no uso do futuro perifrástico na fala de nível maior de formalidade da década de 1970 em Oliveira (2006)

Variáveis independentes	Aplic./Total	Percentual	Peso relativo
Mulher	155/175	88%	.70
Homem	203/265	76%	.37

Fonte: Adaptação de Oliveira (2006, p. 128)

Em conformidade com os resultados de Gibbon (2000), os resultados da pesquisa contrariam a afirmação, de outros trabalhos, de que mulheres assumem uma postura linguística mais conservadora em relação aos homens, especialmente quando estão sujeitas a um nível de maior atenção à fala, como o investigado. Contudo, como se trata de uma mudança em andamento, conforme afirma Oliveira (2006), a análise corrobora a hipótese de Labov (1990) sobre o Paradoxo do Sexo (cf. subseção 1.2) – mulheres são mais conservadoras em casos de variação estável e mais inovadoras, por outro lado, em casos de mudança, sendo líderes desse processo. Não é feita uma discussão mais detalhada sobre a comunidade linguística e a liderança feminina nesse cenário, o que contribui para discussões estereotipadas e de senso comum.

No que diz respeito aos percentuais (cf. Tabela 2), não há grandes diferenças entre o “sexo/gênero” e o uso da perífrase. A autora, porém, atenta ao fato de se considerar o maior número de dados para os homens do que para as mulheres, o que pode interferir nos resultados obtidos. Apesar da ponderação, a generalização de que mulheres lideram a implementação do futuro perifrástico está em evidência, ainda que os resultados não permitam uma conclusão mais assertiva dos efeitos dessa categoria social na mudança de futuro.

Oliveira (2006), além disso, investiga a aplicação da variante inovadora (em concorrência com a conservadora) na fala de nível menor de formalidade a partir das décadas de 1970 e 1990 ao cruzar as variáveis “sexo/gênero” e “faixa etária”, assim como fez Gibbon (2000).

De maneira geral, o que observa para 1970 é que as mulheres estão à frente em quase todas as faixas etárias e apresentam maior índice, em peso relativo, acima dos 55 anos, conforme destacado na tabela:

Tabela 3: Resultados do cruzamento “SEXO/GÊNERO” e FAIXA ETÁRIA no uso do futuro perifrástico na fala de nível menor de formalidade nos anos 1970 em Oliveira (2006)

Variáveis independentes	Aplic./Total	Percentual	Peso relativo
Mulher (25 – 35 anos)	3/4	75%	.39
Homem (25 – 35 anos)	27/40	67%	.29
Mulher (36 – 55 anos)	11/15	73%	.21
Homem (36 – 55 anos)	64/64	100%	-
Mulher (+ de 55 anos)	47/52	90%	.74
Homem (+ de 55 anos)	12/14	85%	.55

Fonte: Adaptação de Oliveira (2006, p. 143)

Chama a atenção, na tabela acima, que no período de 36 a 55 anos de idade a regra categórica se aplica aos homens. O motivo, segundo Oliveira (2006, p. 144), é de que:

Os homens dessa faixa etária estão à frente das mulheres no que concerne ao processo de mudança futuro simples > futuro perifrástico, o que pode ser explicado pela maior atuação dos homens (em relação às mulheres) no mercado de trabalho, pelo menos nessa faixa etária e nessa sincronia.

No entanto, compreendemos que a explicação de teor social demanda uma análise mais atenta, pois se é devido à maior atuação profissional dos homens, o que leva, então, ao maior peso relativo na faixa etária seguinte (acima de 55 anos) que indicia as mulheres frente à liderança da forma inovadora? Em que informações Oliveira (2006) se baseou para trazer tal afirmação, visto que a variável “profissão” não foi controlada na pesquisa? As interpretações, dessa maneira, são assentadas em procedimentos discutíveis.

Para a década de 1990 o cruzamento entre as variáveis supracitadas não foi selecionado como estatisticamente significativo, indícios de que a mudança se encontra em fase de completude nessa sincronia, segundo a autora. O uso da perífrase é neutro para todos os grupos (entre 92% e 100%) com exceção das mulheres acima de 55 anos, que utilizam a perífrase em 88% (23/26) dos dados e, embora com pouca frequência, preferiram empregar o futuro sintético em alguns contextos. Em outras palavras,

Na verdade, o que se observa nessa década [1990] é que o futuro perifrástico já não é tão sensível ao sexo/gênero nem à idade do informante. É usado por homens e mulheres de todas as faixas etárias de forma quase indiferente, o que corrobora a expansão dessa variante no intervalo de tempo analisado. Apenas as mulheres da última faixa etária se mantêm como depositárias da forma em desuso (OLIVEIRA, 2006, p. 144).

Como conclusão sobre o papel do “sexo/gênero” nos períodos analisados, Oliveira (2006) afirma que, se há uma mudança em andamento, essa mudança é implementada principalmente por mulheres, se levada em consideração a década de 1970, já que nos anos de 1990 a distinção entre os pares é anulada.

No entanto, em nosso entendimento, apesar de serem resultados com significância estatística, não são inteiramente confiáveis, pela discrepância entre o número de ocorrências produzidas por homens e por mulheres (cf. Tabela 2) e pelo baixo número de dados (cf. Tabela 3). Complementar, Freitag (2015, p. 39) aponta para o que o fato de que, “nos resultados de sexo/gênero, muitas das explicações são baseadas em generalizações cuja segurança é questionável, do ponto de vista estatístico”.

Como Gibbon (2000), Oliveira (2006) faz generalizações pouco contundentes. Os resultados encontrados em ambas pesquisas não permitem verificar tendências seguras, portanto. Mesmo que as autoras insiram o “sexo” / “sexo/gênero” nas discussões sobre as formas variáveis de futuro verbal, o tratamento estatístico dos dados não viabiliza respostas quanto à atuação dessa categoria social. Também, as interpretações dadas perpassam uma visão de senso comum e de um estereótipo feminino (apesar de também se enquadrarem na categoria “mulher”). Faltam, nesse sentido, pesquisas sociolinguísticas que investiguem mais a fundo o papel feminino na implementação da variante inovadora de futuro, já que há indícios (ainda que poucos) de que as mulheres estão à frente desse processo. Nosso objetivo é preencher esta lacuna e contribuir para mais bem compreender os efeitos do gênero feminino no quadro de mudança linguística. Para alcançar essa compressão é preciso contextualizar o papel histórico e social da mulher brasileira, o qual faremos na sequência.

1.5 O papel histórico e social da mulher brasileira

1.5.1 Considerações preliminares

Com base na relação entre gênero feminino e processos de variação e mudança na língua, investigada ao longo desta subseção, tentamos acomodar aspectos interdisciplinares de pesquisa para embasar a explicação do condicionamento (ou não) dessa categoria social na implementação do futuro perifrástico no PB. Por nosso estudo se tratar de uma dissertação de mestrado, somente introduzimos e colocamos em evidência a mulher brasileira na história e na sociedade. Todavia, a questão pode (e deve) ser aprofundada em trabalhos posteriores.

Antes de iniciar a discussão, recordamos que, ao lado do panorama histórico-social da mulher, caminha também a imprensa feminina, parte de nossos *corpora*, que é um importante mecanismo difusor de imagens de seu público-alvo, com o poder de conservar ou modificar o ideal de mulher, revelando múltiplas facetas de sua figura na sociedade de seu tempo, num contexto sociocultural específico. Nessa direção, assuntos referentes ao papel feminino serão retomados na seção metodológica, de maneira que sua ligação com a imprensa feminina seja mais bem explorada.

1.5.2 Um panorama

Desde o período colonial (1500-1822), a mulher desempenha uma condição particular, estando sujeita a estereótipos vários de seu papel, produzidos socialmente pela figura masculina. Del Priori (2008, p. 22), por exemplo, refere-se a uma prática de “adestramento feminino” a serviço do processo de colonização. Para a autora,

[...] a tradição androcêntrica da cultura ibérica e os objetivos da empreitada colonial estimulavam os homens – padres, governantes, cientistas – a estabelecerem um papel identificado com o esforço de colonização para todas as mulheres indiscriminadamente.

Homens, nesse contexto, assentam a figura feminina a uma função estabelecida na sociedade, difundindo ideias de ser mulher ligadas ao lar, família, casamento e maternidade. A veiculação dessas imagens, principalmente em relação à maternidade, foi uma das medidas tomadas para fixar o Brasil como propriedade de Portugal, sendo vantajosa para que a superioridade masculina fosse vinculada.

A implementação desses símbolos como um modelo normatizador feminino se deve a dois aspectos básicos: (i) o discurso religioso, que pelas atividades religiosas espalhava sermões e palavras moralizantes e, assim, definia critérios de julgamentos das normas e responsabilidades femininas; e, em complemento ao pensamento anterior, (ii) o discurso médico, no qual com o pretexto “científico” alegava que o funcionamento do corpo da mulher estava relacionado diretamente à procriação, vista como uma função natural (MENDONÇA; RIBEIRO, 2010). A feminilidade, por consequência, estabelecia-se nesses moldes, com o culto à virgindade e com a valorização da castidade e do pudor.

Somada à colonização e ao conseqüente ideal feminino, a aquisição da escrita pela mulher, tal como abordado na seção introdutória, foi adquirida tardiamente se comparada aos homens. Buitoni (1990, p. 36) esclarece que no século XIX,

segundo os costumes portugueses, devido à influência moura, a mulher quase não saía de casa, a não ser para ir à missa. Vivia cozinhando e fazendo rendas; raramente os pais deixavam as filhas estudarem, sob a alegação de que elas poderiam assim manter correspondências amorosas não consentidas. O hábito de enviar as filhas à escola só foi absorvido pelas famílias de posses por volta da metade do século. Então, se os homens letrados eram poucos, as mulheres alfabetizadas formavam um número bem reduzido.

É preciso destacar que as mulheres alfabetizadas da época não podiam se servir de qualquer leitura. Tal como esclarecem Dumont e Santo (2007, p. 32), homens acreditavam que “a elas deveriam ser dedicados apenas textos dignificantes que tratassem daquilo que dominavam: o amor fraternal (jamais o carnal), a harmonia da família e os textos bíblicos”. Resultado dessa imposição é a visão, que permanece latente na contemporaneidade, de que o universo feminino está reduzido a temas sentimentais, enquanto o masculino serve-se de temas intelectuais e de que, desse modo, existem leituras adequadas para cada um desses gêneros.

Essas circunstâncias se relacionam diretamente à diferenciação entre homens e mulheres, para além do sexo biológico, tanto na sociedade brasileira como em qualquer outra ocidental, em que há um domínio masculino em relação ao feminino. Para Rosaldo (1979, p. 33), há uma “desigualdade universal nas avaliações culturais do sexo. A mulher pode ser importante, poderosa e influente, mas parece que em relação ao homem de sua idade e de seu *status* social, a mulher em todo o lugar carece de poder reconhecido e valorizado culturalmente”. Embora Rosaldo (1979) remeta ao “sexo”, consideramos existir uma avaliação cultural diferenciada de acordo com o gênero que, em consequência ao sexo, acarreta a uma atribuição de mais *status* e poder social ao símbolo masculino, já que vivemos num sistema patriarcal. O homem, através dos tempos, é visto como o mais forte, o chefe e autoridade da casa, além de responsável pelos negócios tidos como mais importantes, enquanto a mulher permanece com um papel secundário, como vimos, por circunstâncias histórico-sociais.

No início do século XX, período estudado nesta pesquisa, por exemplo, houve uma possibilidade de redefinição da imagem da mulher na sociedade, efeitos da crescente urbanização das cidades e da industrialização. Pautadas numa visão europeia de mundo,

mulheres começavam a sair nas ruas e a frequentar lugares públicos. Essa nova perspectiva proporcionou também a inserção feminina no mercado de trabalho, ainda que tivesse sido vista de maneira negativa, a princípio.

A associação feminina ao trabalho refletia a moralidade social e, conforme argumenta Rago (2017, p. 585), a honra, em casos como esse, seria abalada, já que muitos acreditavam que o trabalho da mulher fora do lar provocaria a destruição familiar, pois deixariam de ser mães e esposas empenhadas e amorosas, conseqüentemente, deixariam de se interessar pelo casamento e pela maternidade. Ainda é válido ressaltar que:

a ideologia da maternidade foi revigorada pelo discurso masculino: ser mãe, mais do que nunca, tornou-se a principal missão da mulher num mundo em que se procurava estabelecer rígidas fronteiras entre a esfera pública, definida como essencialmente masculina, e a privada, vista como lugar natural da esposa-mãe-dona de casa e de seus filhos (RAGO, 2017, p. 591).

Na década de 1920, por exemplo, prevalecia o enaltecimento da figura materna. A participação feminina deveria se reduzir à vida privada, mais compatível, segundo a visão masculina, com a sua constituição biológica. Até a década de 1960, pelo ao menos, o discurso que vigorava era o de que a mulher se destinava ao casamento e à maternidade e assuntos como política, economia e esporte, por exemplo, eram preferencialmente masculinos. Esse modelo ideal, porém, dizia respeito às camadas médias e altas, já que mulheres pobres vivenciavam o trabalho e, assim, eram alvos de preconceitos, vistas pela sociedade como ignorantes e irracionais (RAGO, 2017). Contudo, desde os anos de 1970, além da expansão da urbanização e da necessidade econômica, a luta do movimento feminista brasileiro foi fundamental para oferecer maiores oportunidades às mulheres, seja no mercado de trabalho ou no nível de instrução, gerando também mudanças de padrões de comportamento das brasileiras.

Informações sobre a mulher (IBGE, 2006), referentes ao século XX, apontam uma queda da fecundidade, uma taxa mais acentuada de divórcios e de participação no mercado de trabalho a partir dos anos de 1970, o que, talvez, pode contradizer a veiculação com a imagem de mãe, de esposa e de dona-de-casa, temas sensíveis aos valores culturais impostos.

A título de exemplo, a figura seguinte ilustra as transformações femininas a partir da comparação entre meados da década 1970 e o ano de 2012, apresentando percentuais no que se refere à educação, casamento e trabalho no Brasil:

Figura 3: Transformações femininas no Brasil (1976 e 2012)

Transformações femininas	1976		2012		
	HOMEM COMO ÚNICO PROVIDOR DA FAMÍLIA	MULHERES ENTRE 15 E 54 ANOS CASADAS QUE TRABALHAM	TAXA DE FECUNDIDADE	MULHERES ENTRE 15 E 54 ANOS CASADAS COM RENDA PRÓPRIA	
Evolução nas famílias brasileiras nos últimos 40 anos	TRABALHADORES RURAIS	77% dos casais com mulheres entre 15 e 54 anos	25,4%	6,6 filhos por mulher	12,6%
	PROFISSIONAIS COM NÍVEL SUPERIOR*	63% dos casais com mulheres entre 15 e 54 anos	34,5%	2,5 filhos por mulher	37,6%
	TRABALHADORES RURAIS	50,5% dos casais com mulheres entre 15 e 54 anos	46,4%	2,8 filhos por mulher	74%
	PROFISSIONAIS COM NÍVEL SUPERIOR*	24,1% dos casais com mulheres entre 15 e 54 anos	75,5%	1,2 filho por mulher	76,3%

* Categoria em que ao menos um dos cônjuges tem nível superior

FONTE: ITABORÁ, N. R.

Fonte: Andrade (2018)

É possível confirmar, por meio desses dados, que há um processo de emancipação feminina em andamento na contemporaneidade brasileira, resultado do movimento feminista (e de suas conquistas), visto como uma reação aos mandos histórico-sociais. Nessa perspectiva, as mulheres foram capazes de alterar, ainda que timidamente, a estrutura social. A viabilidade de frequentarem o ambiente universitário e produzirem conhecimento científico, como aqui fazemos e como outras mulheres fazem, tanto na Sociolinguística quanto em qualquer outra área, é um exemplo de transformação das relações sociais de gênero.

O preconceito, entretanto, é pouco avaliado. Ainda que a mulher tenha avançado no mercado de trabalho e em outros aspectos, como os citados, desigualdades existiram e existem, consequência da distinção do *status* social atribuído ao homem e a mulher ao longo da história. Podemos exemplificar o fato a partir da diferenciação de rendimento habitual médio mensal de todos os trabalhos, apontada nos dados do IBGE (2018; cf. Figura 2, subseção 1.4, p. ex.) entre os anos 2012-2016, referindo-se ao salário de R\$ 1.764,00 em relação às mulheres e de R\$ 2.306,00 em relação aos homens.

As construções culturais, conforme observamos, recaem e deixam vestígios na história da sociedade feminina brasileira, na medida em que a mulher é afetada, sobretudo, por uma imagem ideal, fomentada pelo patriarcado. Desse modo, uma vez que trabalhamos com

corpora escritos e não nos é possível ter controle sobre outros fatores sociais relevantes para a interpretação dos dados, buscamos subsídios no contexto social, cultural e histórico a partir das sincronias de 1920 e 1970 e à luz da imprensa feminina.

Como a língua e a sociedade se relacionam mutuamente, quando partimos, portanto, de uma investigação sociolinguística para se aferir os efeitos do gênero em casos de variação e de mudança de fenômenos linguísticos, seja na diacronia ou na sincronia, conhecer mais a fundo a amostra em estudo é central para rejeitar explicações generalizantes ou circulares que associam prestígio e/ou conservadorismo de uma variante ao uso linguístico da mulher (cf. subseção 1.2) e fundamental para que a análise dos dados não esbarre em argumentos de senso comum e de estereótipos (cf. subseção 1.4).

1.6 Em resumo

Apresentamos, nesta seção, os pressupostos teórico-metodológicos que conduzem este trabalho. Fizemos uma breve introdução dos fundamentos da Sociolinguística na subseção 1.1. Abordamos a polêmica relacionada à regra variável para além do plano fonológico, uma vez que trabalhamos com um fenômeno morfossintático e semântico-discursivo. Também tratamos das noções de tempo aparente e tempo real, dos problemas para a sistematização e análise da mudança linguística e, nesse caso, o que pretendemos, de maneira não-definitiva, responder nesta pesquisa.

De modo específico, na subseção 1.2, levantamos as discussões concernentes à categoria social “gênero” na Sociolinguística e vimos que, muitas vezes, tem sido tratada como uma variável subalterna nas análises de variação e mudança na língua, fato que demonstra a relevância de nosso tema, além de nossos objetivos e hipóteses.

Observamos que a verificação do condicionamento de tal variável nos estudos sociolinguísticos é muito complexa, já que não permite conclusões generalizantes de mudança no sistema linguístico. O que percebemos, ainda, é que para a investigação dos efeitos do gênero é necessário (i) delimitar uma hipótese desde o início do desenvolvimento da pesquisa, sem se deter tão-somente à hipótese clássica laboviana; (ii) levar em conta tempo e comunidade; (iii) realizar cruzamentos com outras variáveis independentes de mesma natureza e (iv) aplicar testes de atitudes sempre que possível. Outra consideração importante é a adoção de “gênero” ao invés de “sexo”, bastante discutido nas ciências sociais, contudo, ainda pouco explorado no cenário sociolinguístico brasileiro.

Na subseção 1.3, fizemos uma descrição de nosso fenômeno linguístico em estudo, o futuro verbal, do latim ao português e em diferentes óticas. O que verificamos é um padrão de alternância entre formas sintéticas > formas analíticas > formas sintéticas desde o latim (FLEISCHMAN, 1982 apud SILVA, 1997), no qual a motivação geral se deve à maior expressividade na atividade discursiva, posto que o tempo futuro é tanto modal quanto temporal. Constatamos que o ciclo vem se repetindo no PB, tal como demonstram as pesquisas linguísticas.

Sob a ótica das gramáticas, vimos que as formas variáveis de futuro analisadas nesta pesquisa não são diretamente descritas. Por outro lado, sob a ótica dos estudos sociolinguísticos verificamos que há um processo de mudança em curso em fase conclusiva na modalidade falada pelo qual a preferência é pelo futuro perifrástico; na escrita, todavia, é o futuro sintético o mais frequente. Sobre a questão fala *versus* escrita, consideramos a necessidade de realizar mais pesquisas com *corpus* escrito de diferentes estilos, priorizando aqueles de níveis menos monitorado, contexto em que a mudança se instaura.

Apesar de uma literatura bastante ampla do tema, as possibilidades de análise não se findaram, uma vez que, tal como mostramos na subseção 1.4, existem trabalhos que controlam a categoria social do gênero (porém em termos de “sexo” ou “sexo/gênero”), demonstrando a liderança das mulheres no cenário de mudança de futuro, mas, sem uma discussão mais aprofundada que leve em consideração os tópicos referidos na subseção 1.2.

Em 1.5, embora não seja o foco principal desta pesquisa, tratamos de um panorama do papel histórico e social da mulher brasileira. Na medida em que é nosso objetivo buscar respostas para o condicionamento do gênero feminino na mudança de futuro, consideramos fundamental tal discussão, ainda que sem um maior aprofundamento, para embasar nossa análise dos dados. Como verificamos, a figura da mulher é marginalizada, um reflexo de construções culturais masculinas ao longo da história da sociedade; ainda assim, esse contexto tem se atenuado na contemporaneidade, devido às lutas das próprias mulheres, numa reação à opressão de que foram (fomos) vítimas.

A metodologia deste estudo será apresentada na seção 2.

2 METODOLOGIA

Nesta seção, tratamos, num primeiro momento, dos desafios metodológicos desta pesquisa, a fim de esclarecer algumas de nossas hipóteses. Também são mais detalhadamente apresentadas as amostras que fazem parte dos *corpora*, além das características do gênero textual “cartas de leitores” e das seções específicas escolhidas para a coleta de dados. De todo modo, a introdução ao universo da pesquisa conduz, de maneira particular, à compreensão das construções e representações do gênero feminino presentes na revista feminina, que também leva ao entendimento de qual é o papel social desse segmento para as mulheres, conforme o contexto histórico. Ainda, descrevemos os procedimentos metodológicos (constituição das amostras, variáveis independentes e decisões após coleta de dados) adotados. Por fim, elaboramos um resumo da seção.

2.1 Desafios metodológicos para trabalhar variação de futuro na perspectiva de gênero em textos escritos

É fato que o trabalho com gênero na Sociolinguística esbarra em alguns percalços, afinal, o tratamento estatístico de questões sociais na interface com fenômenos linguísticos é complexo. Ainda, em relação aos fenômenos morfossintáticos e semântico-discursivos, por exemplo, como as formas possíveis de expressão de futuro, não é trivial a tarefa de se estabelecer uma correlação entre variação e/ou mudança linguística e gênero pois, conforme afirma Ochs (1991 apud MENDES, 2012), essa é uma relação indireta, posto que as variantes linguísticas apontam para múltiplos significados sociais.

Defendemos a premissa de haver uma natureza ideológica nos usos de formas variáveis e, em consequência, de não haver completa neutralidade social no que se refere ao uso (ou não) de uma variante linguística em dado momento do processo de variação/mudança. Portanto, a compreensão da identidade de gênero como uma das possíveis categorias sociais (mas não única) atuantes na mudança de futuro é relevante nesta pesquisa; todavia, não está livre de questionamentos, dentre os quais destacamos: como a investigação numa perspectiva de gênero é viável à medida em que é realizada a partir de textos escritos, cuja autoria não pode ser atestada?

Além disso, a escrita é vista como subsidiária nos estudos sociolinguísticos, uma vez que a fala não monitorada (vernáculo) é entendida, desde Labov (2016 [1972]), como *locus* da mudança linguística. Longhin-Thomazi e Rodrigues (2013, p. 196) explicam que:

As pesquisas no campo da sociolinguística, centradas na descrição e análise de inúmeros fenômenos de variação e mudança linguística, elegeram a fala espontânea como sendo, por excelência, a fonte de dados capaz de revelar o real funcionamento da língua. Subjaz, portanto, nessa perspectiva, o reconhecimento de que é na fala que a língua de fato se materializa.

Os pressupostos labovianos indicam a fala espontânea como a porta de entrada dos processos de variação, sendo o retrato mais fiel das mudanças linguísticas e, por outra via, a escrita representativa do grau mais formal e monitorado da língua, secundária às análises variacionistas.

Várias pesquisas, que se propuseram a estudar fenômenos variáveis não-fonológicos, utilizaram *corpus* escritos, em muitos casos, admitindo-se apenas como justificativa a investigação de sincronias passadas, uma condição inevitável. Contudo, algumas delas dão propriedade a esse tipo de *corpus* e colocam em evidência a questão de ambas as modalidades (falada e escrita) se situarem no domínio de uma mesma língua.

Paiva e Gomes (2015), por exemplo, sustentam que a escrita está, da mesma maneira que a fala, sujeita a processos de variação e mudança. As autoras também esclarecem ser importante uma verificação na qual se rejeite uma visão oposta e estática entre as modalidades, como se pertencessem a duas línguas que não dialogam entre si e que permanecem, portanto, em pontos extremos distintos.

Ainda que nosso estudo não acomode tal discussão, para que o trabalho com *corpora* escritos seja possível é preciso assumir um posicionamento não dicotômico, pois, conforme Marcuschi (2007, p. 16), “o que determina a variação linguística em todas as suas manifestações são os usos que fazemos da língua. São as formas que se adequam aos usos e não o inverso”. Para o autor, textos falados e escritos estão dentro de um *continuum* tipológico e não se restringem ao código. Desse modo, uma palestra acadêmica (fala), por exemplo, pode estar ligada a um grau de formalidade maior do que uma carta para um amigo (escrita):

O **contínuo** de gêneros textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (falada e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o **contínuo das características** que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num **contínuo de variações**, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de **contínuos sobrepostos** (MARCUSCHI, 2007, p. 42, grifo do autor).

Embora possa se distanciar da visão de Marcuschi (2007), consideramos que a noção de heterogeneidade da escrita, de Corrêa (2004), na qual “os fatos linguísticos do falado/escrito são práticas sociais e estão ligados, portanto, às práticas orais/letradas” (CORRÊA, 2004, p. 2) também contribui para o desenvolvimento de nosso trabalho, no sentido de reconhecer que a escrita, assim como a fala, reflete as interações e práticas sociais dos sujeitos escreventes e que, portanto, é variável, heterogênea e passível de ser descrita e analisada. Consoante a essa proposição, Longhin-Thomazi e Rodrigues (2013, p. 193) admitem que “os textos escritos trazem marcas da convivência de práticas de oralidade e letramento, e que essa convivência pode ser entendida como uma forma de heterogeneidade que reflete, entre outras coisas, o pretendido vernáculo”.

Nesse sentido, é fundamental que a seleção do *corpus*, coadunada aos objetivos e hipóteses de pesquisa, seja representativa dos usos. Por isso, optamos por trabalhar com carta de leitores que, segundo Marcuschi (2007), é um gênero textual misto, com níveis mais ou menos formais, a depender da organização do texto e do espaço em que é veiculado.

Alguns estudos, como por exemplo de Marine (2009) e de Bueno (2014), ancorados em Marcuschi (2007), indicam que cartas de leitoras de revista feminina estariam próximas ao nível menos formal da língua, marcadas por traços de oralidade e, portanto, situadas no entrecruzamento da fala e da escrita, sendo consideradas um gênero misto. É de se supor, então, que as normas não prescritas nas gramáticas teriam maior incidência neste contexto (menos formal) do que nos jornais, espaço marcado pelo emprego mais formal da língua.

Os nossos resultados poderiam ser interpretados por esse viés apenas. Entretanto, a hipótese aventada neste trabalho é de que graus de formalidade dependem do espaço ideológico em que se situam. Ora, se a revista feminina propõe um diálogo entre amigas e estabelece uma relação de amizade entre as leitoras (cf. subseção 2.2.3), não há motivos para se ter uma conversa estritamente formal; essa aproximação linguística e social é suporte para a formação da identidade feminina e isso, sem dúvidas, deve ser levado em consideração. Por essa razão, defendemos que a (in)formalidade está relacionada, entre outros aspectos (seleção lexical e estilo, por exemplo), ao contexto, marcado ideologicamente pelo gênero social nessas circunstâncias.

Outro desafio se refere à maneira como analisamos a variável social “gênero” em cartas, tendo em vista problemas como: (i) ausência de informações sobre os perfis sociais dos remetentes e, em consequência, (ii) inviabilidade de controle desta variável por informante. No entanto, ao trabalharmos com cartas de leitoras publicadas em revista feminina, partimos de uma concepção ideológica, tal como proposta por Prado (2011, p. 12), de que a mídia

(feminina) tem como características oferecer estilos de vidas e de representações de gênero e influenciam, portanto, as construções de identidades e as relações sociais.

Os textos da revista *A Cigarra* são produzidos e destinados para um gênero específico (o feminino). Por essa perspectiva, não nos atemos ao gênero de cada indivíduo escrevente e, sim, ao grupo de indivíduos, uma vez que ao endereçar a carta à redação, as leitoras (ou leitores) identificam-se como parte do meio. Em outras palavras, se a revista é direcionada ao público feminino, o conteúdo das cartas publicadas reflete a identificação daquilo que é sustentado por aquele produto.

Porém, não podemos perder de vista que a imprensa feminina constrói a imagem de seu grupo de leitoras a partir de um padrão hegemônico e representa a imagem da mulher a partir de um estereótipo de uma época. Nesse sentido, Buitoni (1981, p. 142) afirma que “a mulher branca, sorridente é rótulo e marca de produto chamado imprensa feminina e, em continuidade, a autora assinala que “de papel em papel, a imprensa feminina brasileira colabora para a mistificação do ser feminino, ajudando a manter padrões” (BUITONI, 1981, p. 144), questões que tentamos discutir mais detalhadamente na subseção 2.2.1.

Ainda assim, o trabalho com o texto escrito, mais especificamente com o texto escrito escolhido para a formação dos *corpora* desta pesquisa, pode ser favorável ao tratamento da variável gênero, tendo em vista da elaboração e concepção mais marcada desta categoria social na modalidade escrita da língua, do que propriamente o trabalho com bancos de dados sociolinguísticos de fala, nos quais os informantes são estratificados, na maioria das vezes, em função do sexo biológico²⁷.

Aqui é relevante a problematização de Freitag (2015, p. 46):

Por ser estratificação *default* nos bancos de dados sociolinguísticos, controlar a variável sexo/gênero é uma praxe; tendo ou não uma hipótese do seu efeito sobre o fenômeno, não há custo operacional em incluí-la na análise, na medida que a categorização já vem pronta, sem requerer reflexões analíticas do pesquisador. Se não for significativa na análise estatística, o resultado é que a variável sexo/gênero não influencia o fenômeno; se for significativa, buscam-se subsídios em outros estudos para avaliar a tendência geral do fenômeno e corroborar a tese do prestígio/estigma, inovação/conservadorismo. Ou, então, simplesmente apresentam-se os resultados.

²⁷ Não nos é possível, entretanto, ter acesso a outras variáveis extralinguísticas como idade e escolaridade, tradicionalmente controlados em pesquisas sociolinguísticas. Tampouco uma análise de outros gêneros sociais existentes, como transgênero por exemplo

Desse modo, as explicações do que leva a mulher a utilizar formas conservadoras ou inovadoras na língua podem esbarrar na frequência dos dados e em explicações generalizantes dos resultados (tal como aludimos também na subseção 1.2). No entanto, por meio de uma amostra representativa buscamos, neste estudo, o caráter social, e não biológico, dessa categoria.

A seguir, apresentaremos parte de nossos *corpora*, a revista *A Cigarra* e o grupo controle (jornais *A Gazeta* e *Correio da Manhã*), além da seção de cartas de leitores dos veículos de comunicação em análise, em que é possível compreender o universo da pesquisa.

2.2 Da escolha dos *corpora* de pesquisa

Nesta subseção, exploramos os *corpora* que constituem a pesquisa, contextualizando a revista feminina *A Cigarra* e o nosso grupo controle, os jornais *A Gazeta* e *Correio da Manhã*, além de caracterizar o gênero textual “cartas de leitores” conforme o *corpus*.

2.2.1 Revista feminina *A Cigarra*

A visão delineada por Buitoni (1981, p. 1) define bem o significado do que veio a ser uma segmentação própria, a imprensa feminina:

Segundo sexo. Segunda imprensa. Secundário, secundária. Sempre em segundo lugar: subalterno, dependente, complementar. Ou supérfluo. Admitamos que assim seja. No entanto das folhas artesanais ao produto industrial, a imprensa feminina tem potencialidade para atingir metade do gênero humano. E para influir em toda a vida social. No Brasil, milhões de mulheres – e milhares de homens – leem as páginas, suplementos e revistas dessa imprensa, que transmite ideias, modas, costumes. Visões do mundo que irão modificar até mesmo os não-leitores.

A propósito, a imprensa feminina tem sua origem no ocidente no final do século XVII, marcada, sobretudo, por manifestações em favor aos direitos das mulheres, encaminhando-as, ainda que de modo lento, para além do espaço privado. Em terras brasileiras, porém, apenas no século XIX, com a chegada dos portugueses, que o advento da imprensa, tanto geral como feminina, tornou-se possível.

Caracterizada, num primeiro momento, pela literatura, a imprensa feminina brasileira sinalizava um canal de expressão pública, ou seja, o “movimento era para fora, do mesmo modo que todas as reivindicações feministas dos séculos XVIII e XIX. **Cumpridas essas**

funções, ou encontradas outras formas de expressão, os periódicos femininos voltaram a atividade da mulher para dentro do lar” (BUITONI, 1990, p. 72, grifo nosso). Portanto, sob o signo da literatura, além de oportunizar discussões feministas, essa segmentação surge como porta de entrada para as mulheres se manifestarem e se inserirem no contexto de gêneros escritos. Nas palavras de Hollanda, (1991, p. 19), por meio das seções de cartas, contos, dentre outras, formava-se a configuração de uma “crítica literária incipiente e amadora, muitas vezes aparentemente ingênua, mas que indiretamente sintonizava-se com o contexto das lutas das mulheres”.

Embora tenham surgido a partir de pautas feministas, as publicações do início do século XX, notadamente, associavam a figura da mulher brasileira a papéis tradicionais, como dona de casa, esposa, mãe, de modo que a feminilidade, por sua vez, definia-se pela juventude, doçura, pureza etc. Desse modo, a imprensa feminina tornou-se responsável por veicular (ou impor) certa imagem da moral e dos bons costumes para o convívio social e por promover os valores de gênero dominantes de uma época, capazes de influenciar a realidade da mulher (PINSKY, 2017) através do caráter persuasivo do discurso, atualizando (ou conservando) os padrões de comportamento e de representação de gênero.

Essa imprensa veio, posteriormente, consolidar-se por meio de revistas. Scalzo (2016, p. 12) define “revista” como um produto resultante da mistura entre jornalismo e entretenimento e, principalmente, do contato com o leitor, relação essa “que se estabelece por um fio invisível que une um grupo de pessoas e, nesse sentido, ajuda a compor a personalidade, isto é, estabelece identificações, dando a sensação de pertencer a um determinado grupo”. Dito de outro modo, ter em mãos uma revista significa reafirmar a identidade de pertencimento a um grupo de interesses em comum. Talvez seja em função disso que a imprensa dirigida às mulheres elegeu este veículo de comunicação como seu por excelência (BUITONI, 1990), uma vez que constrói e representa ideologicamente o gênero feminino, fato muito sensível a esta pesquisa.

Feita para mulheres, é característica da chamada “revista feminina” adotar uma linguagem afetiva, pessoal, a fim de estabelecer uma relação amigável com o grupo a quem se destina, dando voz as suas leitoras. Também é conhecida por apostar na novidade dos assuntos, envolvendo temas de amor, moda, beleza etc.

Similar o que Buitoni (1990, p. 21) aponta, questionamos a definição de conteúdos relacionados à mulher, mas “reconhecemos que existem alguns temas de grande interesse para o público feminino e que gozam de uma certa unanimidade na imprensa de todo o mundo”. Contudo, é preciso ressaltar que o fato de que, historicamente e culturalmente, as mulheres

eram associadas à leitura de temas como esses vem a contribuir ao que a imprensa feminina veiculava, uma vez que, pela perspectiva masculina, “romances eram tidos como adequados para as mulheres por serem elas vistas como criaturas em que prevalecia a imaginação, com capacidade intelectual limitada, frívolas e emotivas [...] era a antítese da literatura prática e instrutiva” (LYONS, 2002, 172 apud DUMONT; SANTO, 2007, p. 33).

Cumprido destacar que os temas vão se adaptando, conforme as mudanças sofridas na sociedade, uma vez que as novidades, chamadas por Buitoni (1990, p. 24) de “termômetro dos costumes da época” ou por Scalzo (2017, p. 44) de “supermercados culturais” associam a revista ao contexto histórico-social e, conseqüentemente, à(s) figura(s) culturalmente assumida(s) em relação ao “ser mulher” de um dado tempo.

A representação (e modificação) do papel social feminino pode ser observada ao voltarmos nosso olhar para a revista *A Cigarra* (1914 - 1975), parte de nossos *corpora*.

Fundada em São Paulo por Gelásio Pimenta, *A Cigarra* era considerada um periódico ilustrado, desenvolvido para o público em geral, mas, conforme seus conteúdos foram despertando o interesse do gênero feminino, passou a se dedicar a esse segmento em específico. De acordo com Matos (2008, [p. 8]):

uma das características de uma revista mundana era oferecer entretenimento e diversão e esse parece ser o ponto alto d'*A Cigarra* que utiliza vários recursos para prender a atenção do leitor, com o objetivo de entreter, divertir, agradar e, conseqüentemente, vender. Muitas fotografias, jogos, correspondências dos leitores, notas sobre acontecimentos sociais, parecem indicar a tentativa de manter interessante a leitura do periódico por vários dias.

Na década de 1920, período por nós estudado, segundo afirma Rago (2004), São Paulo passava por um processo de intenso desenvolvimento industrial e comercial, de modificação da sociedade e de ampliação do espaço urbano. É também nessa fatia temporal que emerge uma diversidade de veículos de comunicação “como uma referência importante sobre a vida cultural de diferentes grupos sociais” (MATOS, 2008, [p. 1]), o que nos sugere um quadro de possíveis variações e mudanças linguísticas.

A Cigarra, nessa época, retratava a mulher nos moldes da *Belle Époque*, movimento cultural surgido em Paris, na França. Com a Semana de Artes Modernas, datada em 1922, que propôs uma nova visão priorizando a identidade brasileira, a apropriação cultural europeia se somava aos anseios culturais nativos na imprensa feminina. A representação da “brasileira – europeia” é acentuada, portanto, nesse contexto. As mulheres (como anteriormente afirmado

na subseção 1.5) foram encorajadas a frequentar o espaço público, ruas, bailes, encontros esportivos etc., além de estarem ligadas ao mundo material e às novas formas de interação social. Porém, ao lado dessa visão, tal como Azevedo (2002, [p. 6]) esclarece, “seguiam os que condenavam as mudanças em curso espelhando a tensão entre modelos contrastantes e expondo que não se deveria supor que valores como pudor, honra e família tivessem perdido seu prestígio”.

Quanto ao perfil socioeconômico de suas leitoras, podemos argumentar que *A Cigarra* se destinava, de início, a um público específico. Pela vertente feminina, apesar de almejar uma variedade de públicos de diferentes classes socioeconômicas, dificilmente atingia as camadas mais baixas da sociedade, consequência da pouca instrução da população feminina brasileira.

Até meados do século XIX, a imprensa feminina, como um todo, era exclusivamente elitista, uma vez que o nível de analfabetismo, principalmente das mulheres, era alto. No início do século XX, o aumento, ainda que gradual, de alfabetização, por outro lado, propiciou uma maior acessibilidade a leitura de periódicos, tornando a imprensa um negócio rentável. Heller (2001, [p. 1]), nessa esteira, revela que, nos anos de 1920, “índices oficiais de alfabetização feminina apontam elevadas taxas de analfabetismo entre as mulheres que viveram nesta época” e questiona o fato das tiragens de publicações femininas, ainda assim, crescerem de maneira ascendente. Duas hipóteses são consideradas pela autora:

1. Possivelmente havia mais mulheres alfabetizadas do que o censo intitulado “Taxas de alfabetização no Brasil (1872/1920) segundo o sexo”, de 1920, fez crer. Os recenseadores talvez tenham subestimado o número de alfabetizadas, dada a dificuldade de acesso às mulheres de camadas sociais menos favorecidas, residentes em outras paragens da cidade e subordinadas a diferentes rotinas [...].
2. Possivelmente havia uma prática informal de alfabetização feminina, que não passava necessariamente pelos bancos escolares. Assim sendo, mulheres menos abastadas e trabalhadoras podiam aprender a ler e a escrever em contextos não previstos pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio (HELLER, 2001, [p. 5]).

No caso d’*A Cigarra*, com a inserção de muitas fotografias e ilustrações, a revista abriu outros meios de comunicação que atingia também o público não-letrado e, com isso, apresentava novos hábitos e costumes à sociedade que recaiam, sobretudo, no papel a ser incorporado pela mulher.

Afirma Matos (2008, [p. 4]) que n’*A Cigarra*, nesse contexto,

a linguagem também se tratava de uma estratégia da revista para encantar seus leitores, pois, já que uma grande parte da população era analfabeta, e havia uma grande quantidade de publicações periódicas surgindo em todo momento, ao se estruturar de uma maneira mais abrangente, a revista conquistava os mais diferentes e variados tipos de leitores, o que, conseqüentemente, aumentaria suas vendas.

A revista no tempo retratado desempenhava, portanto, uma função fundamental na formação de um público-leitor feminino, já que apesar de adequar-se aos modelos propostos em relação ao ideal de mulher, por meio de seus textos e figuras, tinha como objetivo maior aumentar o número de leitoras e, com isso, continuar a produzir conteúdo. N'A *Cigarra*, dessa forma, havia espaço para que as mulheres pudessem se expressar e ilustrar seus pensamentos, como no espaço dedicado às cartas, por exemplo, sendo um importante mecanismo de prática social. Entretanto, embora mais acessível, consideramos que a produção de textos, como cartas de leitoras, representa uma configuração de uma norma brasileira feminina de camadas médias e altas, já que a escrita era domínio de poucas. Complementar, explica Matos (2008, [p. 5]) que “apesar d'A *Cigarra* apresentar-se como uma revista voltada para as diferentes classes sociais, o que se lê é um discurso, [...], elitista e pomposo”.

Além da década de 1920 (1920-1929), o início da década de 1970 (1970-1972) também compõe esta pesquisa, na medida em que julgamos necessária a comparação de outra sincronia para verificar o processo de variação/mudança nas formas de expressão de futuro, também numa perspectiva diferente quanto à construção de gênero atuante na mídia.

No Brasil dos anos 1970, tal como afirma Sarti (2004, p. 39), ligado à experiência de resistência feminina ao cenário de ditadura militar, o país passava por um processo de mudança, como a expansão do mercado de trabalho e a modernização do sistema educacional, gerando novas oportunidades no campo profissional e escolar, ainda que de forma excludente, para as mulheres. Além disso, devido às conquistas do movimento feminista, as brasileiras adquiriram alguns direitos na sociedade, ausentes nos anos de 1920. O voto, a igualdade entre gêneros reconhecida internacionalmente, a igualdade de remuneração para a mesma função exercida no meio profissional, a independência conjugal e a prática esportiva são alguns exemplos dos direitos das mulheres, embora (alguns) não necessariamente tenham sido colocados em prática.

Também Lobato (2013, [p. 9]) evidencia que:

Os anos 1970 chegam com novos questionamentos, novas lutas. O movimento *hippie*, com sua filosofia de paz e amor, a pílula anticoncepcional e o movimento feminista, já consegue causar significativos

abalos nas estruturas sociais de então. O modelo capitalista entra em um processo de consolidação de suas bases econômicas e culturais. É em meio a toda esta conjuntura que a forma de viver, se relacionar e se organizar das pessoas muda em um número significativo de sociedades por todo o mundo.

É, talvez, em consequência a todos esses fatores histórico-sociais, que na década de 1970 ocorreu o auge das revistas (BUITONI, 1981; SCALZO, 2017). Tipos de assuntos, linguagem, capa, etc. eram pesquisados de acordo com as expectativas do público-alvo. Nessa esteira, *A Cigarra* passou por um processo de modernização e de inovações tecnológicas²⁸, intitulado-se “A revista da mulher de hoje”.

A referida revista trazia assuntos “tabus”, como sexualidade dos jovens, métodos anticoncepcionais, valores de relações familiares, infidelidade feminina, corpo, entre outros, mas também dicas de culinária, beleza, decoração e utilidades domésticas. A representação do gênero feminino era múltipla, pois ora apresentava uma figura de mulher independente, segura de si, ora “conservadora”, definida por papéis tradicionais femininos.

Nesse sentido, é fato que as mulheres dos anos de 1970 inquietavam-se com seus papéis e com a sua posição social, entrando em sintonia com pautas e reivindicações por direitos igualitários entre os gêneros. As revistas femininas, como *A Cigarra*, passavam a ser um espaço para guiar o comportamento e a moral, seja para inovar ou para conservar as ações e funções das mulheres. As páginas tornavam-se um espaço de debate e discussões, de trocas de sentimentos, de ideias e experiências. Portanto, também nesse tempo, essa segmentação teve um importante papel social para as leitoras. Um passo, por exemplo, é o fato de que, contrária a década de 1920, em 1970, a presidente da revista em análise era uma mulher, Amélia Whitaker Gondim de Oliveira, o que sugere que *A Cigarra* acomodou uma porta-voz adequada e apropriada aos anseios femininos.

Apesar desse tipo de revista, no geral, apresentar um progresso quanto aos padrões de mulher, traziam um modelo de família particular, branca e de camadas abastadas, o que nos leva a considerar que embora *A Cigarra* de 1970 envolvesse uma variedade socioeconômica maior em relação à população feminina dos anos de 1920, na medida em houve a promoção da educação formal ao longo do tempo, ainda assim, o perfil de leitoras se apresentava em desacordo com as camadas mais baixas da sociedade brasileira e com a variedade de etnias existentes²⁹.

²⁸ Por esse motivo, a revista era publicada não apenas no estado de São Paulo, como também nas cidades do Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Brasília e Recife.

²⁹ Esse padrão e também a alteração de representação da figura da mulher são evidentes se observadas as capas d’*A Cigarra* ao longo do tempo. Cabe assinalar que a referida revista é detentora de direito autoral, patrimonial e

Ademais, como veremos mais à frente, é no espaço dedicado a cartas publicadas em seções d'A *Cigarra* que este estudo se ampara, já que, por meio desse gênero textual, evidenciamos a interação entre sujeitos reais e um contato amigável desencadeado pela revista, que incorpora o grupo de leitoras a um quadro de identificação e de representação feminina.

2.2.2 Grupo Controle: Jornais *A Gazeta* e *Correio da Manhã*

Além de fornecer uma análise em relação à distribuição das formas variáveis de futuro em sincronias passadas, nosso objetivo é verificar se essa distribuição é condicionada de algum modo pelo gênero. Apenas *corpora* de publicação feminina não nos trariam respostas para a nossa questão de pesquisa, por isso, admitimos *a priori* que os resultados da análise deveriam ser interpretados também segundo um “grupo controle” (publicação “neutra”), sendo possível investigar e apontar quais diferenças existem em cada *corpus* e mobilizar, a partir disso, o papel do gênero feminino na mudança de futuro. Portanto, comparamos e confrontamos os dados obtidos por meio das cartas da revista *A Cigarra*, destinada às mulheres, com os dados de outros *corpora*, de público-alvo não especificado, as cartas dos jornais *A Gazeta* (1906-1979) para a década de 1920 e as do jornal *Correio da Manhã* (1901-1974) para o início da década de 1970.

Escolhemos os jornais para a formação de nosso grupo controle em função do destinatário a quem os textos veiculados nesse meio se dirigem³⁰. Enquanto a revista feminina tem por definição um leitor específico (a mulher), Buitoni (1990, p. 7-8) explica que “na imprensa em geral, tal distinção de público não aconteceu no passado. Embora lidos predominantemente por homens – os únicos letrados que lhe tinham acesso – os jornais eram destinados a pessoas de ambos os sexos. Não existia uma imprensa masculina [...]”.

Apesar da imprensa em geral ter em vista um conjunto de públicos “neutros”, como pontuamos, é perceptível um direcionamento maior do texto à opinião masculina, sobretudo de camadas mais altas, ao menos no século XX, por alguns motivos: (i) leitura de jornais associada à intelectualidade (e suposta visão de superioridade masculina); (ii) divulgação de

moral e, em razão a isso, a reprodução de imagens não é permitida, sendo legal somente a inserção de trechos de textos para fins acadêmicos, como aqui fazemos. Para verificar o material, acessar o site da Biblioteca Nacional Digital pelo link disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003085&pesq=>> Acesso em 06 de fevereiro de 2019.

³⁰ Importante explicar o motivo de não escolhermos revistas masculinas que, segundo Scalzo (2016) são aquelas relacionadas ao esporte e à relação homem-mulher (erotismo). Os exemplares destinados aos homens são de difícil acesso em bibliotecas digitais. Quando achávamos uma revista, esta tinha poucas edições e/ou poucas páginas, impossibilitando-nos a coleta de dados nos moldes labovianos.

assuntos “tipicamente de homens”, segundo o senso comum, tais como política e esportes, sobretudo o futebol, e (iii) protagonismo masculino, de modo geral, nas matérias e imagens publicadas.

Também, ao invés da novidade, os jornais remetem à atualidade, fundamentando-se no fato, na notícia objetiva e na neutralidade dos conteúdos, embora esse último, tal como afirma Buitoni (1990), seja uma finalidade inatingível. Scalzo (2016) acrescenta que os textos ligeiros, superficiais, declaratórios, característicos de jornais, nunca tiveram notoriedade e espaço nas revistas.

Assim, ao passo que a imprensa feminina visa manter familiaridade e identificação com o grupo de leitoras, para a imprensa em geral, embora sem neutralidades ideológicas, importa a transmissão de informações rápidas e atuais ao leitor. Esse fato reforça, pois, a questão do gênero social mais arraigado nas revistas femininas.

É por meio de diferenças como as apresentadas, que recaem sobre o público, e em consequência, sobre a construção social de gênero, que trabalhamos, como supracitado, com os periódicos diários *A Gazeta* e *Correio da Manhã* como uma contraparte à revista *A Cigarra*.

O jornal *A Gazeta*, de acordo com informações do site da Fundação Cásper Líbero³¹, foi considerado um dos preferidos do estado de São Paulo, principalmente entre as décadas de 1920 e 1950. Com poucas imagens e muitos textos, trazia assuntos ligados à política, economia, esporte, cultura e sociedade. Em termos editoriais, era um jornal bastante moderno e valorizava conteúdos locais, regionais, culturais, esportivos e sociais. Com cunho nacionalista, visava, entre outras coisas, o desenvolvimento do Brasil, mas foi a difusão da prática esportiva o seu maior marco. Além disso, por ser um dos precursores da elaboração de cadernos e editoriais organizados por assuntos e matérias, *A Gazeta* é considerado um dos mais importantes veículos de comunicação de seu tempo.

Já o jornal *Correio da Manhã*, embora com sede no Rio de Janeiro, era de circulação nacional, destacava-se por ser de opinião e ser o “Jornal de Serviço”. Em 1901, quando nasceu, o jornalismo estava em função do governo e, portanto, sem voz. Nesse caminhar, o *Correio da Manhã* se fixa, ao longo dos anos de sua existência, em prol do direito do povo brasileiro. Ainda que voltado ao meio político, na medida em que se opôs ao governo vigente da época, tratava de assuntos similares ao jornal *A Gazeta*.

³¹ Site: Fundação Cásper Líbero. Disponível em < <http://fcl.com.br/fundacao/marcas/jornal-a-gazeta/> > Acesso em 09 de maio de 2018.

Um fato a ser considerado é a imprensa em geral, assim como a feminina, mudou bastante entre as décadas de 1920 e 1970, porém, não em relação a um estereótipo de gênero (como aconteceu nas revistas para mulheres), mas, sim, em relação à composição estrutural do jornal. Por tal razão, com sustenta Buitoni (1981, p. 1), “a imprensa feminina é mais “ideologizada” que a imprensa dedicada ao público geral”.

Dessa forma, devido aos propósitos e públicos-alvo divergentes entre os veículos de comunicação que são parte dos *corpora*, as cartas em análise nesta pesquisa refletem o contexto midiático e ideológico em que estão inseridas, tal como discutiremos na sequência.

2.2.3 Gênero textual “carta de leitores”

Na premissa bakhtiniana, os usos cotidianos linguísticos externalizam-se por meio de enunciados e, nesse sentido, “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus **tipos relativamente estáveis** de enunciados, os quais denominamos **gênero do discurso**” (BAKHTIN, 2010, p. 262, grifo do autor). Parte-se da ideia de que os discursos são formas de interação social historicamente situadas e, conforme destaca Marcuschi (2005, p. 20, grifo do autor), “todas as nossas manifestações verbais mediante a língua se dão como **textos** e não como elementos linguísticos isolados”. Os gêneros, nessa lógica, materializam-se através de textos, estabelecendo-se como formas específicas de práticas concretas de comunicação.

Por haver uma relação complementar entre texto e discurso, a noção de gênero ora se apresenta como “do discurso/discursivo” ora como “do texto/textual” e é foco de discussão por estudos vários (p. ex. MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, 2005). Essa imprecisão terminológica ocorre, para Biazolli (2016, p. 103), devido a nem sempre ser possível diferenciar as fronteiras entre um termo e outro, mas, segundo entende, ambas as expressões “podem ser usadas intercambiavelmente, exceto quando se pretende, de modo explícito, apontar algum fenômeno em particular”. Assim, para evitar quaisquer ambiguidades, cabe esclarecer a opção pelo uso de “gênero textual” nesta pesquisa como um modo de uniformizar o texto.

Gêneros textuais, sejam orais ou escritos, são recursos intrínsecos à atividade comunicativa e prestam-se a diversas funções, a depender do objetivo da situação enunciativa. Estruturam-se por meio dos discursos e são cristalizados em suas formas, apesar de não serem estanques, tendo em vista do caráter heterogêneo e dinâmico que assumem, ajustável ao momento sócio-histórico. Por esse motivo, segundo Marcuschi (2005), embora sigam

determinados padrões, por estarem ligados à historicidade, plasticidade, funcionalidade etc., não são rígidos, estáticos ou puros.

É, pois, a partir do gênero textual “carta de leitores” que desenvolvemos esta pesquisa. Tal como Marine e Barbosa (2012, p. 226), consideramos que um estudo pautado em cartas favorece a descrição sociolinguística, pois “além de servir como meio de comunicação entre pessoas distantes, conserva memórias, bem como aspectos históricos e sociais de uma determinada época”. Portanto, o estudo diacrônico através de textos escritos, como o que aqui se propõe, é capaz de evidenciar variações e/ou mudanças linguísticas, dado que “formal/informal, tenso/distenso, controlado/livre, elaborado/solto etc. são **usos** e não atributos da língua. Muito menos característica de uma modalidade de uso da língua” (MARCUSCHI, 2007, p. 68, grifo do autor).

Na escrita de uma carta, de modo geral, há um padrão estrutural específico, explica Soto (2007, p. 120), como cenário espaço-temporal (data, lugar) e papel desempenhado pelos enunciadores (localização do “eu” e do “outro” no enunciado). Nas cartas, além disso, para que a atividade comunicativa se dê de maneira efetiva, é necessário que se mantenha o envolvimento social entre as partes, nesse caso, semelhante ao que decorre no diálogo falado.

Em cartas de leitores, destacamos diferenças composicionais se comparadas a outros tipos de cartas, como as pessoais, por serem veiculadas em um meio de comunicação (jornais e revistas) e, assim, serem abertas ao público.

Nas cartas de leitores dos jornais *A Gazeta* e *Correio da Manhã*, por exemplo, encontramos com frequência a utilização do vocativo “sr. reda(c)tor” (sic)³², termo comumente associado a esse tipo de carta que, nos dizeres de Fraga (2005, p. 66), “era utilizado para que a informação coubesse na “forma” do gênero mais acessível ao público. [...] o produtor do texto tinha um alvo retórico que lhe servia para alcançar um outro alvo mais abrangente: a sociedade de seu tempo”. Entretanto, nas cartas de leitores de revistas femininas, especificamente nas da revista *A Cigarra*, observamos conteúdo que difere das cartas de leitores de jornais, como as d’*A Gazeta* e *Correio da Manhã*. Eram escritas com certo tom afetivo e, por esse motivo, podem assemelhar-se às cartas pessoais; porém, como reforça Marine (2009, p. 143), “a partir do momento em que essas cartas são publicadas, elas deixam de ser “pessoais”: o espaço é outro (a própria revista), o tempo é outro (“quando” são publicadas) e o interlocutor é outro (o público leitor da revista)”.

³² Grafamos assim pois na década de 1920 era utilizada a ortografia “redactor” e na década de 1970, “redator”.

Quanto à revisão de escrita das cartas de leitores nos diferentes veículos de comunicação que perfazem nossos *corpora*, não temos informações sobre possíveis interferências de corretores. Em outras palavras, não há garantias de que as cartas passaram por alguma modificação em termos gramaticais. Nossos resultados, dessa forma, também devem ser lidos levando em consideração esse fato.

Para a análise da variação de futuro na década de 1920, n’A *Cigarra* chamou-nos a atenção a seção de cartas “Collaboração (sic) das leitoras”, em que há uma relação de identificação e amizade entre revista e leitoras, comprovada pelo uso recorrente do termo “amiguinha”³³:

(14) Vou contar-te, **amiguinha “Cigarra”**, o que notei numa bella reuniao intima (A *Cigarra*, dezembro de 1925).

A movimentada participação das leitoras nessa seção explica, em parte, o sucesso da revista em relação ao gênero feminino naquele período. No referido espaço, escreviam recados amorosos para seus pretendentes, traziam fofocas da escola e de eventos, além de comentários sobre bailes em que estavam presentes. Como explica Buitoni (1981, p. 49), “a seção era uma espécie de “cotillon”, de comunicação adolescente girando em torno de namoros e “footings” em praças e se estendia por várias páginas”. Para exemplificar, trazemos partes de uma carta retirada da revista:

(15) Assim, vês, querida, que não é de hoje que essa duvida paira, e a mesma pergunta pende de todos os labios: - “Existe o amor?”. O meu fim, ao te escrever-te, é aconselhar-te que reflectas bem, e rebusques em teu coração (duvido que o coração tome parte) e vejas se está isento de todo o interesse, pois o passo que **vaes dar** e o laço a que **estarás** presa, jamais **poderão** se **dissolver**. Os santos laços do matrimonio! (A *Cigarra*, maio de 1928).

O clima de desejo, sedução, a possibilidade de encontros amorosos e os diversos conselhos entre as leitoras, tão presentes nas cartas, sugere-nos um possível contexto favorável ao aparecimento da variável de futuro, pois o evento ainda não realizado, o porvir, é característico dessas circunstâncias.

³³ Os exemplos, daqui em diante, são transcritos exatamente como constam nas amostras.

A seção “Diálogos” da revista *A Cigarra*, para o período entre 1970-1972, integra também parte de nossos *corpora*. Cartas de leitoras eram acompanhadas sempre de uma resposta escrita por uma mulher, colaboradora da revista, funcionando como uma espécie de correio sentimental. As cartas, no entanto, não eram reproduzidas integralmente e, devido a isso, optamos por coletar conjuntamente as respostas dadas pela *A Cigarra*, já que há uma adaptação da linguagem para o modo de falar/escrever de seu público-alvo.

Exemplifiquemos³⁴:

(16) Apesar de saber que êle só queria fazer-me mal, ainda o amo.

R:... *Pelo amor de Deus, Terezinha, que fim levou o seu bom-senso, o seu amor-próprio? O rapaz deixou bem claro ser um aproveitador, um mau-caráter e você ainda está gastando suas lágrimas com êle? [...] Mostre que uma garôta do interior pode ser tão inteligente como uma garôta do Rio, e que não vai gostar seus sentimentos nobres e sinceros com o primeiro cafajeste que aparecer. Não tenha medo de defender seus princípios e suas idéias. [...] Quanto mais personalidade você tiver, mais depressa encontrará quem a admire e a ame profundamente. Não se coloque em posição inferior a nenhum homem, saiba se impor, e poderá exigir um amor na mesma medida que o seu. Saia depressa dessa "fossa" e adote nova filosofia de vida, em que você mesma dirija o barco na direção que quiser* (A *Cigarra*, fevereiro de 1970).

Scalzo (2016, p. 76) argumenta que “conhecendo o leitor, sabe-se exatamente o tom com que se dirigir a ele. É preciso escrever na língua dele ou, como diria o jornalista Eugênio Bucci, em “leitores” (sic)”, oferecendo-lhe um tratamento de igual para igual em um verdadeiro bate-papo entre amigas. Essa identificação estabelecida por meio da escrita é notável em partes da carta acima, em que a revista, com tons imperativos, aconselha a leitora em seus anseios, aproximando-se de seu mundo ao utilizar expressões como “pelo amor de Deus”, “você ainda está gastando suas lágrimas com êle?”, entre outras. Convém enfatizar que também este contexto, repleto de conselhos, mostra-se produtivo em relação às ocorrências de formas de futuro, como destacamos em negrito no exemplo.

Além disso,

a interação “leitora-revista” na seção de cartas das revistas femininas não ocorre apenas entre uma dada leitora, ou seja, a que envia a carta, e a revista, pois as cartas publicadas retratam situações que estão acontecendo ou poderiam acontecer com qualquer uma das leitoras. [...] trocam entre si confidências, desabafos, dúvidas, aflições, momentos de alegria, pedem

³⁴ A parte em itálico refere-se à resposta da revista.

conselhos e sabem que na “voz” da revista e na de suas outras “amigas” leitoras, podem ser encontradas “respostas” (MARINE, 2009, p. 130).

É por meio do diálogo presente nas cartas, portanto, que a revista constrói e molda a identidade de um grupo de leitoras. Por essa razão, é possível verificarmos marcas responsáveis pela representação do gênero feminino, como no trecho (16) no qual a revista ideologicamente admite que as mulheres devem ser independentes e se colocar em posição de igualdade (e não de inferioridade) em relação aos homens. Importa lembrar que, apesar das dessemelhanças de estilos e de períodos, também nas cartas da década de 1920 construções de gênero são observáveis, uma vez que o diálogo entre leitora-leitoras e revista-leitoras tem como propósito, mesmo que de maneira implícita, a formação de uma identidade feminina coletiva.

De todo modo,

o texto na imprensa feminina sempre vai procurar dirigir à leitora, como se estivesse conversando com ela, servindo-se de uma intimidade de amiga. Esse jeito coloquial, que elimina a distância, que faz as ideias parecerem simples, cotidianas, frutos do bom senso, ajuda a passar conceitos, cristalizar opiniões, tudo de um modo tão natural que praticamente não há defesa. A razão não se arma para uma conversa de amiga. Nem é preciso raciocinar argumentos complicados: as coisas parecem que sempre foram assim. Ou então é apenas mais um momento de emoção, cujo único requisito é sentir junto (BUTONI, 1981, p. 125).

Logo, nas cartas de leitoras de revista feminina, mais especificamente nas d’*A Cigarra*, parece-nos que o tom persuasivo, conselheiro, amigável é ainda mais evidente e serve como uma armadilha linguística, que implica ideologicamente na construção de gênero. Por essa razão, o interesse nessa seção como parte específica para a formação de nossos *corpora* de análise.

Já em relação às cartas dos jornais *A Gazeta* e *Correio da Manhã*, os leitores escreviam para relatar reclamações, opiniões, pedidos etc. Na imprensa em geral, segundo Fraga (2005, p. 67), as cartas de leitores “serviam como um canal pelo qual as pessoas podiam se defender e defender alguma causa, esclarecer, elogiar, denunciar”, funcionando, às vezes, como a própria notícia. Talvez, por esse motivo as cartas nos periódicos em estudo, diferente da revista *A Cigarra*, eram reproduzidas de modo integral.

Como tratamos na subseção 2.2.2, para a análise da expressão variável de futuro na década de 1920 trabalhamos com *A Gazeta* como parte de nosso grupo controle. Apesar de

não se ter uma seção exclusiva, as cartas apareciam nas páginas do jornal, via de regra, para informar/comentar/opinar/reclamar:

(17) Mas **limpar-se-ão** eles assim? **Demonstrarão** aos accionistas desconfiados a sua honorabilidade? Nada **provarão** em sua defesa como tal processo crime, ao passo que um laudo dos accionistas, depois de examinada a administração e seus actos, levaria a honra offendida em poucos dias (*A Gazeta*, janeiro de 1921).

Para o início década de 1970 (1970-1972), analisamos, também como nosso grupo controle, as formas de futuro das cartas do jornal *Correio da Manhã* a partir das seções “Sua opinião vale 1 milhão” e “O leitor dá as cartas”. As cartas de leitores nesse veículo, em geral, cumpriam os mesmos objetivos das do jornal *A Gazeta*, todavia a ênfase era dada para a opinião, tal como exemplificamos a seguir:

(18) Crianças bem orientadas - em todos os sentidos ou aspectos - nascidas de pais sadios, também ajustados e equilibrados - com raras exceções, **serão** vítimas de maus hábitos ou, quando jovens, **enveredarão** pelo caminho dos tóxicos ou dos atos anti-sociais; A educação deve ser cogitada desde cedo (*Correio da Manhã*, agosto de 1971).

Como se prestam a assuntos diversos, as cartas dos jornais se mostram propícias à incidência de formas de futuro, conforme notável nos trechos acima em destaque, o que nos permite uma comparação mais justa, em termos de frequência, com os dados coletados n’*A Cigarra*.

Independentemente do material em que é veiculada (revista ou jornais), as cartas de leitores têm a sua importância dado que são documentos responsáveis por representar o comportamento social da época. Contudo, ressaltamos que na revista *A Cigarra* as leitoras buscam por respostas para questões e problemas pessoais; nesse sentido, as cartas funcionam como identificador de várias vozes na construção do gênero feminino, o que não acontece nas cartas dos jornais, “gerais” em relação a uma identificação de gênero.

2.3 Procedimentos para constituição da amostra

Para a composição da amostra, utilizamos trechos de cartas publicadas na revista *A Cigarra* e nos jornais *A Gazeta* e *Correio da Manhã* nas décadas de 1920 (1920-1929) e início de 1970 (1970-1972), a partir de exemplares digitalizados disponíveis nos sites Arquivo Público de São Paulo (APSP) e Biblioteca Nacional Digital (BND).

As sincronias foram escolhidas para a pesquisa devido ao período de circulação d'*A Cigarra* e a quantidade de material digitalizado que incorporava a seção de cartas de leitoras. Tendo como base a revista, selecionamos jornais disponíveis para consulta, que tivessem edições contendo cartas de leitores nos anos elencados.

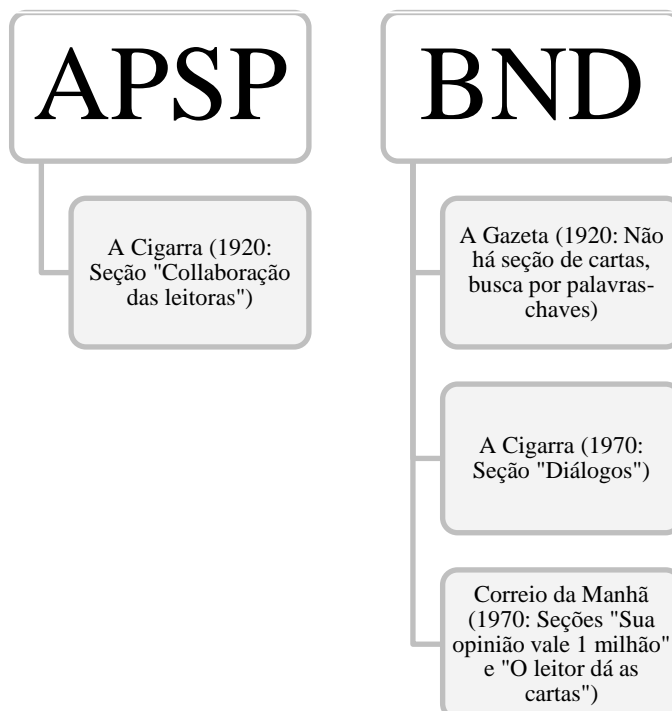
Nesse sentido, frisamos que, no projeto inicial, trabalharíamos apenas com a sincronia de 1920, mas, em razão às necessidades de pesquisas, ampliamos os *corpora*, decisão que ocasionou a coleta de dados de mais de um jornal, uma vez que lidamos com documentos *online* e, portanto, não dispomos de todo o acervo para a análise.

Apesar d'*A Gazeta* existir até 1979, no momento, a digitalização compreende os períodos entre 1914-1933 (BND), impedindo-nos de fazer uma comparação com a revista *A Cigarra* no início da década de 1970. Por essa razão, optamos por trabalhar também com o *Correio da Manhã*. Embora seja possível notar diferenças entre os periódicos do grupo controle, em vista das modificações de natureza estrutural e tecnológica sofridas na imprensa em geral, procuramos um jornal que fosse nacional, diário e com assuntos semelhantes aos veiculados n'*A Gazeta*.

Em contrapartida, na revista *A Cigarra*, outros desafios emergiram. Entre os períodos analisados, mudanças de sede e expansão de circulação fizeram com que leitoras de diversos lugares do Brasil, e não somente da capital e do interior de São Paulo (como acontecia em 1920), escrevessem para a revista. Além disso, as alterações editoriais provocaram a redução da seção de cartas em uma página e, em consequência, a publicação de apenas trechos curtos; essa circunstância pode ser um desafio para a pesquisa, pois quanto menor é o texto, maior é a chance da não incidência de nosso fenômeno de análise³⁵.

O esquema a seguir apresenta como se deu a coleta de dados:

³⁵ A solução para este caso, como já tratamos, foi a coleta das respostas dadas pela revista.

Figura 4: Distribuição da coleta de dados a partir do APSP e da BND

Fonte: Própria

O jornal *A Gazeta* é o único que não estabelece seção própria para cartas de leitores, diferentemente da revista *A Cigarra* e do jornal *Correio da Manhã*. Em função disso, como descrito na figura acima, realizamos uma busca por palavras-chaves, as quais foram previamente definidas com base numa leitura preliminar de algumas das edições disponíveis, de modo que foi possível verificar a recorrência de certas palavras no gênero textual em análise e nesse material em específico, embora nem sempre o resultado fornecido faça referência a uma carta. As palavras buscadas são: “redactor”; “redação”; “carta”, “leitor” e “escreve”.

Temos, assim, a seguinte distribuição de cartas de leitores para verificação de ocorrências da expressão variável de futuro:

Tabela 4: Distribuição de cartas coletadas em cada material nos períodos analisados a partir do APSP e da BND

Amostras	Total de cartas
<i>A Cigarra</i> 1920	240
<i>A Gazeta</i> 1920	240
<i>A Cigarra</i> 1970	125
<i>Correio da Manhã</i> 1970	107

Fonte: Própria

Vale apontar que fizemos duas coletas nas duas amostras analisadas para 1920 e seguimos o critério de doze cartas por ano (uma carta da primeira edição do mês disponível na ASPSP/BND), a fim de atingirmos a suficiência de dados e a produtividade de ocorrências de formas de futuro para uma análise quantitativa nos moldes labovianos.

No que se refere ao início da década de 1970, recolhemos todas as cartas disponíveis em todas as edições digitalizadas³⁶ d'A *Cigarra*. Para o *Correio da Manhã*, seguimos como parâmetro a coleta feita na revista, porém, em determinado momento do ano de 1972 as publicações de cartas cessaram, talvez pelo fim do referido jornal estar próximo (1974), o que acarretou num número inferior de seleção de cartas e de dados se comparado à revista. Nestes casos, a coleta de doze cartas por ano não foi aplicada.

Não utilizamos a coleta de cartas da segunda sincronia como parâmetro para a primeira, porque, inicialmente, a investigação se daria apenas a partir da década de 1920. Apesar da coleta de cartas ser quase o dobro na década de 1920 em comparação à década de 1970, consideramos que a interpretação dos dados não é desvalidada por essa razão. Como veremos em nossa análise (cf. seção 3), mesmo com um número menor de cartas coletadas no segundo período, as ocorrências das variantes nesta pesquisa se mantiveram em uma média equiparada.

2.4 Variáveis independentes

Sabemos, por WLH (2006 [1968], p. 126), que os processos de variação/mudança estão inter-relacionados a fatores tanto de natureza linguística, quanto extralinguística. À luz dos preceitos labovianos é, portanto, necessário considerar fatores atuantes sobre determinado fenômeno linguístico variável, isto é, verificar os efeitos de variáveis independentes, posto que “[...] as pressões internas, estruturais, e as pressões sociolinguísticas agem em alternância sistemática no mecanismo da mudança linguística” (LABOV, 2016 [1972], p. 214).

Nossa variável dependente, relembramos, é o futuro verbal codificado pelas variantes:

³⁶ Há vinte e oito edições digitalizadas da revista A *Cigarra* neste período (1970-1972) na BND e, em média, de três a cinco cartas publicadas em cada edição.

(A) Futuro Sintético (variante conservadora):

- (19) E, se algum dia, sentires o coração oprimido por alguma cousa inexplicavel a uma lagrima te humidecer os olhos, volta e te **estenderei** a mão (*A Cigarra*, fevereiro de 1922).
- (20) Quando um club da Segunda Divisão conquistar seguidamente o titulo de campeão, por dois annos, **disputará** com o club da primeira divisão (*A Gazeta*, março de 1921).

(B) Futuro Perifrástico (variante inovadora):

- (21) Estamos esperando o apartamento que êle comprou ficar pronto para podermos nos casar, o que ainda **vai demorar** uns seis meses (*A Cigarra*, fevereiro de 1970).
- (22) Os indormidos forjadores da confusão, os políticos da revanche já apresentaram o pano de bôca do que **vai ser** o Congresso, ou melhor dizendo, a política em 71 (*Correio da Manhã*, fevereiro de 1971).

Com base na teoria variacionista, elencamos nossas variáveis independentes linguísticas como possíveis condicionadoras do futuro variável consoante as hipóteses e os resultados de outros estudos (POPLACK; TURPIN, 1999; GIBBON, 2000; OLIVEIRA, 2006; BRAGANÇA, 2008; MALVAR; POPLACK, 2008; TESCH, 2011; ALMEIDA, 2015). Posteriormente, na análise dos dados (cf. seção 3), as hipóteses construídas serão coadunadas aos objetivos gerais e específicos desta pesquisa, mas, por ora, os apresentamos de acordo com o que explica a literatura³⁷:

(a) Marca de Tempo Futuro (TF) fora do verbo:

As marcas fora do verbo podem atribuir diferentes valores temporais ao enunciado. Quanto ao futuro verbal, Silva (1997) admite que o adjunto adverbial de tempo (um dos possíveis tipos de marca) quando associado à perífrase apenas cumpre a função de reforçar o porvir e, em consequência, circunstancializadores, como o citado, tendem a não aparecer nesse contexto. Cabe assinalar que o mesmo não acontece com a forma no presente, por exemplo, já que, segundo o autor, em razão da ausência de indicadores de futuro (de natureza morfológica e sintática) no verbo, a presença de outras marcas temporais no discurso é necessária para que essa forma revele o evento posterior.

³⁷ Nesta subseção, apresentamos dois exemplos para cada fator controlado tendo em vista as duas variantes dependentes em análise. Padronizamos a seguinte ordem das formas variáveis para a exemplificação: (i) futuro sintético e (ii) futuro perifrástico. Ainda, importa esclarecer que a seleção dos exemplos se deu de modo aleatório de acordo com as diferentes amostras da pesquisa.

Estudos como o de Tesch (2011) corroboram a afirmação acima, uma vez que ao analisar a escrita do jornal capixaba *A Gazeta*, a partir das variantes futuro perifrástico (IR + infinitivo) *versus* futuro sintético (para 1970) e futuro perifrástico (IR + infinitivo) *versus* presente com valor de futuro (para 2008), observa que o uso da perífrase, tanto em variação com o futuro sintético quanto com a forma no presente, de modo geral, não acompanha marcas de TF fora do verbo, o que comprova “a especialização dessa forma, uma vez que ela sozinha é capaz de expressar no texto o futuro” (TESCH, 2011, p. 157).

Sabemos que a variante conservadora, naturalmente, inibe outras marcas no discurso já que a noção de futuro é demarcada pelo morfema *-re/-ra*. Entretanto, o interesse ao controlar essa variável nesta pesquisa se dá pela hipótese, que coaduna a de Tesch (2011), de que o uso do futuro perifrástico seja estatisticamente significativo em contextos de ausência de marcas de TF fora do verbo, pois, como Silva (1997), consideramos que a perífrase já carrega o aspecto prospectivo em sua forma.

Para a investigação nos valem de dois fatores: (i) ausência e (ii) presença de marcas de TF fora do verbo. Ressaltamos que em “presença” estão inclusos advérbio de tempo e oração temporal³⁸, exemplificados nos trechos de (23) a (26)³⁹:

(1.a) Presença da marca (advérbio de tempo):

(23) [...] estou certo de que em breve os frutos dêsse magnífico trabalho **serão** aproveitados (*Correio da Manhã*, janeiro de 1971).

(24) Você foi se meter por um atalho, agora vai ser difícil voltar ao caminho que seguia antes (*A Cigarra*, agosto de 1970).

(2.a) Presença da marca (oração temporal):

(25) [...] o exmo. sr. redactor **poderá certificar**-se disso, quando quizer - basta “ouvir aqueles mesmos” citados na sua noticia de 3 deste (*A Gazeta*, fevereiro de 1927).

(26) Provavelmente sua mãe não **vai deixar** de se preocupar enquanto você estiver fora de casa (*A Cigarra*, abril de 1972).

Já o fator “ausência” compreende os enunciados em que não nos é possível aferir marcas temporais, em relação ao evento futuro, fora do verbo:

³⁸ Como buscamos verificar a interferência (ou não) da marca de TF fora do verbo, pareceu-nos mais relevante controlar presença *versus* ausência, sem nos atentarmos especificamente a cada tipo de circunstancializadores temporais.

³⁹ Para os exemplos deste grupo, a presença de marcas de TF fora do verbo encontra-se sublinhada.

(4.a) Ausência da marca:

(27) Desillude-as arrastando-a no turbilhão da vida! E ellas, coitadas, **terão** forças para supportar tamanha ingratição? (*A Cigarra*, janeiro de 1928).

(28) Muito simples, Ângela. Você é uma garota superbacana e inteligente e ninguém **vai derrotá-la** com essa facilidade (*A Cigarra*, abril de 1972).

(b) Tipo semântico do verbo:

O tipo semântico do verbo é central na estrutura frasal, visto que “determina como será o restante da oração, ou seja, sua relação com os nomes e como estes serão semanticamente especificados” (CHAFE, 1979, p. 98 apud SILVA, 1997, p. 33).

Propomo-nos a investigar, portanto, essa variável e observar se há algum efeito no uso e na escolha das formas variáveis de futuro. Para tanto, o controle dos dados se deu a partir de três classificações verbais: (i) ação; (ii) processo e (iii) estado.

Silva (1997), valendo-se de Chafe (1979), assim descreve tais valores semânticos do verbo:

O verbo de **ação** expressa o que o sujeito faz. Este é o agente (A) da ação verbal, o elemento instigador que desencadeia a dinâmica da frase. Ex.: Ela só pula corda. Nos de **processo**, o sujeito, paciente (P) ou experimentador, é afetado por algo que está fora dele, sofrendo mudança de estado ou condição. Ex.: A rosa murchou [...] Os de **estado** expressam que um nome, paciente (P), encontra-se num determinado estado. Ex: O lago está seco [...] As relações que o verbo mantém com o nome (agente e paciente) são fundamentais para a estrutura semântica da frase (SILVA, 1997, p. 33, grifos do autor).

Em referência à mudança linguística de futuro, para Oliveira (2006), a entrada da forma inovadora no PB é favorecida por verbos de evento (ou como adotamos, por verbos de ação) e de processo, devido ao auxiliar IR ter a noção primeira de movimento e, por essa razão, ter uma tendência a ligar-se a outros verbos principais, no infinitivo, também de movimento. Os verbos de estado seriam os preferidos para expressar o tempo futuro na forma sintética.

De modo semelhante, Bragança (2008, p. 125), ao analisar a variação de futuro em editoriais no meio jornalístico, chega a resultados que sugerem que “a forma sintética predomina entre os verbos de estado, enquanto a perifrástica, entre os de ação, embora os

percentuais não sejam tão distantes. Os verbos de processo, menos recorrentes, ocupam posição intermediária em relação à ocorrência da forma nova”.

A partir de Oliveira (2006) e de Bragança (2008), nossa hipótese é de que o futuro perifrástico seja favorecido gradativamente por verbos de ação e processo e, só após, por verbos de estado. Nesse sentido, vale mencionar que não incorporamos os verbos categorizados por Chafe (1979) como sendo de “ação-processo” (aqueles que possuem um sujeito, agente causativo, e um complemento, um paciente afetado pela ação verbal), a fim de evitar subjetividades entre os fatores, uma vez que a nossa hipótese se fixa em verbos de dois extremos (ação e estado).

Exemplifiquemos:

(1.b) Verbos de ação:

(29) Início com este perfil a série de colaborações que **enviarei** á <Cigarra> que todos lêem e apreciam aqui em Avaré (*A Cigarra*, janeiro de 1921).

(30) Agora **vou jogar** sómente no Methodo Astral, que reputo o melhor de todos. Naturalmente não póde dar todos os dias como o amigo já explicou (*A Gazeta*, fevereiro de 1921).

(2.b) Verbos de processo:

(31) Mas **morrerei** tranquila, feliz, porque te amei (*A Cigarra*, abril de 1921).

(32) (26) Sei que **vou soffrer** muito... mas não importa. (*A Cigarra*, setembro de 1924).

(3.b) Verbos de estado:

(33) Sou aquilo que penso ser. **Serei** amanhã aquilo que pensar hoje (*A Cigarra*, outubro de 1921).

(34) Outros considerandos podia vos fazer, sr. redactor, mas, acredito ser desnecessario porque qualquer um pode observar o que **vae ser** o recorte do passeio naquelle local (*A Gazeta*, junho de 1928).

(c) Número de sílabas do verbo:

Como se sabe, a maioria das palavras no PB seguem o padrão de duas ou três sílabas (CÂMARA JR., 2004 [1970]). Nesse sentido, o falante/escrevente orienta-se para formas verbais menos extensas na atividade enunciativa, sendo essa orientação possivelmente relevante na escolha do futuro perifrástico. Diante disso, nossa hipótese foi formulada a partir de diversos estudos que se propuseram a investigar a variação de futuro e sua relação com o

número de sílabas, como é o caso do de Oliveira (2006), Bragança (2008), Tesch (2011) e Almeida (2015), por exemplo.

Admitimos que verbos principais com maior número de sílabas favoreçam o futuro perifrástico e inibam o futuro sintético. Na construção sintética, considerando a forma no infinitivo, verbos menos longos tendem a ser preferíveis devido à maior extensão lexical (acréscimo de uma sílaba) em razão do morfema de futuro *-re/-ra*, o que o torna, conseqüentemente, mais longo, como por exemplo “ser” (uma sílaba) em “será” (duas sílabas).

Nesta pesquisa, portanto, observamos o número de sílabas considerando o verbo principal no infinitivo, uma vez que é esta a forma que se ligará ao auxiliar IR na construção da perífrase.

Para o controle dessa variável levamos em consideração os seguintes fatores:

(1.c) Verbo principal com uma sílaba:

(35) Tudo aquilo que acreditamos ser possível, torna-se possível. Repita isto sempre, e logo **verá** os resultados (*A Cigarra*, março de 1970).

(36) [...] cabe a êste funcionário exemplar, a quem não se permite o descuido de uma vírgula, o registro inexorável daquilo que **vai ser** lei (*Correio da Manhã*, abril de 1971).

(2.c) Verbo principal com duas sílabas:

(37) A Belgica possui o maior e o mais sumptuoso Palacio da Justiça existente no mundo. Não **mostraremos**, pois, a sua majestade, o de S. Paulo, isto é, o nosso Forum Cível (*A Gazeta*, setembro de 1920).

(38) Embora pallidamente, **vou traçar** o perfil da minha querida amiguinha Philomena B. De porte mignon, graciosa e gorduchinha, Mlle conta 15 rissonhas primaveras (*A Cigarra*, outubro de 1920).

(3.c) Verbo principal com três ou mais sílabas⁴⁰:

(39) Acreditamos que, depois dêsses exemplos, o Brasil, por sua vez, **dispensará** também o uso rotineiro dessa vacinação (*Correio da Manhã*, dezembro de 1971).

(40) As condições são excepcionais e **vão** me **proporcionar** muitas vantagens posteriores em minha profissão (*A Cigarra*, janeiro de 1972).

⁴⁰ A decisão de amalgamar os verbos de três sílabas junto aos de mais de três sílabas se deu pelo fato de não haver muitas formas verbais polissílabas no sistema linguístico do PB.

(d) Pessoa do discurso:

Soto (2007), fundamentada em Bakhtin (1997), afirma que o gênero textual “carta” pode funcionar como uma réplica de um diálogo, na medida em que é uma atividade em que os sujeitos desempenham diferentes papéis no enunciado. Mais especificamente nas cartas de leitores é possível verificar emissor (eu/nós), receptor (tu/vós/você/vocês) e referências a alguém no interior do discurso (ele/eles; ela/elas).

A escolha do controle dessa variável independente se deu a partir da comprovação de alguns estudos, como o de Gibbon (2000), de que a 1ª pessoa do discurso favorece o uso do futuro perifrástico. A explicação, base para nossa hipótese, é de que a perífrase, por ter um valor modal ligado à certeza, junto a voz do “eu/nós” passa a garantir maior assertividade na realização do porvir. Já a 3ª pessoa, por estar mais distante do envolvimento do falante/escrevente, talvez não esteja ligada à variante inovadora mas, sim, à conservadora. A expectativa para a 2ª pessoa é da não-influência, em termos de favorecer ou inibir, o uso de uma ou outra variante de futuro.

Os fatores, exemplificados a seguir, são:

(1.d) Primeira pessoa do discurso (eu/nós):

(41) [...], se assim elle merecer, pois, do contrario, **terei** forças bastantes para supportar os revezes da sorte sem nunca offender, nem e leve, o meu amor-proprio (*A Cigarra*, junho de 1922).

(42) Não **vou** mais **estudar**. Acabei o Clássico e quero trabalhar para ter minha independência (*A Cigarra*, janeiro de 1972).

(2.d) Segunda pessoa do discurso (tu/vós/você/vocês):

(43) Dizer-te... Fica!?! Oh! não!... é uma loucura que não **farás** (*A Cigarra*, fevereiro de 1924).

(44) [...] você nunca mais **vai conseguir** uma hora vaga para fazer a música que você tanto ama (*A Cigarra*, julho de 1970).

(3.d) Terceira pessoa do discurso (ele/eles; ela/elas):

(45) Fala-se que varios quadros europeós **virão** este anno até nós (*A Gazeta*, junho de 1929).

(46) [...] sei que minha mãe **vai querer** me ver sempre e tenho mêdo de atritos futuros (*A Cigarra*, agosto de 1970).

(e) Polaridade do enunciado:

Verificamos se a polaridade do enunciado tem algum efeito na escolha das variantes de futuro em análise nesta pesquisa. Para o francês, por exemplo, segundo os resultados de Poplack e Turpin (1999), a negação inibe o uso do futuro perifrástico e é, em consequência, a preferida (e estatisticamente relevante) nos contextos em que o futuro sintético ocorre.

Sobre a relevância dos enunciados negativos no uso da variante conservadora nessa língua em específico, Oliveira (2006, p. 71) explica:

Em francês, a negação envolve o uso de duas partículas (*ne* e *pas*), uma colocada antes do verbo auxiliar e a outra entre o auxiliar e o verbo principal. Assim, talvez o futuro perifrástico seja inibido em frases negativas pelo fato de a perífrase ser já tão percebida como um todo único que não admite a interpolação da segunda partícula entre o verbo *aller* e o infinitivo.

No sistema do PB, todavia, não há casos de interpolação, uma vez que o falante/escrivente se vale de outros recursos da língua (por exemplo, a partícula “não” frente ao verbo e/ou locuções verbais) para exprimir negação.

Malvar e Poplack (2008) ao analisar dados do PB entre os séculos XVI, ao XX, verificam que são enunciados declarativos que, de início, favorecem o futuro sintético e desfavorecem a variante coocorrente, até então, mais empregada (HAVER de + infinitivo). Porém, segundo afirmam as autoras, essa situação se inverte quando o futuro perifrástico (IR + infinitivo) assume a oposição do futuro sintético, pois no século XIX, “IR já dá sinais de que eventualmente assumiria o papel de marcador *default* do futuro: ele é favorecido em contextos mais frequentes e menos marcados como as **sentenças declarativas** (antigo domínio da variante FS [futuro sintético])” (MALVAR; POPLACK, 2008, p. 195, grifo das autoras).

Alicerçado nos resultados de tal estudo, nossa hipótese é, portanto, de que a forma inovadora seja mais incidente em enunciados declarativos e, em contrapartida, inibida em enunciados negativos, já que se trata de um contexto mais marcado.

Para a análise dos dados controlamos os fatores seguintes:

(1.e) Enunciado declarativo:

(47) Se porventura conheces alguém capaz de afirmar ter eu amado sinceramente, escreva-me e eu te **responderei**, provando que as setas de Cupido ainda não feriram o coração desta tua amiguinha (A *Cigarra*, junho de 1920).

(48) A letra do Hino do Congresso foi escolhida mediante concurso [...] e foi ganho por uma senhora residente em Minas Gerais que **vai receber** um prêmio de mil cruzeiros novos (*Correio da Manhã*, março de 1970).

(2.e) Enunciado negativo:

(49) [...] e a mãe não deve fazer os seus gostos, porque acostumado a fazer tudo o que a criança quer, não faz mais do que perdê-la e quando quiser impor a sua autoridade não **poderá** mais, visto estar muito enfraquecida (*A Cigarra*, janeiro de 1924).

(50) Meu noivo ainda está começando a vida e não temos grandes recursos, por isso meus pais querem que moremos com eles, pois nossa casa é muito grande. Mas meu noivo reage tremendamente contra a idéia, acha que não **vamos ter** liberdade, [...] (*A Cigarra*, setembro de 1970).

A variável independente extralinguística, por sua vez, foi selecionada como possível condicionadora na variação de futuro baseada nas amostras e nos objetivos de pesquisa:

(f) Tema da carta:

Face aos diferentes assuntos que aparecem nas cartas de leitores, tanto na revista quanto nos jornais, dividimos os temas no intuito de analisar se há alguma interferência dessa variável na escolha de uma ou outra variante de futuro.

Os temas foram elencados a partir de uma observação prévia dos conteúdos das cartas, distribuídos da seguinte maneira: (i) descrição de eventos e/ou perfis; (ii) dramas pessoais; (iii) romance; (iv) conselhos pessoais; (v) reclamações; (vi) opiniões e comentários; (vii) esportes e (viii) outros⁴¹.

Sobre “outros” optamos por enquadrar outras ocorrências, ainda que poucas, nas quais havia alguma citação, já que, nos jornais especificamente, pudemos identificar o uso de um texto produzido por um outro escrevente. Para fins exemplificativos, eis alguns trechos:

(51) [...] alludindo o assunto que ora ocupa a imprensa do Rio, inseriu “A Gazeta”, há dias, o seguinte tópico: “Trata-se de saber quaes **serão** os resultados da “medida aventada no Congresso Nacional de Educação” sobre o celibato compulsorio das professoras” (*A Gazeta*, fevereiro).

⁴¹ Sabemos que alguns temas de cartas (por exemplo, “opiniões e comentários” e “reclamações” não são tidos propriamente como temas. No entanto, essa tipologia foi por nós aplicada no intuito de abarcar a maior quantidade de ocorrências possíveis nos *corpora*. Num estudo posterior, é nossa pretensão recodificar e reduzir o número de fatores para essa variável.

(52) Lemos com atenção a matéria “**Vai começar** um novo programa dos negócios” publicada no “Anexo” do dia dezenove passado e gostamos (*Correio da Manhã*, março de 1971).

Vale esclarecer que, evidentemente, também foram levados em consideração o **contexto** (dados da revista *versus* dados do grupo controle) e o **período** (sincronias de 1920 e início de 1970), já que se configuram como base, ligados as demais variáveis acima, para responder ao nosso problema de pesquisa.

Além disso, como variáveis aleatórias, ou seja, como variáveis específicas das amostras em análise, controlamos a identidade lexical dos verbos principais de futuro (sintético ou perifrástico) em todos os *corpora*, além do contexto de autoria feminina para os dados da revista na sincronia de 1970. Oushiro (2015, p. 56) acrescenta que:

a inclusão de efeitos aleatórios no modelo estatístico permite verificar se as correlações observadas se devem aos efeitos fixos ou se possivelmente se devem à contribuição casual de certos indivíduos ou de itens lexicais que eventualmente se comportam de modo distinto da população geral.

Cabe, aqui, algumas considerações em relação ao “contexto de autoria feminina”:

(f) Contexto de autoria feminina:

Em razão da coleta de dados tanto de cartas de leitoras quanto de respostas dadas pela revista *A Cigarra* no início da década de 1970, codificamos o contexto de autoria feminina (leitoras ou revista) para observar se os resultados por nós obtidos sofrem interferências deste grupo. Destacamos que o mesmo procedimento não foi realizado nos dados do grupo controle em razão da ausência de respostas do jornal às cartas publicadas, constando, nas seções destinadas a tal finalidade, apenas a autoria do leitor. Contudo, salientamos que, conforme tratamos anteriormente, não temos indícios de que as cartas de leitoras passaram (ou não) por alguma revisão antes de serem publicadas.

Segue o modo como codificamos:

(1.f) Autoria feminina-leitoras:

(53) Minha família, no entanto, é muito antiquada e já avisou que se eu sair de casa não **contarei** com ajuda de espécie alguma (*A Cigarra*, janeiro de 1971).

(54) Acha que o casamento é uma vez, e pronto. Prefere viver junto. Eu confio na sinceridade dêle, mas como **vou enfrentar** minhas filhas? (*A Cigarra*, fevereiro de 1972).

(2.f) Autoria feminina- revista *A Cigarra*:

(55) Não pense que os outros rapazes que você conhece têm tantas virtudes quanto você diz. É mais a sua imaginação que os faz ver assim. Comece a namorá-los e **verá** que lhe falta igualmente amadurecimento, em consequência das limitações naturais da idade (*A Cigarra*, janeiro de 1970).

(56) Essa história de que “homem é assim mesmo”, já era, meu filho [...]. Se você ainda tem uma mulher que aguenta as suas infantilidades de adolescente, você tem mesmo sorte, rapaz. Mas, pelo jeito, não **vai durar** muito (*A Cigarra*, fevereiro de 1972).

2.5 Tratamento estatístico dos dados

É importante destacar que, para verificarmos padrões e tendências nas estruturas linguísticas e sociais, devemos lidar com um grande número de dados, sendo análises estatísticas imprescindíveis. Em nosso estudo, as análises estatísticas, após a coleta e codificação dos dados conforme as variáveis acima descritas, foram realizadas por meio da plataforma R (CORE TEAM, 2019).

Sobre isso, Oushiro (2014, p. 134) elucida que:

O R é uma linguagem de programação voltada à análise de dados, que pode ser utilizada para realizar computações estatísticas e gráficas, compilar e anotar *corpora*, produzir listas de frequências, entre diversas outras tarefas [...]. Sendo uma linguagem de programação, o R permite que o usuário customize uma série de tarefas que deseja executar e, conseqüentemente, tenha maior controle sobre os resultados obtidos.

Assim, foi-nos possível gerar:

(i) testes de significância (χ^2) para cada uma das variáveis controlada que, de acordo com Guy e Zilles (2007, p. 99), “nos dá, com efeito, uma quantificação de distribuições ao longo de um contínuo que vai da distribuição equilibrada prevista pela hipótese nula até a distribuição categórica, totalmente desequilibrada” e que permitem, desse modo, que visualizemos se há ou não diferenças de distribuição de nossa variável dependente para cada um dos fatores controlados isoladamente, segundo a probabilidade de significância (valor-*p*);

(ii) testes de regressão logística a partir do modelo de efeitos mistos, com o auxílio da função *glmer()*. Esse modelo, que acomoda tanto as variáveis fixas quanto as aleatórias, permite a verificação de como a regra variável (em nosso caso, o futuro perifrástico) age sobre as

variáveis independentes conjuntamente. Além disso, fornece estimativas mais confiáveis dos efeitos das variáveis independentes em relação à variável dependente e possibilita, portanto, generalizações do envelope da variação.

Convencionalmente, os resultados (em nosso caso, dos testes de significância e de regressão logística de efeitos mistos) são considerados significativos se p for menor que 0,05.

Ressaltamos, assim como afirmam Guy e Zilles (2007, p. 31), que o objetivo principal do estudo sociolinguístico quantitativo, como fazemos aqui, não é tão-somente produzir números, mas identificar e explicar os fenômenos variáveis na língua por meio de testes de hipóteses, comparação de análises e comprovação de tendências.

2.6 Decisões metodológicas para a análise dos dados

Ao realizar um estudo sistemático da variação linguística é necessária não apenas a identificação das formas variantes, como também a eliminação de contextos em que é possível observar diferenças em termos de comparabilidade funcional (LAVANDERA, 1978) entre as estruturas.

Para que pudéssemos seguir a análise nos moldes labovianos, portanto, fizemos a exclusão de alguns dados que dizem respeito ao que Poplack e Turpin (1999, p. 27) chamam de “futuros falsos” (possuem a morfologia de futuro, mas não têm referência ao tempo futuro, ou seja, ao tempo de eventos posteriores ao momento da enunciação), como em (57) e (58), e “futuros verdadeiros” (são formas já cristalizadas ou não são variantes), como em (59) e (60):

(57) Cynira muito intrigada pensando: o que **terá** ido fazer o meu querido na Casa Rodvalho? (*A Cigarra*, julho 1921).

(58) Mas, agora, pergunto: não **estarão** os países latino-americanos sendo pouco realistas, ao tentarem transplantar para a América, sem uma necessária adaptação, uma idéia que deu bons resultados na Europa? (*Correio da Manhã*, janeiro de 1970).

(59) Sr. redactor. - Não nos poderia v. dizer qual a razão do desprezo a que é votado este districto da Liberdade, por parte dos poderes municipaes? **Será** porque seja um dos mais velhos districtos da Capital? (*A Gazeta*, outubro de 1922).

(60) **Será** que a gente não pode mesmo acreditar nas mulheres? (*A Cigarra*, março de 1971).

A partir das exclusões, passamos do total de 1.225 dados a 1.105 dados das variantes futuro sintético e perifrástico. Foram, dessa maneira, retiradas 120 ocorrências da análise.

Interessante evidenciar que deste total excluído, 90 referem-se ao verbo “ser” em sua forma sintética de futuro e, nesses casos, além de se configurar em um contexto invariante, muitas vezes, aparece em sua forma já cristalizada: “será que”.

Lembramos que “será que” é uma locução cuja finalidade é introduzir e reforçar o valor dubitativo no enunciado e tem a mesma funcionalidade de um advérbio de dúvida, por tal razão, não expressa o por-vir e tampouco sustenta a variação com a forma do futuro perifrástico. Para exemplificar, trazemos uma sentença adaptada feita a partir do trecho (60) em que a construção perifrástica assume o lugar do futuro flexionado com o verbo “ser”:

(61) **Vai ser** que a gente não pode mesmo acreditar nas mulheres? (*A Cigarra*, março de 1971, adaptação nossa).

Os demais casos, como em (57) e (58), apesar de terem morfologia de futuro *-re/-ra* no verbo e de ser possível a alternância com a perífrase IR + infinitivo, fazem referência a outros tempos que não a um momento posterior ao ato enunciativo. Nesse sentido, optamos por não os incluir na codificação e análise dos dados.

Em relação à não inclusão de outras variantes dependentes, temos que a contribuição deste estudo é investigar o papel do gênero feminino no processo de mudança de futuro a partir da investigação de textos escritos em sincronias pretéritas, datadas no século XX, quando esse processo ainda não estava conclusivo na língua. Ainda que sem fotografar o ponto inicial da mudança, com a análise quantitativa podemos detectar, portanto, um início de implementação da variante inovadora (futuro perifrástico) em lugar da variante conservadora (futuro sintético), além do andamento da mudança, num contexto específico de usos. Se considerássemos outras formas, como a do presente, por exemplo, poderíamos enviesar a análise dos dados, além de que nossos objetivos e problemas de pesquisa poderiam se perder, na medida em que a forma do presente, embora produtiva na língua sincronicamente (GIBBON, 2000), não é inovadora, de modo que sua incorporação, tal como quaisquer outras variantes de futuro não inclusas, teria como resultado a ampliação dos períodos e consequentemente dos *corpora*.

2.7 Em resumo

Nesta seção, apresentamos a metodologia que orienta a nossa pesquisa, a qual consideramos parte relevante deste texto, uma vez que muitas das contribuições do estudo aqui se encontram.

Tratamos dos desafios enfrentados no desenvolvimento da pesquisa na subseção 2.1. Questões relativas ao trabalho (complexo) do condicionamento do gênero na modalidade escrita em casos de variação e de mudança linguística e graus de formalidade dos textos foram foco de discussão. Esclarecemos como se deu a nossa investigação, a partir de hipóteses que estabelecemos *a priori*: (i) a escrita é capaz de identificar fenômenos variáveis na língua, dado que é heterogênea e evidencia a língua em uso; (ii) a investigação da variável gênero (feminino) é dada a partir de sua representação no espaço midiático, de forma geral; e (iii) os diferentes graus de formalidade do texto, conforme os *corpora* desta pesquisa, podem se relacionar, dentre outros aspectos envolvidos (como seleção lexical e estilo, por exemplo), ao contexto ideologicamente marcado pelo gênero social.

Na subseção 2.2, apresentamos os *corpora* em análise. Tentamos realizar um paralelo com aspectos históricos e sociais relacionados, sobretudo, ao gênero feminino, em cada sincronia (1920 e 1970) e segundo cada parte do *corpus* (revista *A Cigarra* e grupo controle, jornais *A Gazeta* e *Correio da Manhã*). O que vimos, além do fato de que a revista teve um importante papel para a formação de um público-leitor feminino, é uma alteração de representação da figura da mulher. Em relação ao nosso grupo controle, pudemos validar o caráter mais “neuro” quanto ao gênero, uma vez que não há, diretamente, aspectos detectáveis dessa categoria social.

Abordamos o gênero textual “carta de leitores” que forma os *corpora* na subseção 2.2.3. Conduzimos as discussões para as características gerais e específicas, além de evidenciarmos que, dentro de um *continuum* tipológico (MARCUSCHI, 2007), tal gênero textual se mostra favorável à descrição sociolinguística. Também apresentamos cada uma das seções utilizadas para a coleta e análise dos dados, além de exemplificarmos as cartas a partir dos trechos. Em geral, mostramos propósitos e funções divergentes das cartas de leitores em cada veículo de comunicação e destacamos o contexto favorável ao aparecimento do futuro variável.

Nos procedimentos metodológicos, subseção 2.3, tratamos da maneira como procedemos a coleta de dados, das adversidades para a constituição da amostra, uma vez que trabalhamos com documentos digitais, e das soluções encontradas.

Na subseção 2.4, descrevemos, exemplificamos e apresentamos as hipóteses para cada uma das variáveis independentes fixas controladas, a saber: (i) marca de TF fora do verbo; (ii) tipo semântico do verbo; (iii) número de sílabas do verbo; (iv) pessoa do discurso; (v) polaridade do enunciado; e (vi) tema da carta. Também explicitamos, nessa subseção, quais são as variáveis aleatórias (identidade lexical e contexto de autoria feminina). Tratamos, por fim, das exclusões realizadas após a coleta de dados em 2.5.

Na seção seguinte realizaremos a análise dos dados.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentamos a análise quantitativa de nossos dados a partir da Sociolinguística e da Teoria da Variação e Mudança (WLH, 2006 [1968]; LABOV, 2016 [1972]). Discutimos, na primeira subseção, os resultados e análises mais gerais em relação à variável dependente, especificamente, ao uso da variante inovadora nos *corpora*, de modo que a comparação entre cada *corpus* foi estabelecida. Com base nos objetivos e hipóteses traçados ao longo desta pesquisa, nas subseções seguintes, tentamos mobilizar a maneira como o gênero feminino atua na mudança de futuro (futuro perifrástico) a partir dos resultados alcançados por meio dos testes estatísticos. Resumimos as principais considerações feitas ao final da seção.

3.1 Implementação do futuro perifrástico no PB escrito pela vertente feminina

3.1.1 Análise geral

Guiando-nos pelos preceitos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, temos o total de 1.105 dados de formas variáveis de futuro (futuro sintético e perifrástico), distribuídos entre revista (621 dados) e grupo controle (484 dados) do seguinte modo:

Tabela 5: Distribuição geral das variantes de futuro nos *corpora* em cada sincronia analisada

	Década de 1920				Década de 1970			
	<i>A Cigarra</i>		Grupo Controle		<i>A Cigarra</i>		Grupo Controle	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
Futuro Sintético	257	89,5%	290	91,2%	233	69,8%	136	81,8%
Futuro Perifrástico	30	10,5%	28	8,8%	101	30,2%	30	18,1%
TOTAL	287	100%	318	100%	334	100%	166	100%

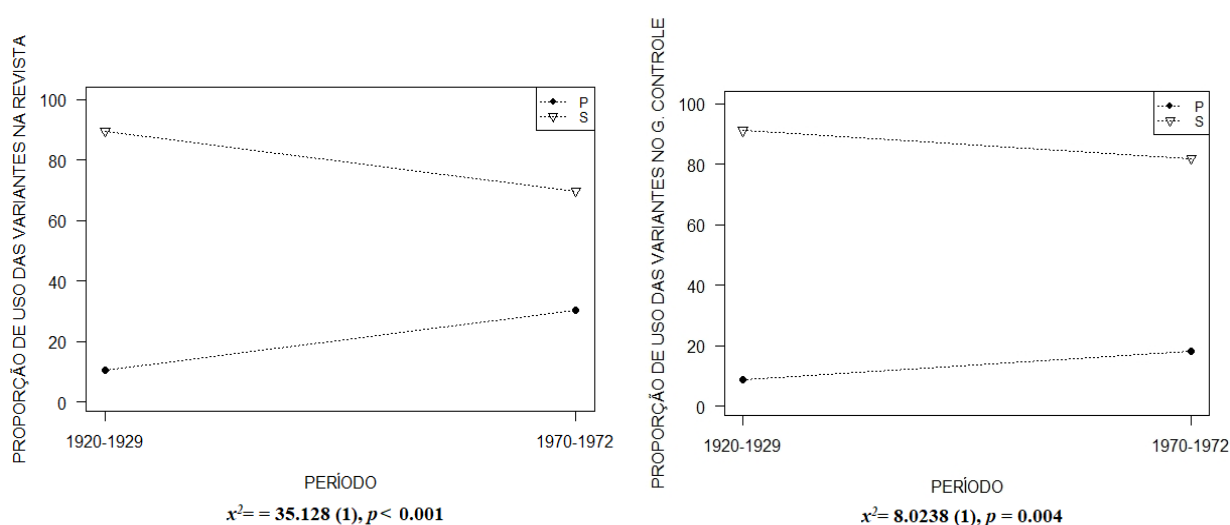
Fonte: Própria

Numa primeira análise, é possível observar uma maior ocorrência de futuro sintético nos diferentes *corpora* (dados da revista e do grupo controle) e nos diferentes períodos (sincronias de 1920 e 1970). Esse resultado, contudo, era esperado, uma vez que muitos

estudos, tais como os de Oliveira (2006), de Bragança (2008) e de Tesch (2011), comprovam a preferência da variante conservadora na modalidade escrita da língua (cf. subseção 1.3.3).

Apesar disso, o uso do futuro perifrástico, pouco frequente em 1920, aumenta em 1970, principalmente nos dados d'A *Cigarra*. A verificação pode ser mais bem visualizada a partir do Gráfico 1, em que P se refere ao futuro perifrástico e S ao futuro sintético⁴². Abaixo, incluímos também testes de significância⁴³ que se referem ao período (sincronia de 1920 e sincronia de 1970) de acordo com os *corpora*. Vejamos:

Gráfico 1: Percurso das variantes de futuro entre as sincronias conforme os *corpora*



Fonte: Própria

Tanto nos dados da revista ($p < 0,001$) quanto nos dados do grupo de controle ($p = 0,004$), a diferença na distribuição de usos da variável dependente entre as fatias temporais é significativa e apontam para uma maior frequência de uso do futuro perifrástico em 1970 em relação à década de 1920. Se remetermos à trajetória das formas de futuro verbal nas línguas românicas ocidentais desde o latim, por exemplo, vemos que a alternância e substituição entre síntese e análise no sistema linguístico é produto de um processo cíclico-padrão natural (FLEISCHMAN, 1982). Esse fato, junto às comprovações acima, pode nos indicar que, conforme o tempo, a estrutura IR + infinitivo adquire mais espaço na língua escrita, de modo que IR se torna mais gramatical, na função de auxiliar de tempo futuro. Nessa direção, com o

⁴² Quando, em outros gráficos, aparecem as siglas P e S, na legenda, também fazem referências às variantes dependentes “futuro perifrástico” e “futuro sintético”, respectivamente.

⁴³ Nos testes de significância, dessa e de outras subseções que contemplam a análise dos dados, χ^2 refere-se ao qui-quadrado, seguido por um número equivalente ao seu valor; entre parênteses encontra-se o número referente ao grau de liberdade; após o valor de p , ou seja, o valor de significância (BRANDÃO, 2018). Relembramos que o resultado é considerado significativo caso p for menor que 0,05.

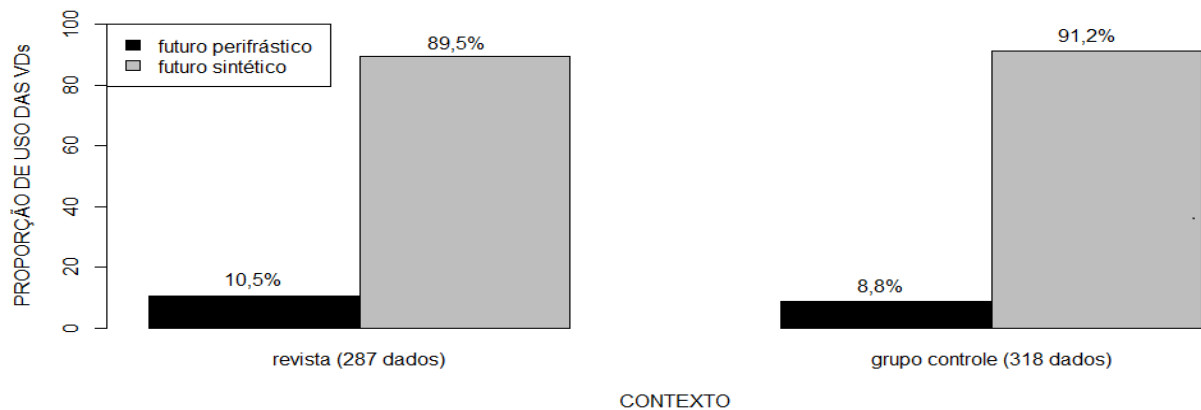
olhar diacrônico na escrita do século XX no PB, há indícios de uma mudança em curso, tendo como perspectiva as sincronias analisadas.

No entanto, o contexto de publicação feminina (as cartas de leitoras d'A *Cigarra*) parece ser mais favorável a esse processo, na medida em que os nossos resultados são mais perceptíveis nesse *corpus* do que naquele de publicação “neutra” (as cartas de leitores d'A *Gazeta* e do *Correio da Manhã*), o que pode nos sugerir que o andamento da mudança seja liderado principalmente pelo gênero feminino, como sustentam Gibbon (2000) e Oliveira (2006).

Para mais bem compreender os nossos dados, na sequência, apresentamos e discutimos a distribuição das variantes dependentes em cada sincronia separadamente, por meio de gráficos acompanhado de testes de significância quanto ao contexto de cada *corpus* (revista e grupo controle).

Verifiquemos os resultados da primeira fatia temporal:

Gráfico 2: Distribuição geral das variantes de futuro em cada *corpus* na sincronia de 1920



$$x^2 = 0.30163 (1), p = 0,582$$

Fonte: Própria

Quadro 2: Exemplos de dados de futuro perifrástico em cada *corpus* na sincronia de 1920

<i>Corpus</i>	Exemplos
<i>A Cigarra</i>	(62) Não vou tentar explicar -te o enigma que envolve o coração da D. R., mesmo porque o coração de todas as mulheres é um abysmo de misterios [...] (<i>A Cigarra</i> , setembro de 1926).
Grupo Controle (<i>A Gazeta</i>)	(63) E demais, é tão feio chorar. Paulistano não gosta disso. Si esse sr. pensa que vamos repetir a polemica, Santos e Guarany estão enganados. Paulistano não cogita questiunculas [...] (<i>A Gazeta</i> , outubro de 1927).

Fonte: Própria

É possível notar, pelo Gráfico 2, que na década de 1920 o uso da variante inovadora, tanto nas cartas d' *A Cigarra* quanto nas cartas d' *A Gazeta* (grupo controle), mostrou-se pouco produtivo, de modo que não há diferenças significativas na distribuição de usos de nossa variável dependente na comparação entre cada *corpus* (contexto) em análise ($p = 0.582$). Nessa fatia temporal, portanto, a forma conservadora é a variante que predomina na expressão do por-*vir*. Entretanto, o fato do futuro perifrástico aparecer, ainda que em menor escala, pode indiciar o início de sua implementação na escrita do começo do século XX. Cumpre destacar que, na perspectiva diacrônica, o estudo de Tesch (2011), por exemplo, vai ao encontro das comprovações a que chegamos nesta pesquisa, uma vez que também verifica uma baixa frequência de usos de IR + infinitivo em 1930 (14 de 202 dados, 6,9%).

De um modo geral, os resultados nos sugerem que, apesar do maior percentual nos dados da revista (30 de 287 dados, 10,5%) do que nos dados do grupo controle (28 de 318 dados, 8,8%), não há como sustentar qualquer tipo de afirmação no que diz respeito aos efeitos do gênero feminino nessa fatia temporal, já que nos anos de 1920 a variação linguística do fenômeno em estudo é incipiente nos *corpora*, o que pode validar, por outro lado, o começo do processo de mudança perceptível na escrita.

Embora consideremos que essa sincronia, devido às transformações ocorridas, como a crescente urbanização das cidades, poderia propiciar um quadro de variação/mudança no sistema linguístico do PB, na escrita esse reflexo social ainda estava por acontecer. Conforme descrevemos na seção de referencial teórico (1.5) e de metodologia (2.2.1), o público feminino no início do século XX era pouco alfabetizado, a educação somente chegava às camadas mais altas da sociedade brasileira. Apesar d'*A Cigarra* inserir muitas imagens e fotografias, com o objetivo de atingir mais leitoras e aumentar as vendas, incorporava textos de nível maior de formalidade em suas páginas. Sobre isso, Matos (2008, [p. 4]) afirma que:

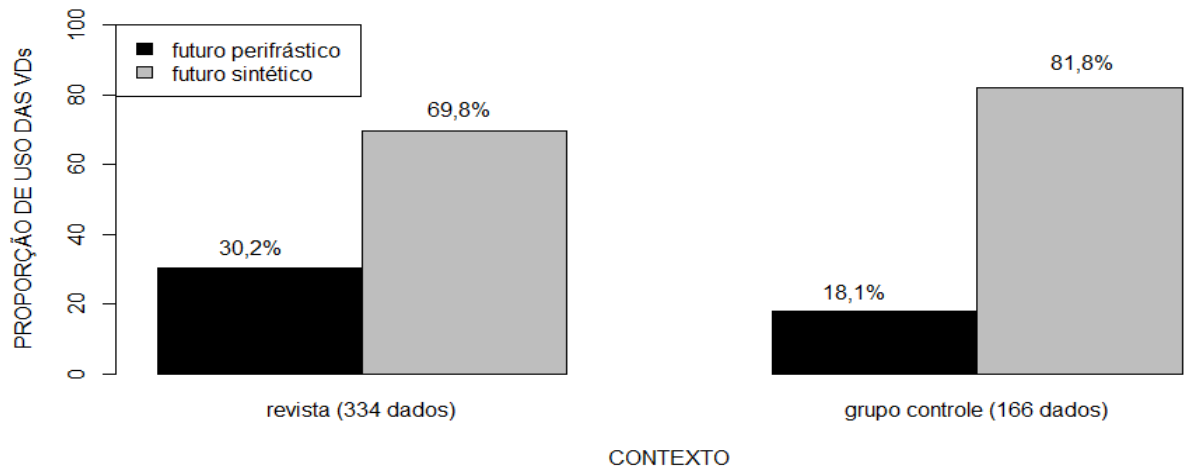
[...] ao procurar entreter através de concursos, charadas, palavras cruzadas, entre outros, a revista continua, muitas vezes, afirmando seu estilo formal e pomposo com um discurso requintado, frases ricamente estruturadas e uma linguagem apurada pontuada de superlativos, que pretendia exaltar a inteligência de seus leitores.

Concordamos com a visão de Matos (2008) quando esclarece que os leitores deveriam se moldar e se adequar à revista, o que pode sugerir, ainda que sem certeza, que as cartas passaram por algum tipo de revisão textual. Mas, ainda assim, a linguagem era menos formal do que a dos jornais da época, como os que compõem nosso grupo controle. Esse fato pode

explicar, em parte, uma maior ocorrência da variante conservadora, principalmente no *corpus* de publicação feminina.

Quanto à década de 1970, os resultados alcançados são os seguintes:

Gráfico 3: Distribuição geral das variantes de futuro em cada *corpus* na sincronia de 1970



$$x^2 = 7.8724 (1), p = 0,005$$

Fonte: Própria

Quadro 3: Exemplos de dados de futuro perifrástico em cada *corpus* na sincronia de 1970

<i>Corpus</i>	Exemplos
<i>A Cigarra</i>	(64) Tudo depende da mentalidade do rapaz, Neusa. [...] Já se foi o tempo em que se fazia ou deixava de fazer as coisas com medo do “que os vizinhos vão pensar ” [...] (<i>A Cigarra</i> , setembro de 1970).
Grupo Controle (<i>Correio da Manhã</i>)	(65) Os indormidos forjadores da confusão, os políticos da revanche já apresentaram o pano de boca do que vai ser o Congresso, ou melhor dizendo, a política em 71 (<i>Correio da Manhã</i> , fevereiro de 1971).

Fonte: Própria

O futuro sintético é ainda o mais frequente em cada *corpus* em análise. Contudo, em termos de proporção, temos que há um maior uso de futuro perifrástico nos dados da revista *A Cigarra* (101 dados de 334 do total, 30,2%), comparativamente aos dados do jornal *Correio da Manhã* (30 de 166 dados, 18,1%). Em consequência, os resultados de nosso grupo controle, proporcionalmente, apontam para uma maior incidência de uso da variante conservadora (136 de 166 dados) do que os da revista (233 de 334 dados, 69,8%). Essa diferença de distribuição é significativa, conforme indica o valor de $p (= 0,005)$.

Com efeito, nos anos de 1970, a revista abrangia uma maior variedade de públicos femininos em relação aos anos de 1920, devido ao aumento de educação formal, atingindo também outras camadas socioeconômicas. Também devido ao auge desse segmento, Buitoni (1981, p. 105, grifo nosso) explica que “enquanto a produção editorial de revistas vai-se aperfeiçoando cada vez mais, **os jornais mais preocupados com outras editoras que não a feminina, vão ficando para trás em termos dessa imprensa específica**”.

O comparativo pode nos revelar que a revista *A Cigarra* estava mais preocupada em satisfazer as necessidades do público (feminino) do que o jornal *Correio da Manhã*, concedendo mais voz e participação ativa em suas páginas e articulando, portanto, a linguagem a serviço das leitoras. De modo geral, por meio das cartas, gênero textual em estudo, abria-se espaço para que as mulheres debatessem e questionassem a posição assumida socialmente, os padrões culturalmente impostos, já que havia trocas de ideias e experiências, propiciando uma interação entre revista e leitora(s), de modo que permitia uma identificação entre os pares.

Somadas ao novo perfil da revista, as mulheres rompiam as fronteiras do espaço doméstico e inovavam ao conversar sobre assuntos tabus da época, como o ato sexual, o que pode ser uma das respostas aos resultados apresentados.

Assim, a interpretação de nossos dados, por meio dos *corpora* em análise, numa perspectiva de gênero é possível, na medida em que verificamos que a implementação do futuro perifrástico é mais evidente numa publicação direcionada ao feminino. Não podemos, entretanto, descartar a hipótese de que a dimensão estilística esteja também relacionada a esses resultados, uma vez que o conjunto de fatores que se combinam na configuração dos textos da revista, como a proposta de interação das cartas, podem atuar na escolha da variante inovadora.

Nesse sentido, ainda que Labov (2016 [1972]) destaque que a relação entre a mudança linguística e o papel do gênero não possa ser vista como conclusiva, as análises estatísticas nos permitem oferecer evidências importantes para uma discussão dos efeitos do gênero feminino na mudança linguística.

Levando em consideração que o futuro perifrástico é uma forma que não sofre avaliação social explícita (OLIVEIRA, 2011; TESCH, 2011; SANTOS, 2012; FIGUEREIDO, 2015), no geral, o que verificamos vai ao encontro da hipótese clássica laboviana sobre o Paradoxo do Gênero (LABOV, 1990, 2001), explicitada na subseção 1.2, na qual as mulheres lideram a mudança sem consciência social, inovam mais e são menos conformistas com as normas que não são abertamente prescritas. Contudo, o gênero feminino usa em maior escala

a variante inovadora apenas por tratar-se de uma variante abaixo do nível de consciência, como afirmam, por exemplo, Gibbon (2000) e Oliveira (2006)? Nossa hipótese, construída com base na análise preliminar dos dados, aponta outras possibilidades de compreensões.

Os usos linguísticos nas cartas da revista *A Cigarra* acompanharam, de certa maneira, a alteração da representação da figura feminina entre as sincronias de 1920 e 1970, além da expansão do perfil socioeconômico das leitoras e também dos novos significados que as cartas passaram a manifestar na conjuntura histórica, por meio da interação revista-leitora, sendo um importante mecanismo de prática social (cf. subseção 1.5 e 2.2.1); isso inclui, então, o uso mais frequente e mais relevante do futuro perifrástico (forma inovadora) se comparado às cartas do grupo controle, mais estáveis à mudança em curso. Podemos atribuir, nesse sentido, a maior incidência da variante inovadora na revista a um contexto de construção identitária coletiva feminina (consciente ou não), conjugadas à dimensão temporal e estilística.

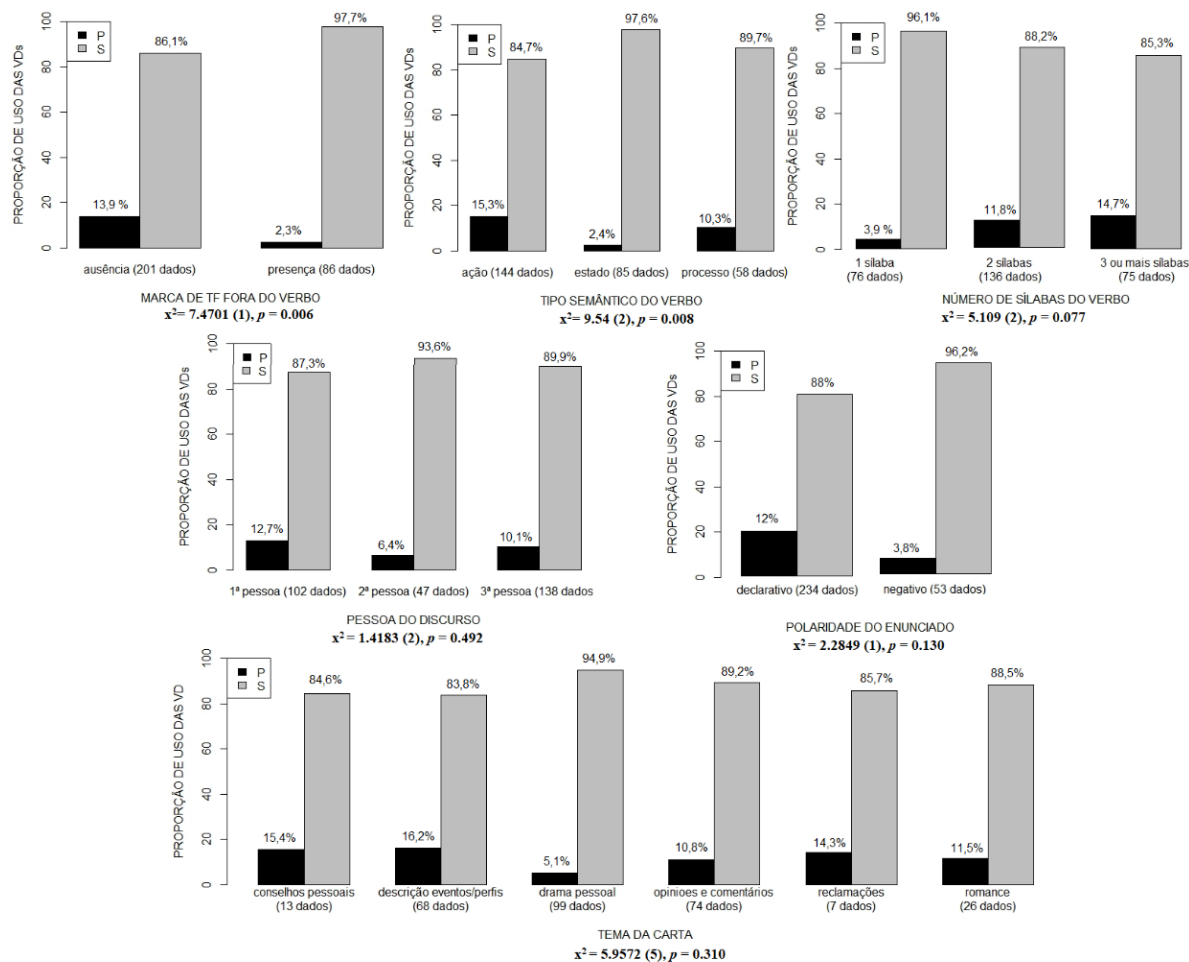
É, desse modo, que investigamos mais detalhadamente, na sequência, como o gênero feminino contribui para o avanço da mudança de futuro, em outras palavras, como a mudança de futuro caminha no contexto de publicação feminina. Buscamos responder a esse problema de pesquisa com a fundamentação da análise estatística das variáveis independentes controladas nesta pesquisa, realizando, conforme explicamos na seção metodológica (2.5), testes de significância e testes de regressão logística de efeitos mistos.

3.2 Qual o papel do gênero feminino no processo de mudança de futuro no PB escrito?

3.2.1 Sincronia de 1920: o início da implementação do futuro perifrástico

Para testar os efeitos do gênero feminino no andamento da mudança, realizamos primeiramente testes de significância. Nos dados da revista feminina *A Cigarra* na sincronia de 1920 (1920-1929), os resultados obtidos para cada variável independente separadamente são ilustrados no gráfico⁴⁴ seguinte, de modo que os resultados da distribuição das variantes dependentes, contando com o total de 287 dados (P = futuro perifrástico, 30 dados; S = futuro sintético, 257 dados), conforme à frequência proporcional dos fatores, são resgatados:

⁴⁴ Cumpre esclarecer que, no gráfico (e nos demais que se referem ao teste de significância), abaixo do nome de cada variável independente encontra-se o teste de significância, tal como organizamos na subseção 3.1.1.

Gráfico 4: Resultados dos testes de significância na revista *A Cigarra* na sincronia de 1920

Fonte: Própria

Das variáveis em análise, revelam-se significativas nesse período e nesse contexto, de publicação feminina, “marca de TF fora do verbo” ($p = 0,001$) e “tipo semântico do verbo” ($p = 0,008$), sendo que o restante não mostrou uma diferença relevante para a explicação do fenômeno. Resumidamente, o uso do futuro perifrástico n’*A Cigarra* nos anos de 1920 é maior (i) na ausência de marcas de TF fora do verbo em relação à presença; e (ii) em verbos de ação em relação aos de processo e de estado. Embora sem significância, ressaltamos que os fatores mais frequentes no uso do futuro perifrástico, além dos mencionados, são: verbos com 3 ou mais sílabas (14,7%); primeira pessoa do discurso (12,7%); enunciado declarativo (12%); e o tema descrição de eventos/perfis (16,2%) que, de forma geral, sustentam as hipóteses elencadas na seção metodológica (cf. 2.4), mas não permitem generalizações da regra variável.

Ambas as hipóteses a respeito das variáveis estatisticamente significativas podem se relacionar mais ao processo de gramaticalização do verbo IR na expressão de futuro (IR +

infinitivo) do que, de fato, à compreensão dos efeitos do gênero feminino nesse cenário, de início de implementação do futuro perifrástico no PB escrito. Os resultados, portanto, devem ser interpretados levando em consideração também essa outra perspectiva de mudança, apesar de que não seja nosso objetivo tal investigação, uma vez que estudos vários se dedicam a ela (cf. GIBBON, 2000; BRAGANÇA, 2008; TESCH, 2011; ALMEIDA, 2015; FIGUEREIDO, 2015).

Vemos que o futuro perifrástico é mais frequente quando a marca de TF fora do verbo é ausente (28 de 201 dados, 13,9%) do que quando é presente (2 de 86 dados, 2,3%), como presumimos, uma vez que a variante inovadora já tem, em sua forma auxiliar (IR), o caráter prospectivo e não precisa, no geral, de marcadores temporais para a expressão do por-vir, revelando ser uma estrutura que cumpre a função de deslocamento temporal para a expressão de futuridad. Seguem os exemplos para o uso do futuro perifrástico:

Quadro 4: Exemplos de dados de futuro perifrástico na revista *A Cigarra* (1920-1929):
marca de TF fora do verbo

Marca de TF fora do verbo	Exemplos
Presença	(66) Esteve brilhante o sarau promovido pelo G. D. Royal. Entre outras coisas, notou-se: [...], a tolíce do Jorge J. e do Halim A. em aspirar ether dos lança-perfumes; vocês <u>qualquer dia vão parar</u> no Juquery (<i>A Cigarra</i> , março de 1923).
Ausência	(67) Embora pallidamente, vou traçar o perfil da minha querida amiguinha Philomena B. De porte mignon, graciosa e gorduchinha, Mille conta 15 risonhas primaveras (<i>A Cigarra</i> , outubro de 1920).

Fonte: Própria

Além disso, a variante inovadora tem seu uso mais acentuado, proporcionalmente, em verbos que exprimem ação (22 de 144 dados, 15,2%), em relação aos verbos que manifestam processo (8 de 60 dados, 13,3%), de modo que na construção perifrástica os verbos de estado não apareceram neste *corpus*. Podemos afirmar que no processo de gramaticalização a entrada de IR na língua se dê pelos verbos de ação, já que o valor de movimento do verbo pleno se associa à noção mais gramatical do auxiliar, sendo o principal motivo dos verbos de estado não se ligarem ao futuro perifrástico, o que pode indicar um andamento da mudança por gramaticalização num estágio mais inicial. Exemplifiquemos:

Quadro 5: Exemplos de dados de futuro perifrástico na revista *A Cigarra* (1920-1929): *tipo semântico do verbo*

Tipo semântico do verbo	Exemplos
Ação	(68) Vamos relatar -lhe, querida “Cigarra”, o que presenciamos no baile realizado na noite de 18-12-1927, na residência do sr. S. Dario: [...] (<i>A Cigarra</i> , fevereiro de 1928).
Processo	(69) Sei que vou sofrer muito.... mas não importa (<i>A Cigarra</i> , setembro de 1924).

Fonte: Própria

Os dados também foram submetidos ao modelo de regressão logística de efeitos mistos (fixos e aleatórios), sendo possível verificar a atuação das variáveis independentes conjuntamente sobre o uso do futuro perifrástico (regra variável). Inserimos no modelo, tanto desse *corpus* como nos demais em análise nesta pesquisa, todas as variáveis controladas, mesmo as que não atingiram significância no teste anteriormente realizado. A inserção apenas de variáveis significativas no modelo seria, talvez, um modo melhor de apresentação dos dados. Apesar disso, optamos por acomodar todas as variáveis independentes, já que na maioria dos *corpora* uma das variáveis estatisticamente relevantes tem um fator com 0 dados de futuro perifrástico, circunstância que poderia interferir ainda mais em nossos resultados se adotássemos esse método.

Apresentamos os resultados na tabela⁴⁵ abaixo:

⁴⁵ Na tabela (e nas demais que se referem ao modelo de regressão logística de efeitos mistos), a primeira coluna refere-se às variáveis independentes. É importante aclarar que o resultado de alguns dos fatores controlados (segunda coluna) estão ausentes, pelo fato de que o R estabelece, de modo automático, uma ordem alfabética de seleção como nível de referência (chamado de *intercept*). Nas duas colunas seguintes, temos os valores de frequência (aplicação e total) e de proporção (%) de uso do futuro perifrástico para cada um dos fatores controlados na pesquisa. Na quinta coluna, Estimativa é o resultado da diferença entre o nível de referência e da variante em análise, no caso, do futuro perifrástico; os valores (positivos e negativos) são estimativas de valor de referência. O Erro Padrão, sexta coluna, apresenta um valor que indica a variabilidade do modelo. Na sétima coluna, o valor *z* faz um cálculo da Estimativa e Erro Padrão e gera um resultado para que se possa calcular o valor de significância daquela variante, conhecido como valor de *p*, oitava e última coluna (BRANDÃO, 2018, p. 123-125). Ressaltamos, ainda, que arredondamos os resultados numéricos dos testes em três casas decimais. Mais uma vez, recordarmos que para os resultados serem considerados estatisticamente significativos o valor de *p* deve ser inferior a 0,05.

Tabela 6: Modelo de regressão logística de efeitos mistos para o uso do futuro perifrástico (A *Cigarra*, 1920-1929)

Efeitos aleatórios							
Variáveis	Nível	Variância	Desvio padrão		Obs.		
Id. Lexical	<i>Intercept</i>	16,53	4,066		122		
Efeitos fixos							
Variáveis	Fatores	Aplic./ Total	%	Estimativa	Erro Padrão	Valor-z	P
<i>Intercept</i>	-	30/287	10,5%	-12,554	128,511	-0,098	0,922
<i>Marca de TF fora do verbo</i>	Presença	2/86	2,3%	-3,925	1,858	-2,122	0,034 *
	Ausência	28/201	13,9%				
<i>Tipo semântico do verbo</i>	Ação	22/144	15,2%	13,248	128,518	0,103	0,917
	Estado	0/83	0%				
	Processo	8/60	13,3%				
<i>N. de sílabas do verbo</i>	Uma	3/76	3,9%	-2,219	2,996	-0,741	0,458
	Duas	16/136	11,8%				
	Três ou mais	11/75	14,7%				
<i>Pessoa do discurso</i>	1ª pessoa	13/102	12,7%	1,292	1,482	0,872	0,383
	2ª pessoa	3/47	6,4%				
	3ª pessoa	14/138	10,1%				
<i>Polaridade do enunciado</i>	Declarativo	28/234	12%	-2,035	1,765	-1,153	0,248
	Negativo	2/53	3,8%				
<i>Tema da carta</i>	Cons. Pessoais	2/13	15,4%	-3,340	2,458	-1,359	0,174
	Desc. eventos/perfis	11/68	16,2%				
	Drama pessoal	5/99	5,1%				
	Opiniões/Comentários	8/74	10,8%				
	Reclamações	1/7	14,3%				
	Romance	3/26	11,5%				

Fonte: Própria. Modelo: glmer(VD ~ VI+VI... + (1|ID.LEXICAL). *Intercept:* Ausência; Estado; Duas sílabas; 2ª pessoa; Declarativo; Cons. pessoais

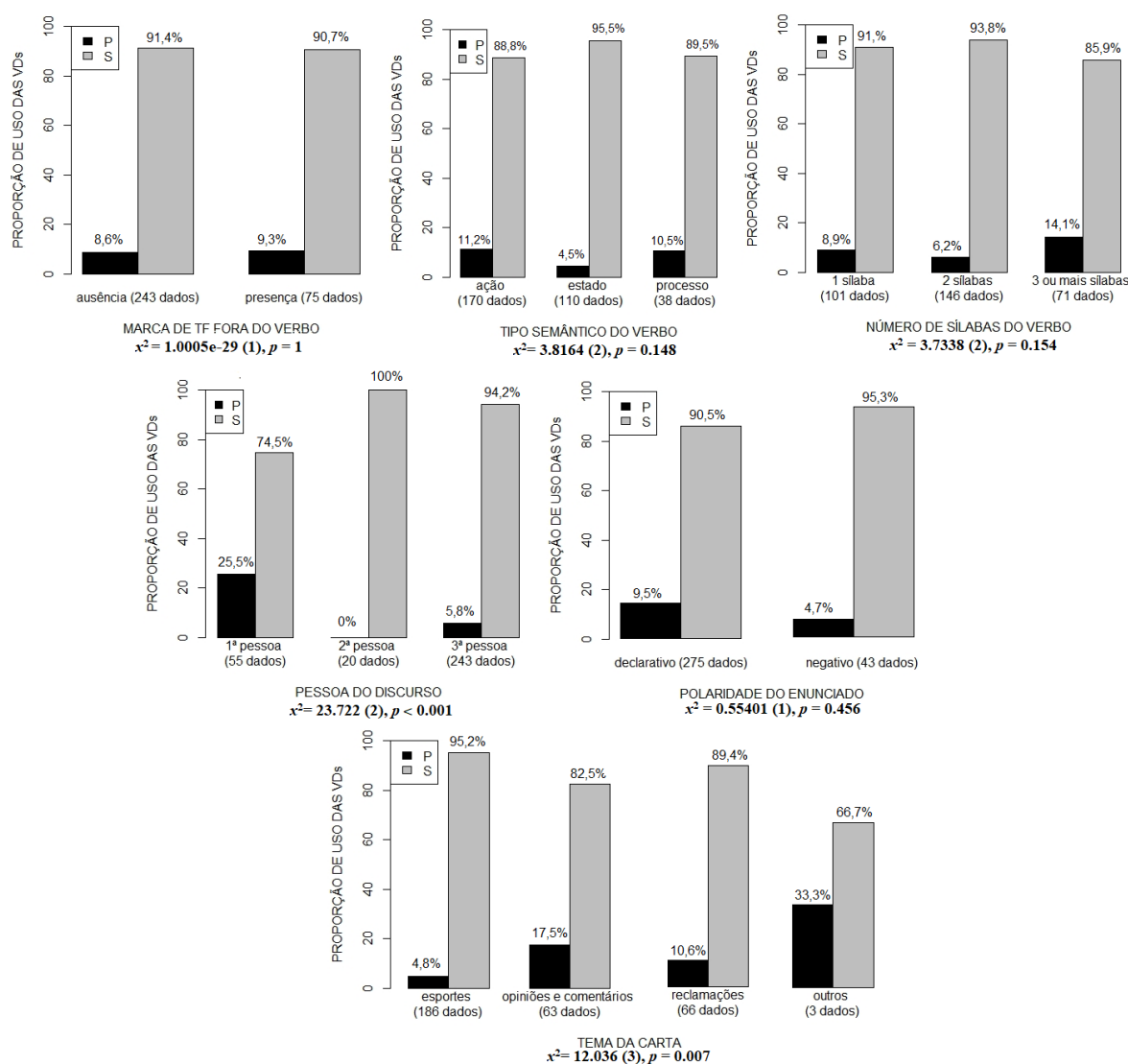
De início, podemos notar que a identidade lexical não faz diferença em nossos resultados, já que a variância é de 16,53. Pelo enfoque inferencial, a probabilidade de uso do futuro perifrástico é menor quando existe a presença da marca de TF fora do verbo ($p = 0,034$; estimativa negativa), nos temas das cartas de leitoras que se referem à drama pessoal ($p = 0,033$; estimativa negativa) e às opiniões/comentários ($p = 0,047$; estimativa negativa). Esse último caso pode evidenciar que a dimensão estilística desempenha uma função importante no uso (ou não) da variante inovadora, tendo em vista o cenário de publicações femininas, embora seja necessário considerar o baixo número de dados na distribuição da forma inovadora para cada fator elencado em “tema da carta”. É preciso mencionar também que a significância do tipo semântico do verbo, analisada no teste de qui-quadrado (Gráfico 4), perde-se na verificação da atuação das variáveis simultaneamente.

Mas, afinal, o que os resultados encontrados nessa fatia temporal nos sugerem em relação ao papel do gênero feminino no andamento da mudança de futuro, nesse caso, no

início da implementação do futuro perifrástico no PB escrito? Para responder a essa pergunta, voltamos o nosso olhar para os resultados do grupo controle (cartas de leitoras d'A *Gazeta*), de maneira que o mesmo procedimento de análise dos dados foi realizado para que, comparativamente (publicação feminina *versus* publicação grupo controle), possamos tentar mobilizar o modo como o gênero feminino favorece a mudança linguística.

Vejam os resultados dos testes de significância que seguem, pois, o mesmo modelo feito na revista *A Cigarra*. Recuperamos que tivemos o total de 318 dados de formas de futuro (P = futuro perifrástico, 28 dados; S = futuro sintético, 290 dados):

Gráfico 5: Resultados dos testes de significância no grupo controle *A Gazeta* na sincronia de 1920



Fonte: Própria

No grupo controle, nessa fatia temporal, mostram-se como variáveis significativas “pessoa do discurso” ($p < 0,001$) e “tema da carta” ($p = 0,007$). O fato de que a maioria das variáveis, tanto na revista quanto no grupo controle, não tenham uma diferença estatisticamente expressiva na distribuição dos dados pode comprovar, mais uma vez, o início da mudança de futuro.

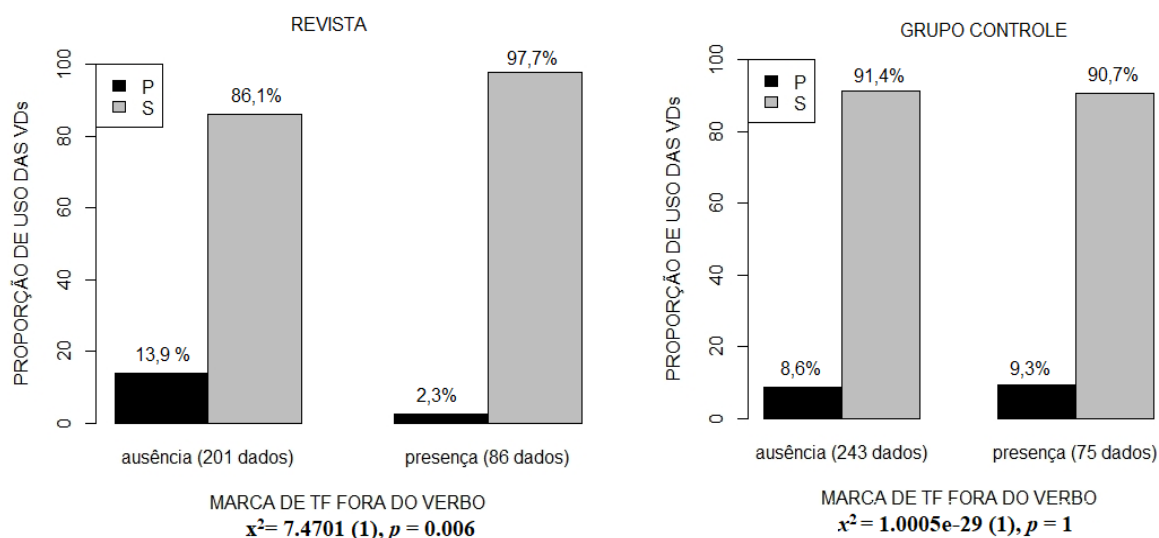
Desse modo, temos que o uso do futuro perifrástico é maior, nesse contexto, (i) na primeira pessoa do discurso em relação à terceira; e (ii) no tema denominado outros⁴⁶, seguido por opiniões/comentários em relação aos temas esportes e reclamações. A primeira pessoa do discurso como favorecedora do uso do futuro perifrástico era, pois, um resultado esperado em nossa hipótese, uma vez que, segundo afirma Gibbon (2000, p. 88), “a forma perifrástica ocorre mais em contextos nos quais o falante pode expressar mais intencionalidade e mais certeza na realização do fato”.

Os resultados estatísticos, portanto, diferem-se daqueles alcançados nos dados da revista feminina. Contudo, as demais variáveis sem relevância nos testes apontam, no geral, para uma mesma direção, antes já observada, ainda que nas ocorrências d’A *Cigarra* os índices de frequência sejam proporcionalmente maiores. O uso do futuro perifrástico nas cartas de leitores do grupo controle é, então, mais recorrente em verbos de ação (11,2%); em verbos com 3 ou mais sílabas (14,1%) e em enunciados declarativos (9,5%). “Marca de TF fora do verbo”, entretanto, tem uma distribuição bastante parecida entre os fatores controlados no grupo controle: presença (9,3%) e ausência (8,6%).

Nesse sentido, com base nos testes de significância, podemos verificar uma diferença quanto à variável “marca de TF fora do verbo” que se mostra como significativa para a compreensão do fenômeno nos dados de publicação feminina (revista), mas não nos dados de do grupo controle. Retomemos os resultados:

⁴⁶ Cumpre destacar, entretanto, que o fator “outros” conta com apenas 3 dados e, nesse caso, não sustenta explicações a respeito de variação/mudança linguística.

Gráfico 6: Comparação revista *versus* grupo controle (1920-1929): *marca de TF fora do verbo*



Fonte: Própria

Para Bragança (2008, p. 127), “a construção com perífrase que faz uso de outras marcas de futuridade seria mais modal, enquanto a construção perifrástica sem outras marcas, mais gramatical ou mais especializada na função de codificar futuro”. No caso dos dados da revista nos anos de 1920, verificamos que o futuro perifrástico tem uma tendência a ocorrer em contextos sem marcas temporais, o que nos indica que o auxiliar IR na construção perifrástica cumpre a função de expressar futuridade, tal como o futuro sintético. Nos dados do grupo controle, no entanto, tanto a ausência quanto a presença de marcadores temporais (advérbios e orações temporais, por exemplo) são utilizados, de maneira semelhante, em ocorrências de futuro perifrástico.

Ora, se o contexto feminino lidera a mudança, a ausência de marcas de TF fora do verbo, dessa maneira, pode ter sido um importante fator para o início da implementação da variante inovadora em lugar da variante conservadora no PB escrito do início do século XX.

Além disso, pelo teste de regressão logística de efeitos mistos, anteriormente feito, também vimos que a presença de marcas de TF fora do verbo inibe o uso do futuro perifrástico nos dados da revista ($p = 0,034$; estimativa negativa). Para o grupo controle, contudo, outras variáveis operam conjuntamente no uso da forma inovadora:

Tabela 7: Modelo de regressão logística de efeitos mistos para o uso do futuro perifrástico (grupo controle A *Gazeta*, 1920-1929)

Efeitos aleatórios							
Variáveis	Nível	Variância		Desvio padrão		Obs.	
Id. Lexical	<i>Intercept</i>	2,358		1,536		112	
Efeitos fixos							
Variáveis	Fatores	Aplic./Total	%	Estimativa	Erro Padrão	Valor-z	P
<i>Intercept</i>	-	28/318	8,8%	-25,470	13628,532	-0,002	0,998
<i>Marca de TF fora do verbo</i>	Presença	7/75	9,3%	-0,577	0,653	-0,884	0,376
	Ausência	21/243	8,6%				
<i>Tipo semântico do verbo</i>	Ação	19/170	11,2%	1,447	1,209	1,197	0,231
	Estado	5/110	4,5%				
	Processo	4/38	10,5%	2,460	1,333	1,845	0,065
<i>N. de sílabas do verbo</i>	Uma	9/101	8,9%	1,075	1,117	0,963	0,335
	Duas	9/146	6,2%				
	Três ou mais	10/71	14,1%	0,960	0,780	1,231	0,218
<i>Pessoa do discurso</i>	1ª pessoa	14/55	25,5%	21,738	13628,532	0,002	0,998
	2ª pessoa	0/20	0%				
	3ª pessoa	14/243	5,8%	19,690	13628,532	0,001	0,998
<i>Polaridade do enunciado</i>	Declarativo	26/275	9,5%				
	Negativo	2/43	4,7%	-0,755	1,024	-0,738	0,460
<i>Tema da carta</i>	Esportes	9/186	4,8%				
	Opiniões/Comentários	11/63	17,5%	1,755	0,643	2,727	0,006 **
	Reclamações	7/66	10,6%	0,883	0,713	1,238	0,215
	Outros	1/3	33,3%	1,789	1,868	0,958	0,338

Fonte: Própria. Modelo: glmer(VD ~ VI+VI... + (1|ID.LEXICAL). *Intercept:* Ausência; Estado; Duas sílabas; 2ª pessoa; Declarativo; Esportes

Num primeiro momento, notamos que a identidade lexical apresenta menor variância nos dados do grupo controle (2,358) do que nos dados da revista (16,53), mas que, assim como na revista, também não interfere em nossos resultados.

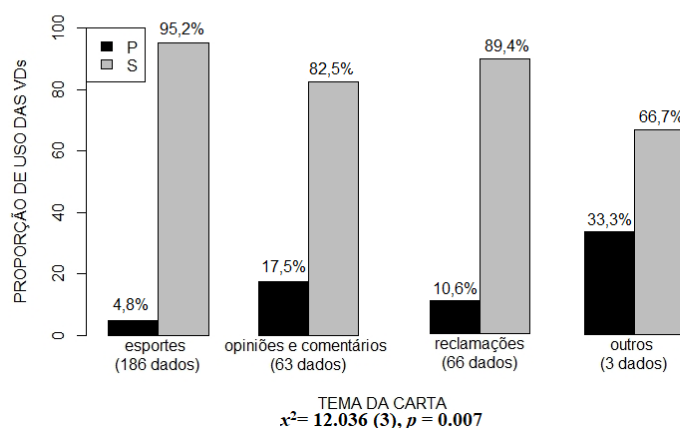
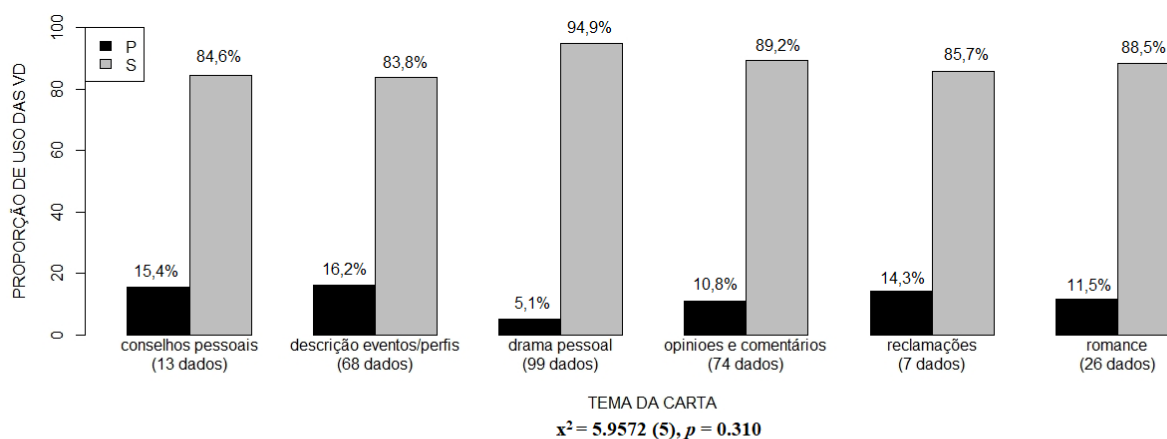
No grupo controle, quando levado em consideração a atuação das variáveis conjuntamente, a significância de “pessoa do discurso” se perde, contudo, há uma maior probabilidade de ocorrência da estrutura perifrástica nos temas de cartas que expressam opiniões/comentários ($p = 0,006$).

Chama atenção o fato de que no teste de regressão logística de efeitos mistos realizado a partir dos dados d’A *Cigarra* também a variável “tema da carta” se mostrou com fatores significativos. Nesse contexto, há uma menor probabilidade de uso do futuro perifrástico nos temas drama pessoal ($p = 0,033$; estimativa negativa) e opiniões/comentários ($p = 0,047$; estimativa negativa).

Um fator comum e significativo na explicação do fenômeno em ambos *corpora* é, pois, opiniões/comentários, porém, a atuação é distinta: há uma tendência inibidora na revista,

já no grupo controle, uma tendência favorecedora. Vejamos o comparativo de distribuição dessa variável no gráfico⁴⁷ abaixo, seguido de um quadro de exemplos de cada *corpus* para o uso do futuro perifrástico em relação aquele fator que mais nos interessa aqui (opiniões/comentários):

Gráfico 7: Comparação revista *versus* grupo controle (1920-1929): *tema da carta*



Fonte: Própria

⁴⁷ Optamos por não apresentar o teste de significância no gráfico, como fizemos anteriormente, já que o nosso objetivo é traçar algumas considerações do que observamos a partir dos testes de regressão logística de efeitos mistos.

Quadro 6: Exemplos de dados de futuro perifrástico nos *corpora* (1920-1929): *tema da carta opiniões/comentários*

<i>Corpus</i>	Exemplos
<i>A Cigarra</i>	(70) Thales: Respondo, finalmente, á tua carta de ha um mês. Pensarias, com os teus botões, que me esquivei de te escrever por não poder rebater a tua philosophia sobre os homens, sobre a sociedade [...]. Si esse é o teu juizo, reforme-o, que ainda vou em tempo de corrigir qualquer supposição menos positiva que tenhas engendrado a meu respeito (<i>A Cigarra</i> , dezembro de 1920).
Grupo Controle (<i>A Gazeta</i>)	(71) [...] fazendo-as scientes de que o nariz é o unico orgam que serve para a inspiração e expiração, [...], respiram pela bocca, o que é um habito repugnante o que vae futuramente accarretar molestias (<i>A Gazeta</i> , fevereiro de 1923).

Fonte: Própria

É preciso destacar que os temas das cartas são diferentes de acordo com cada publicação (*corpus*), como é perceptível no Gráfico 7. Nessa fatia temporal, em específico, a publicação feminina incorpora os temas seguintes: conselhos pessoais, descrição de eventos/perfis, drama pessoal, opiniões/comentários, reclamações e romances; enquanto o grupo controle acomoda: esportes, opiniões/comentários, reclamações e outros⁴⁸.

Os diferentes estilos das cartas são reflexos dos dois meios de comunicação, que se apresentam com diferentes públicos e propostas de interação. Vemos, no entanto, que há uma coincidência de temas controlados em ambos *corpora* em 1920 (opiniões/comentários e reclamações), porém, são temas que, a depender da imprensa (geral ou feminina), cumprem papéis sociais divergentes. As cartas da revista *A Cigarra* dos anos de 1920 tinham como objetivo trazer as **novidades** da sociedade brasileira e, com isso, propiciar um ambiente em que as leitoras pudessem escrever a respeito. Já em relação às cartas do jornal *A Gazeta*, é perceptível uma preocupação maior, por parte desse meio, com a **atualidade** dos assuntos da época e que, portanto, oportunizavam um espaço aos leitores para esse fim.

Levando em consideração essa premissa, temos a hipótese de que o fator opiniões/comentários pode atuar de maneira distinta conforme o *corpus*: no contexto do grupo controle sendo um tema menos formal, já que os leitores conseguiam se expressar e serem

⁴⁸ Reconhecemos, todavia, que há uma problemática, em termos metodológicos, já que há muitos fatores encontrados na revista, ao menos nessa sincronia, enquanto no jornal, os fatores são mais bem delimitados. Em estudo posterior, pretendemos refinar a análise para essa variável, a fim de poder mais bem discutir os efeitos estilísticos.

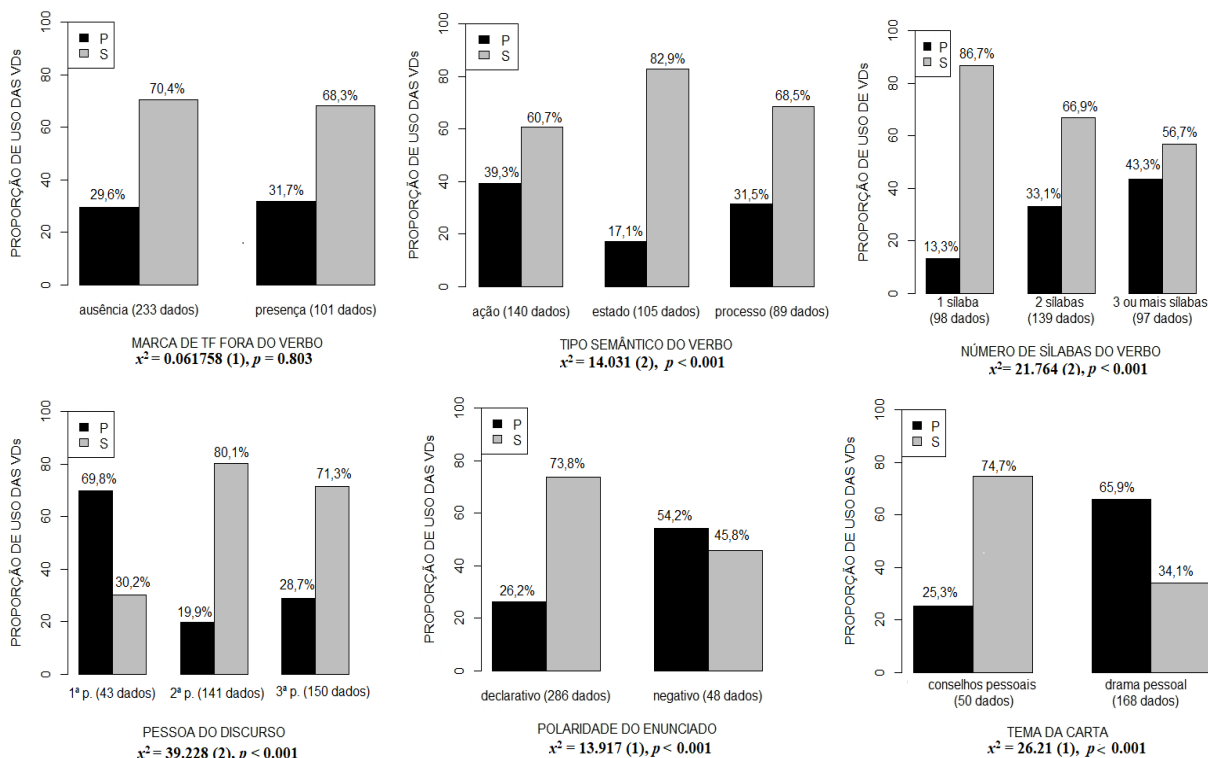
mais pessoais, o que permite uma maior tendência de inovação de futuro; no que se refere ao contexto da revista feminina, sendo um tema mais formal, uma vez que as leitoras tinham outros temas para se expressarem e serem mais pessoais, como é o caso de descrever eventos e perfis ou tratar sobre seus romances. Contudo, os poucos dados de futuro perifrástico em 1920 não nos permitem uma conclusão a respeito, uma vez que também drama pessoal inibe essa forma ($p = 0,033$; estimativa negativa). Retomaremos a discussão a respeito dessa variável na sequência (subseção 3.2.2).

Em geral, nessa sincronia, que sugere um início de implementação do futuro perifrástico no PB escrito, a variável “marca de TF fora do verbo” pode ser uma das respostas, embora não conclusiva, para o entendimento do desencadeamento do processo de mudança de futuro mais favorável num contexto marcado pelo gênero feminino. Notamos também que “tema da carta” é uma das variáveis significativas em relação às demais, de modo que o tema opiniões/comentários indica direções distintas conforme o *corpus*, uma vez o uso da variante inovadora é inibido na revista e favorecido, em contrapartida, no grupo controle. Pontuamos que a diferenciação de comportamentos, nesses casos, está atrelada aos estilos das cartas de cada meio de comunicação que, por consequência, corresponde às respectivas propostas de interação com o público-alvo, nesse sentido, tanto a dimensão estilística quanto a dimensão de gênero podem estar envolvidas.

Passemos à análise dos dados da segunda sincronia, os anos de 1970 (1970-1972).

3.2.2 Sincronia de 1970: o andamento da implementação do futuro perifrástico

Conforme realizado na sincronia de 1920, fizemos, do mesmo modo, testes de significância na sincronia de 1970 (1970-1972). Na revista *A Cigarra* contamos com um total de 334 dados, distribuídos entre futuro perifrástico (P = 101 dados) e futuro sintético (S = 233 dados). Os resultados estatísticos alcançados para todas as variáveis isoladamente estão dispostos no gráfico seguinte:

Gráfico 8: Resultados dos testes de significância na revista *A Cigarra* na sincronia de 1970

Fonte: Própria

Com base nos testes, verificamos que, diferentemente dos anos de 1920, a variável “marca de TF fora do verbo” isoladamente não é mais sensível a essa fatia temporal, tampouco aos efeitos do gênero feminino nos anos de 1970, já que não se apresenta com significância ($p = 0,803$). O resultado pode revelar, de acordo com os *corpora*, que essa variável tem um papel apenas no início da implementação da variante inovadora e não mais no andamento da mudança. Colabora a afirmação o estudo sincrônico de Figueredo (2015), uma vez que indica uma neutralidade dos dados quanto à presença/ausência de marcadores temporais no uso de formas de futuro na modalidade escrita da língua.

As demais variáveis independentes desta pesquisa, todavia, manifestam-se como relevantes na compreensão do fenômeno: “tipo semântico do verbo” ($p < 0,001$); “número de sílabas do verbo” ($p < 0,001$); “pessoa do discurso” ($p < 0,001$); “polaridade do enunciado” ($p < 0,001$); e “tema da carta” ($p < 0,001$).

Nesse sentido, quase todos os fatores mais frequentes em relação ao uso do futuro perifrástico na sincronia de 1920 se mantêm em 1970, contudo, com significância estatística para o entendimento do processo de mudança. Os fatores mais recorrentes são: (i) verbos de ação (39,3%) em relação aos de processo de estado; (ii) verbos com 3 ou mais sílabas (43,3%) em relação aos verbos com 1 ou 2 sílabas; (iii) primeira pessoa do discurso (69,8%) em

relação à segunda e a à terceira pessoa; (iv) enunciados negativos (54,2%) em relação aos declarativos; e tema da carta drama pessoal (65,9%) em relação ao tema conselhos pessoais. A variante inovadora, assim, começa a expandir os contextos de uso nas cartas de leitoras da revista feminina *A Cigarra*.

De modo geral, há uma confirmação de nossas hipóteses. Tal como tratamos na subseção 3.2.1, algumas delas podem se relacionar mais ao processo de gramaticalização do verbo IR (de pleno para auxiliar) do que propriamente ao papel do gênero feminino na mudança de futuro, como é o caso das variáveis “tipo semântico do verbo”, “número de sílabas do verbo” e “pessoa do discurso”. As considerações dessas três variáveis são apresentadas na sequência:

- (i) verbos de ação ainda são os preferidos também nessa fatia temporal e se ligam à noção de movimento do verbo pleno IR. Contudo, chamamos atenção para o aumento de verbos de processo e dos verbos de estado (esse último tipo sem recorrência no uso da variante inovadora nos dados d’*A Cigarra* em 1920), que remete ao esquema de gradação: ação → processo → estado, conforme o processo de gramaticalização avança;
- (ii) a maioria dos verbos do PB são dissílabos/trissílabos (CÂMARA JR., 2004 [1970]), e, assim, o verbo principal na construção perifrástica tende a ocorrer de acordo com essa preferência, diferentemente do futuro sintético que, na forma infinitiva, implica o aumento de mais uma sílaba no verbo, tornando-o mais extenso;
- (iii) a primeira pessoa do discurso associa-se ao futuro perifrástico, que tem um valor ligado a certeza, e garante um maior comprometimento do sujeito sobre o evento porvir.

Seguem os exemplos:

Quadro 7: Exemplos de dados de futuro perifrástico na revista *A Cigarra* (1970-1972): *tipo semântico do verbo; número de sílabas do verbo; pessoa do discurso*

Variáveis	Fatores	Exemplos
Tipo semântico do verbo	Ação	(72) Só conheço um remédio eficaz contra o medo que é enfrentá-lo. Sei que você vai me perguntar : [...]. (<i>A Cigarra</i> , agosto de 1970).
	Processo	(73) Mais tarde vão gerar nos filhos problemas emocionais da maior gravidade, culpando-os pelo "sacrifício" que se impuseram (<i>A Cigarra</i> , março de 1970).
	Estado	(74) Não é pelo fato de estar longe deles que você vai ser feliz (<i>A Cigarra</i> , dezembro de 1970).
N. de sílabas do verbo	1 sílaba	(75) Vai ver como o tal chefe desaparece de cena num abrir e fechar de olhos (<i>A Cigarra</i> , dezembro de 1971).
	2 sílabas	(76) Vou casar no comêço do próximo ano. Meu noivo acaba de perder o pai, [...] (<i>A Cigarra</i> , fevereiro de 1972).
	3 ou mais sílabas	(77) Não vou mais estudar . Acabei o Clássico e quero trabalhar para ter minha independência. (<i>A Cigarra</i> , janeiro de 1972).
Pessoa do discurso	Primeira pessoa	(78) Vou emagrecer até me sentir novamente esbelta [...] (<i>A Cigarra</i> , abril de 1970).
	Segunda pessoa	(79) [...] e se <u>você</u> tem um pouco mais de sensibilidade vai se sentir mal em contacto com eles (<i>A Cigarra</i> , outubro de 1970).
	Terceira pessoa	(80) Nunca mais deixe êste pensamento - "o que é que os outros vão pensar " - perturbá-la (<i>A Cigarra</i> , julho de 1970).

Fonte: Própria

Quanto à “polaridade do enunciado” ($p < 0,001$), diferentemente da primeira sincronia, em 1970 essa variável é significativa nos dados da revista, contudo, a nossa hipótese não foi comprovada. Tal como prevíamos, os enunciados declarativos poderiam propiciar um contexto favorável de ocorrências da variante inovadora, já que são menos marcados e mais recorrentes na língua (MALVAR; POPLACK, 2008). Na contramão, são enunciados negativos os mais frequentes no uso do futuro perifrástico. Vejamos alguns trechos exemplificativos:

Quadro 8: Exemplos de dados de futuro perifrástico na revista *A Cigarra* (1970-1972):
polaridade do enunciado

Polaridade do enunciado	Exemplos
Declarativo	(81) De noite estudo e vou tirar diploma de contador (<i>A Cigarra</i> , agosto de 1970).
Negativo	(82) Mas meu noivo reage tremendamente contra a idéia, acha que não vamos ter liberdade (<i>A Cigarra</i> , setembro de 1970).

Fonte: Própria

Talvez esse resultado se deva ao estilo das cartas no contexto da revista feminina, já que com temáticas envolvendo dramas e conselhos pessoais pode levar o recurso da negação a ser mais comum. Nesse sentido, as dimensões de estilo e de gênero podem atuar no cenário de variação e mudança linguística, porém, apenas com a análise dos efeitos das variáveis conjuntamente, e comparativamente à análise do grupo controle, poderemos comprovar essa questão.

Importa destacar que “tema da carta” também é significativa ($p < 0,001$). Mais à frente, da mesma forma que “polaridade do enunciado”, a comparação com os resultados dos dados do grupo controle nos dará respostas dessa variável em relação ao nosso problema de pesquisa.

Embora isoladamente quase todas as variáveis tenham uma significância na compreensão do fenômeno, quando o nosso olhar se volta para a atuação das variáveis conjuntamente, pela perspectiva inferencial, há uma maior tendência de favorecimento quando a forma de futuro perifrástico se encontra na primeira pessoa ($p = 0,003$), em enunciados negativos ($p < 0,001$) e no tema drama pessoal ($p = 0,026$) e uma menor tendência, em contrapartida, em verbos com uma sílaba ($p = 0,043$; estimativa negativa), conforme a tabela demonstra:

Tabela 8: Modelo de regressão logística de efeitos mistos para o uso do futuro perifrástico (A *Cigarra*, 1970-1972)

Efeitos aleatórios							
Variáveis	Nível	Variância	Desvio padrão		Obs.		
Id. lexical	<i>Intercept</i>	< 0,001 **	0,874		115		
Autoria	<i>Intercept</i>	< 0,001 ***	0,001		2		
Efeitos fixos							
Variáveis	Fatores	Aplic./ Total	%	Estimativa	Erro Padrão	Valor-z	<i>p</i>
<i>Intercept</i>	-	101/334	30,2%	-1,778	0,598	-2,990	0,002 **
<i>Marca de TF fora do verbo</i>	Presença	32/101	31,7%	0,210	0,343	0,613	0,539
	Ausência	69/233	29,6%				
<i>Tipo semântico do verbo</i>	Ação	55/140	39,3%	0,545	0,551	0,990	0,322
	Estado	18/105	17,1%				
	Processo	28/89	31,5%				
<i>N. de sílabas do verbo</i>	Uma	13/98	13,3%	-1,316	0,651	-2,021	0,043 *
	Duas	46/139	33,1%				
	Três ou mais	42/97	43,3%				
<i>Pessoa do discurso</i>	1ª pessoa	30/43	69,8%	1,709	0,583	2,929	0,003 **
	2ª pessoa	28/141	19,9%				
	3ª pessoa	43/150	28,7%				
<i>Polaridade do enunciado</i>	Declarativo	75/286	26,2%	1,483	0,414	3,580	< 0,001 ***
	Negativo	26/48	54,2%				
<i>Tema da carta</i>	Cons. Pessoais	74/293	25,3%	1,225	0,552	2,218	0,026 *
	Drama pessoal	27/41	65,9%				

Fonte: Própria. Modelo: $glmer(VD \sim VI+VI... + (1|ID.LEXICAL) + (1|AUTORIA). Intercept: Ausência; Estado; Duas sílabas; 2ª pessoa; Declarativo; Cons. pessoais$

Lembramos que para esse *corpus*, nos anos de 1970, coletamos tanto as cartas de autoria feminina-leitoras quanto as cartas-respostas de autoria feminina-revista, de modo que a variável “contexto de autoria feminina” foi controlada como aleatória no teste de regressão logística de efeitos mistos. Dos efeitos aleatórios, é possível verificar que identidade lexical se apresenta com uma variância maior do que o contexto de autoria feminina⁴⁹.

Além disso, com base nos testes de significância, tratamos anteriormente do fato de que os enunciados negativos não tiveram um comportamento previsto em nossa hipótese e de que esse resultado poderia ser atribuído ao contexto das cartas publicadas na revista feminina que, conforme os dados, favorece o recurso da negação nas ocorrências de futuro perifrástico. Esse resultado também se repete na análise conjunta das variáveis ($p < 0,001$).

Quanto ao tema drama pessoal, pelo aspecto inferencial, vemos que esse fator tem um efeito positivo em relação ao uso da forma inovadora para essa sincronia ($p = 0,026$), diferentemente dos resultados obtidos nos anos de 1920, já que esse mesmo tema atua de

⁴⁹ Quanto maior o número de asteriscos, mais estatisticamente significativo é aquele resultado.

maneira negativa ($p = 0,033$; estimativa negativa). Entendemos que a mudança do estilo da própria revista, e consequentemente das cartas de leitoras, tem relação com tais resultados. A revista em 1970 tinha uma maior abrangência de públicos e uma maior interação entre as leitoras, na medida em que, nesse contexto, falavam sobre os seus dramas pessoais em buscas de respostas pela revista que, por sua vez, aconselhava sobre dúvidas e aflições; em 1920, porém, os dramas eram mais desabafos internos do que pedidos de conselhos.

Para uma maior compreensão, vejamos exemplos de uso de futuro perifrástico nos trechos de cartas que remetem ao drama pessoal em ambas as sincronias n’A *Cigarra*:

Quadro 9: Exemplos de dados de futuro perifrástico na revista *A Cigarra* em ambas sincronias em análise: *tema da carta drama pessoal*

<i>Corpus</i>	Exemplos
<i>A Cigarra (1920-1929)</i>	(83) Se tudo, na vida, não passasse e esquecesse, eu ousaria dizer que a vida para mim sem a repetição desses momentos seria impossível... mas, não... porque eu sei que tudo passa... Mas nem todos esquecem... e eu não <u>esquecerei</u> nunca... Sei que vou sofrer muito.... mas não importa... (<i>A Cigarra</i> , setembro de 1924).
<i>A Cigarra (1970-1972)</i>	(84) Ele quer que vivamos juntos, mas não quer casar, pois já tem tudo dividido pelos filhos e acha que a família não vai gostar de um nôvo casamento (<i>A Cigarra</i> , fevereiro de 1972).

Fonte: Própria

Nesses casos, os resultados podem fazer referência à maneira como é trabalhado o tema nas cartas de leitoras da revista feminina de acordo com a fatia temporal, de modo que na sincronia de 1920 é um tema mais formal e na sincronia de 1970, menos formal.

Também conforme indica Marine (2009, p. 135), quando há a interação revista-leitora, como no caso dos anos de 1970:

a linguagem utilizada pela leitora e pela revista na seção de cartas dessas revistas é realmente muito semelhante; o “primeiro remetente” sempre será a leitora, isto é, uma adolescente que, ao pedir um conselho à revista, não quer uma resposta que represente a voz de um adulto, mas sim, a de uma amiga, que lhe compreende e “fala a mesma língua”.

Portanto, parece que a dimensão estilística tem papel nesse contexto que é, por conseguinte, próprio da dimensão de gênero, já que a revista feminina *A Cigarra* propícia um

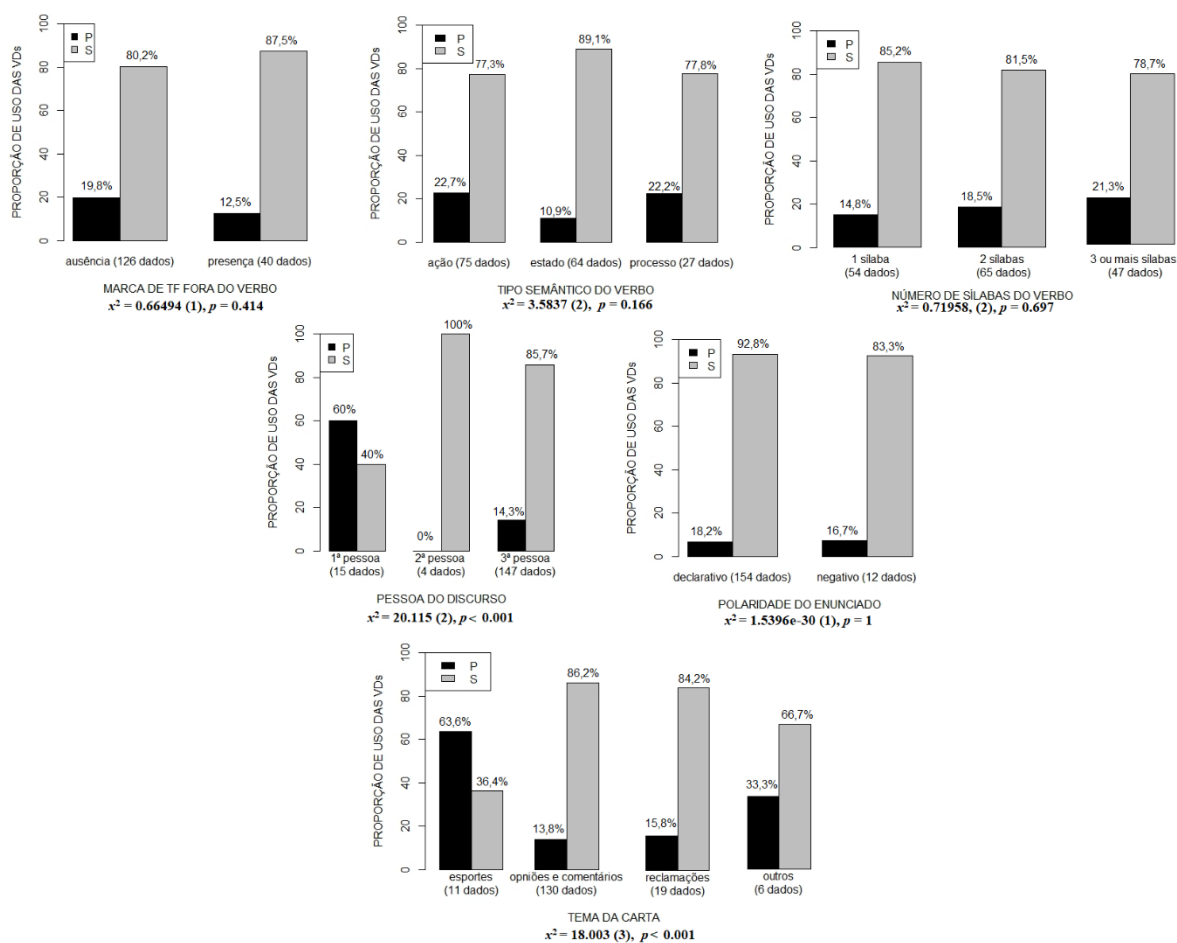
contato mais amigável e pessoal com as suas leitoras em 1970, ainda que não saibamos se a escrita dos textos produzidos pelas leitoras é, de algum modo, modificada. Com base nos *corpora* desta pesquisa, temos que o tema da carta drama pessoal pode ser um dos fatores favoráveis ao processo de mudança de futuro tendo em vista o gênero social (feminino), do mesmo modo que a primeira pessoa do discurso ($p = 0,003$), fator que abordaremos mais à frente.

No que se refere ao fato de, na análise conjunta, verbos de uma sílaba desfavorecer o uso do futuro perifrástico em comparação ao futuro sintético, não buscamos mobilizar qual é o seu papel para a nossa questão central de pesquisa, uma vez que entendemos ser uma tendência mais geral dos verbos principais na estrutura IR + infinitivo preferirem uma extensão lexical mais longa, o que pode ter uma relação com a gramaticalização dessa forma, segundo acima afirmado com base nos testes de significância.

A partir das discussões dos resultados dos dados extraídos das cartas da revista *A Cigarra* (publicação feminina), tanto dos testes de significância quanto do teste de regressão logística de efeitos mistos, fizemos a comparação com os resultados do grupo controle, as cartas do jornal *Correio da Manhã* (grupo controle), para investigar quais variáveis exibem um comportamento que se diferencia nos dois contextos e que se mostram relevantes para explicar o andamento da mudança de futuro (futuro perifrástico) no PB escrito pela vertente feminina.

Se por um lado quase todas as variáveis se apresentam como estatisticamente significativas, no sentido de explicar a mudança linguística, nos dados da revista para essa sincronia, por outro, no grupo controle, os testes de significância apontam no sentido de se preservar somente as variáveis da primeira sincronia. O Gráfico 9 revela os resultados:

Gráfico 9: Resultados dos testes de significância no grupo controle *Correio da Manhã* na sincronia de 1970



Fonte: Própria

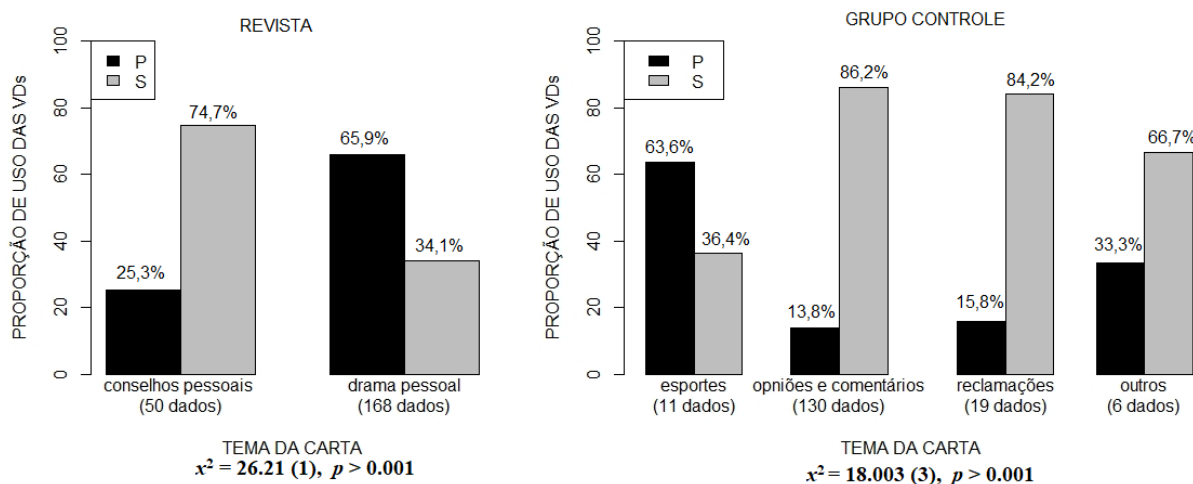
“Pessoa do discurso” ($p < 0,001$) e “tema da carta” ($p < 0,001$), portanto, são estáveis nesse *corpus*. Nesse contexto, o uso do futuro perifrástico é maior na (i) primeira pessoa do discurso em relação à terceira; e nos (ii) temas esportes em relação aos temas opiniões/comentários, reclamações e outros.

As demais variáveis não são sensíveis a essa segunda fatia temporal. Por essa razão, vemos uma distribuição mais equilibrada dos fatores: ausência (19,8%) em relação a presença (12,5%) de marcas de TF fora do verbo; tipo semântico de verbos de ação (22,7%) e verbos de processo (22,2%); verbos com uma (14,8%) duas (18,5%) e três ou mais sílabas (21,3%); enunciados declarativos (18,2%) ou negativos (16,7%).

A partir dos testes de significância dos dados de publicação feminina e “neutra”, temos que “tema da carta” é uma das variáveis que se comporta com significância em ambos

corpora, porém, como se referem a diferentes veículos de comunicação, a composição de fatores não é a mesma⁵⁰. Observemos o comparativo:

Gráfico 10: Comparação revista versus grupo controle (1970-1972): *tema da carta*



Fonte: Própria

Chama atenção que, nos dados de nosso grupo controle, o fator mais recorrente para a variável “tema da carta”, em percentual, na forma inovadora é o tema esporte. Apesar disso, temos de considerar que esse resultado se deva, em partes, a uma única carta, de um surfista, na qual corresponde à metade das ocorrências de futuro perifrástico nesse tema em específico, na medida em que, das 7 ocorrências da variante inovadora, 4 delas estão presentes nessa carta. Trazemos um trecho para que possamos fazer algumas considerações:

(85) *Surf*. Todo mundo já conhece. Nasceu no Havaí. Era esporte dos reis. Hoje é de todo cara prá frente. É o esporte quente. Nos EUA, Austrália e outras paragens é a maior febre [...] Quando o mar não tá dando a turma sai nos jipes, com as pranchas na capota e vai pro lado da Barra [...] Mas agora que tá chegando o verão não **vai sobrar** prá banhista. Se no ano passado já encheu, êste então **vai ser** demais [...] A minha idéia é esta. E não tem plágio não. A bolação é bem diferente. É um campeonato de *surf* tipo show. **Vai ficar** cem vêzes melhor. Deve ser realizado num sábado e domingo. No passeio a gente coloca uns conjuntos com guitarra elétrica e só música quente. Se fôr feito **vai ser** a maior promoção do verão (*Correio da Manhã*, janeiro de 1970).

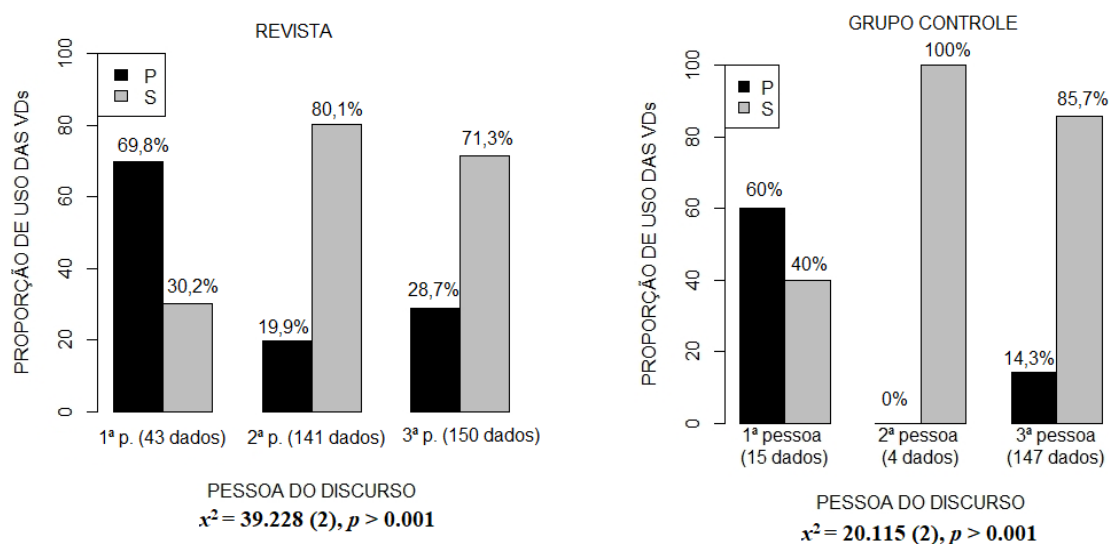
A carta parece destoar das demais que compõem os dados de formas de futuro nesse *corpus*. Em razão ao remetente ser um surfista, há algo de estigmatizado no texto que nos sugere uma imagem de alguém descolada, despreocupada e isso, conseqüentemente, tem

⁵⁰ Como tratamos anteriormente, pretendemos padronizar a tipologia dessa variável em estudo posterior.

efeitos no uso da língua. Talvez, por essa razão, o tema esportes foi um fator em que a variante inovadora mais apareceu, o que não implica que a implementação do futuro perifrástico seja mais propício no contexto do grupo controle do que no da revista, uma vez que tal tema conta com apenas 11 dados no geral e, como tratamos, o tema drama pessoal nas cartas de leitoras d'A *Cigarra* pode ser capaz de sustentar uma das explicações do favorecimento da mudança pelo gênero feminino.

Também “pessoa do discurso” é comum nos testes de significância em ambos *corpora* de 1970. Retomemos, portanto, os resultados dessa variável, seguidos de exemplos do fator mais frequente, primeira pessoa do discurso, em cada *corpus*:

Gráfico 11: Comparação revista versus grupo controle (1970-1972): *pessoa do discurso*



Fonte: Própria

Quadro 10: Exemplos de dados de futuro perifrástico nos *corpora* (1970-1972): *primeira pessoa do discurso*

Corpus	Exemplos
<i>A Cigarra</i>	(86) Acha que o casamento é uma vez, e pronto. Prefere viver junto. Eu confio na sinceridade dêle, mas como vou enfrentar minhas filhas? (<i>A Cigarra</i> , fevereiro de 1972).
Grupo Controle (<i>Correio da Manhã</i>)	(87) [...] vamos esvaziar os hospitais, seja de alienados, em geral superlotados, como as colônias de crônicos, [...] (<i>Correio da Manhã</i> , fevereiro de 1971).

Fonte: Própria

Embora em cada *corpus* a primeira pessoa do discurso seja o fator com maior frequência, em termos de proporção, o contexto de publicação feminina comparativamente ao grupo controle tem uma frequência ainda maior de uso do futuro perifrástico.

Ambos resultados sugerem que a primeira pessoa do discurso pode estar relacionada ao gênero textual em estudo, uma vez que as cartas de leitores estabelecem um tom mais pessoal em relação a outros gêneros encontrados nos veículos de comunicação que integram a amostra dos dados, principalmente na revista *A Cigarra*. Também podemos associá-los ao processo de gramaticalização, na medida em que é nesse contexto específico que a construção perifrástica se instaura. Mas, do mesmo modo, podemos argumentar que se a primeira pessoa do discurso é mais favorável à mudança de futuro, a publicação feminina se mostra mais relevante nessas circunstâncias, já que a proposta de interação das cartas nesse meio e nessa sincronia é, de fato, manter uma aproximação entre as leitoras.

No teste de regressão logística de efeitos mistos do grupo controle, a significância em relação à primeira pessoa do discurso, entretanto, se perde, diferentemente dos dados da revista ($p = 0,003$), o que pode indicar que, na atuação conjunta, esse fator pode ser um dos fatores que podem explicar a liderança do gênero feminino no andamento da mudança de futuro.

Vejamos, pois, os resultados de nosso grupo controle na sincronia de 1970:

Tabela 9: Modelo de regressão logística de efeitos mistos para o uso do futuro perifrástico (grupo controle *Correio da Manhã*, 1970-1972)

Efeitos aleatórios							
Variável	Nível	Variância		Desvio padrão		Obs.	
Id. lexical	<i>Intercept</i>	1,297		1,139		79	
Efeitos fixos							
Variáveis	Fatores	Aplic./ Total	%	Estimativa	Erro Padrão	Valor- z	P
<i>Intercept</i>	-	30/166	18,1%	-13,254	1846,280	-0,007	0,994
<i>Marca de TF fora do verbo</i>	Presença	5/40	12,5%	-0,769	0,838	-0,918	0,358
	Ausência	25/126	19,8%				
<i>Tipo semântico do verbo</i>	Ação	17/75	22,7%	1,119	1,070	1,045	0,295
	Estado	7/64	10,9%				
	Processo	6/27	22,2%				
<i>N. de sílabas do verbo</i>	Uma	8/54	14,8%	-0,633	1,190	-0,532	0,594
	Duas	12/65	18,5%				
	Três ou mais	10/47	21,3%				
<i>Pessoa do discurso</i>	1ª pessoa	9/15	60%	16,708	1846,280	0,009	0,992
	2ª pessoa	0/4	0%				
	3ª pessoa	21/147	14,3%				
<i>Polaridade do enunciado</i>	Declarativo	28/154	18,2%	0,073	1,151	0,064	0,948
	Negativo	2/12	16,7%				
<i>Tema da carta</i>	Esportes	7/11	63,6%	-3,511	0,897	-3,915	< 0,001 ***
	Opiniões/Comentários	18/130	13,8%				
	Reclamações	3/19	15,8%				
	Outros	2/6	33,3%				

Fonte: Própria. Modelo: glmer(VD ~ VI+VI... + (1|ID.LEXICAL). *Intercept:* Ausência; Estado; Duas sílabas; 2ª pessoa; Declarativo; Esportes

Dos efeitos aleatórios, a variância da identidade lexical do grupo controle (1,297) é maior do que vimos nos dados da revista ($< 0,001$), mas menor do que a variância dos dados do grupo controle em 1920 (2,358) e não interfere, portanto, em nossos resultados.

Dos efeitos fixos, na análise da atuação das variáveis conjuntamente, os resultados alcançados indicam os temas das cartas que expressam opiniões/comentários ($p < 0,001$; estimativa negativo) e reclamações ($p = 0,003$; estimativa negativa) inibem o uso do futuro perifrástico. É preciso ressaltar que os resultados verificados, aqui, divergem dos resultados da sincronia de 1920, uma vez que o tema opiniões/comentários era um fator atuante no sentido de favorecer o uso da forma inovadora. O tema reclamações tem, nessa sincronia, um papel inibidor, diferentemente da sincronia anteriormente analisada, na qual, na análise conjunta, não obteve relevância no uso do futuro perifrástico.

Eis exemplos de uso do futuro perifrástico em cada sincronia de acordo com os temas opiniões/comentários e reclamações:

Quadro 11: Exemplos de dados de futuro perifrástico no grupo controle *A Gazeta/Correio da Manhã* em ambas sincronias em análise: *temas da carta opiniões/comentários e reclamações*

<i>Corpus</i>	Fatores	Exemplos
Grupo Controle <i>A Gazeta</i> (1920-1929)	Opiniões/comentários	(88) Agora vou jogar sómente no Methodo Astral, que reputo o melhor de todos. Naturalmente não póde dar todos os dias como o amigo já explicou (<i>A Gazeta</i> , fevereiro de 1921).
	Reclamações	(89) Venho pedir chameis a atenção da Prefeitura, agora que oportunidade se offerece, para o estado verdadeiramente lastimavel da rua Consolação, onde vou fixar residência (<i>A Gazeta</i> , março de 1924).
Grupo Controle <i>Correio da Manhã</i> (1970-1972)	Opiniões/comentários	(90) Rebelam-se ainda os motoristas de táxis contra a exigência da gravata e a proibição de fumarem e ouvir rádio. Vou dar a minha opinião (<i>Correio da Manhã</i> , agosto de 1970).
	Reclamações	Muito “engraçada” esta novidade da CTB de cobrar os telefonemas excedentes. Gostaria de saber se a CTB vai indenizar o contribuinte quando a gente liga o número certo e o aparelho erra, como acontece a todo momento com nossos telefonemas (<i>Correio da Manhã</i> , novembro de 1970).

Fonte: Própria

Devemos considerar que nosso grupo controle é formado por jornais distintos em cada fatia temporal, já que, mesmo semelhantes, é inevitável que, conforme o tempo, passem por modificações e atendam às exigências do contexto histórico-social, tal como acontece com a revista feminina *A Cigarra* que, embora seja a mesma, é nítida as transformações do ponto de vista estrutural e social de uma sincronia para a outra.

Além disso, a polaridade do enunciado não foi selecionada como significativa no grupo controle, tanto nos testes de significância quanto no teste de regressão logística de efeitos mistos, o que vem a somar às discussões acima feitas a respeito dessa variável para o uso da forma inovadora com base no *corpus* d’*A Cigarra*.

De modo geral, como lidamos com a variação linguística em cartas de leitores, comparativamente (revista *versus* grupo controle), vimos que no contexto de publicação feminina há uma atuação das variáveis “pessoa do discurso”, “polaridade do enunciado” e “tema da carta”, que se mostram estatisticamente relevantes para a compreensão do processo de mudança de futuro, de modo que os fatores primeira pessoa do discurso, enunciados negativos e tema da carta drama pessoal apresentam-se a favor ao uso do futuro perifrástico

em lugar do futuro sintético nos anos de 1970 pela vertente feminina, ou seja, nesta pesquisa, atendem ao entendimento do papel do gênero feminino na implementação do futuro perifrástico no PB escrito.

3.3 Em resumo

Em nossa análise dos dados, pudemos, a partir dos *corpora*, investigar o papel do gênero feminino na mudança de futuro (futuro perifrástico) no PB escrito, embora tenhamos de considerar que os nossos resultados não possam ser tomados como conclusivos, tal como evidencia Paiva (2013), quando se refere à atuação dessa variável social nos processos de variação/mudança de fenômenos linguísticos.

Na subseção 3.1.1, vimos que futuro sintético é o mais utilizado, independente da sincronia em análise. Contudo, quando comparamos os resultados obtidos a partir dos dados da revista com os dados do grupo controle, é possível observar que é a revista que lidera a frequência de usos, em especial, na segunda fatia temporal (1970-1972). Sugerimos, com base nas análises, o início da implementação do futuro perifrástico nos anos de 1920, que caminha para o andamento da mudança nos anos de 1970 em textos escritos, de modo que esse processo linguístico é mais favorável no contexto de publicação feminina (cartas de leitoras d'A *Cigarra*).

Os principais resultados estão sintetizados no quadro a seguir:

Quadro 12: Síntese dos resultados gerais

Sincronia de 1920	Sincronia de 1970
<p>✓ Menor uso de futuro perifrástico tanto nos dados da revista (30 de 287 dados, 10,5%) quanto nos do grupo controle (28 de 318 dados, 8,8%);</p> <p>✓ Não há diferença estatisticamente significativa na distribuição dos dados de acordo com o contexto revista/grupo controle ($p = 0,582$).</p>	<p>✓ Maior uso de futuro perifrástico nos dados da revista (101 de 334 dados, 30,2%) do que nos do grupo controle (30 de 166 dados, 18,1%);</p> <p>✓ Há diferença estatisticamente significativa na distribuição dos dados de acordo com o contexto revista/grupo controle ($p = 0,005$).</p>
<p>✓ Período (sincronia de 1920 e sincronia de 1970) tem uma distribuição estatisticamente significativa tanto nos dados da revista ($p < 0,001$), quanto nos dados do grupo controle ($p = 0,004$).</p>	

Fonte: Própria

Também fizemos uma análise específica dos dados, por meio de testes de significância e de regressão logística de efeitos mistos com base em variáveis independentes, previamente determinadas na subseção 2.4, para aferir qual é o papel do gênero feminino na mudança de futuro, buscando atender ao nosso problema de pesquisa, portanto.

Ao longo da subseção 3.2, ressaltamos que nossos resultados podem se associar mais ao processo de gramaticalização de IR + infinitivo, tanto numa sincronia como noutra, somando às comprovações de estudos outros que se propuseram a investigar as formas de futuro por meio de uma perspectiva funcionalista e sociolinguística (cf. GIBBON, 2000; BRAGANÇA, 2008; TESCH, 2011; ALMEIDA, 2015; FIGUEREIDO, 2015). Todavia, focamos em apresentar considerações que pudessem contribuir para o entendimento do fenômeno pela perspectiva feminina em textos escritos do PB.

Os resultados estatisticamente significativos, que trouxeram respostas a nossa questão de pesquisa, estão descritos abaixo:

Quadro 13: Síntese dos resultados específicos

Sincronia de 1920	Sincronia de 1970
<p>✓ <i>Ausência de marca de tempo futuro fora do verbo:</i> no contexto de publicação feminina, diferentemente do contexto do grupo controle, IR + infinitivo vem se especializando para expressão de tempo futuro no PB.</p>	<p>✓ <i>Primeira pessoa do discurso:</i> o contexto de publicação feminina viabiliza a entrada do futuro perifrástico a partir da primeira pessoa do discurso, já que há uma proposta de aproximação entre revista/leitoras;</p> <p>✓ <i>Enunciados negativos:</i> Na contramão de nossa hipótese, enunciados negativos favorecem o uso do futuro perifrástico no contexto de publicação feminina, o que pode ser explicado pela temática das cartas de leitoras desta sincronia. Nesse sentido, as dimensões de estilo e de gênero podem estar envolvidas;</p> <p>✓ <i>Tema da carta drama pessoal:</i> Nesta sincronia, é um tema menos formal, na medida em que é por meio dele que as leitoras se expressam e se colocam em uma relação de amizade com a revista, viabilizando uma maior inovação linguística (uso de futuro perifrástico).</p>

Fonte: Própria

Desse modo, em 3.2.1, verificamos que na primeira sincronia (1920-1929) poucos fatores interferem, o que colabora ao entendimento de que é no início do século XX que o processo de implementação do futuro perifrástico se instaura, embora não fotografemos o exato momento. Em relação às possíveis explicações da liderança do gênero feminino nesse cenário, vimos, a partir dos testes estatísticos, que o fator ausência de marca de TF fora do verbo pode ser uma das respostas no que se refere à inserção da variante inovadora na modalidade escrita da língua, já que revelou um comportamento que se diferencia conforme os contextos (*corpora*) analisados, uma vez que é significativa nos dados de publicação feminina e não nos dados do grupo controle. Também chamamos atenção à variável “tema da carta” que, nos testes de regressão logística de efeitos mistos, mostrou um comportamento distinto para o fator opiniões/comentários segundo o *corpus*, entretanto, consideramos que esse resultado se deva a uma questão estilística, mas que também pode corresponder ao contexto (feminino e “neutro”), na medida em que as cartas desempenham papéis diferentes de acordo com cada tipo de publicação.

Por fim, na subseção 3.2.2, vimos que há uma expansão dos fatores significativos para o uso do futuro perifrástico no contexto da revista em 1970 (1970-1972), o que revela um andamento da mudança linguística; nos dados do grupo controle, porém, os fatores são mais restritos, sugerindo certa estabilidade do processo nesse *corpus*. Em referência aos usos da forma inovadora nas cartas de leitoras d’A *Cigarra*, verificamos que a variável “marca de TF fora do verbo” não é mais sensível a essa fatia temporal e pode indicar um papel apenas quando a construção perifrástica adentra o contexto de variação de expressão do por-vir. Para além, com base na comparação dos resultados dos *corpora*, primeira pessoa do discurso, enunciados negativos e tema da carta drama pessoal são alguns dos fatores relevantes encontrados que operam no desencadeamento da mudança de futuro e que puderam nos trazer, nesta pesquisa, algumas discussões possíveis em relação à liderança do gênero feminino no uso do futuro perifrástico; são variáveis que também podem se atrelar a aspectos estilísticos característicos de cartas de leitoras de revista feminina.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo enfoque da Sociolinguística e da Teoria da Variação e Mudança (WLH, 2006 [1968]; LABOV, 2016 [1972]), a contribuição desta pesquisa se deu a partir da investigação do futuro variável, de modo a investigar o papel do gênero feminino no início e no andamento da mudança linguística (futuro perifrástico) na modalidade escrita do PB em sincronias pretéritas, quando esse processo ainda não se encontrava em fase avançada.

Foram foco de análise as formas verbais de expressão de tempo futuro, quais sejam: futuro sintético (variante conservadora) e futuro perifrástico (variante inovadora), admitidas como variantes dependentes. Além disso, a verificação empírica contemplou as sincronias de 1920 (1920-1929) e 1970 (1970-1972) por intermédio de *corpora* formados por cartas de leitores em segmentações de públicos distintos, feminino e “neutro”, que correspondem, respectivamente, às cartas de revista *A Cigarra* e do que denominamos ser o nosso grupo controle, às cartas dos jornais *A Gazeta* e *Correio da Manhã*.

Como realizamos um resumo de cada seção com as mais importantes considerações em relação às discussões feitas, retomamos aquelas que parecem mais relevantes para o problema de pesquisa, evidenciando também as principais contribuições de nosso trabalho.

Dentre as discussões levantadas ao longo do texto, chamamos atenção ao principal desafio metodológico enfrentado, mas que também tem um caráter inovador de pesquisa: a adoção de *corpora* escritos para a investigação do processo de variação/mudança de futuro na perspectiva de gênero feminino.

Conforme vimos, a variante inovadora de futuro (futuro perifrástico) parece não ser alvo de avaliação social explícita (TESCH, 2011; SANTOS, 2012; FIGUEREIDO, 2015) no PB, o que indica que não há uma polarização perceptível entre as formas de futuro quanto ao seu valor social, ou seja, se dada variante é prestigiada ou estigmatizada. Consequentemente, o que se verifica é que o processo de mudança (futuro sintético → futuro perifrástico) está abaixo do nível de consciência social. Por essa razão, pesquisas sincrônicas vêm comprovando que fatores sociais já não são mais significativos para a explicação do fenômeno. Todavia, outros estágios de variação revelam a liderança das mulheres no uso do futuro perifrástico (GIBBON, 2000; OLIVEIRA, 2006), resultado que vai ao encontro da hipótese laboviana, na medida em que sugere que são elas as mais inovadoras em casos como esses.

Entendemos que as interpretações da correlação do futuro variável, ou de qualquer outro fenômeno linguístico ausente de avaliação explícita, e o gênero (feminino) não é trivial,

já que o significado social da variante é um aspecto a ser observado. Porém, do mesmo modo, não podemos nos distanciar do fato de que entender o papel e representação das mulheres, bem como as devidas alterações ao longo do tempo, nesse cenário se faz importante, uma vez que não há completa neutralidade social nos processos de mudança na língua.

Nesse sentido, buscamos realizar a análise por meio de textos escritos datados do século XX, por reconhecer, em consonância com Marcuschi (2007), que essa modalidade também reflete interações entre sujeitos reais e é, portanto, variável e heterogênea. Embora tenha um processo mais lento de mudança de futuro (OLIVEIRA, 2006; BRAGANÇA, 2008; TESCH, 2011), o fato não foi uma dificuldade de pesquisa, uma vez que nosso interesse está nas fases mais iniciais de implementação do futuro perifrástico.

Não livre de questionamentos, mobilizamos a maneira como é possível trabalhar com textos escritos que não contemplem dados de cada informante escrevente e, ainda assim, testar fatores sociais, sendo apenas possível a partir da escolha de um *corpus* ou *corpora* favoráveis às hipóteses e objetivos admitidos *a priori*. No caso de nossa pesquisa, verificamos que a revista *A Cigarra*, como quaisquer outras revistas femininas de seu tempo, tem uma ideologia bastante marcada quanto ao público-alvo a que se destina, contando com as novidades que são de interesse do universo feminino e criando laços de identificações, de modo que servem para atualizar ou conservar os padrões de comportamento das mulheres. Na contramão, a imprensa geral se mantém mais “neutra” no que se refere a um público específico e, do mesmo modo, a de marcar ou não uma identificação de gênero, preocupando-se mais em transmitir atualidades da sociedade.

As cartas de leitores, gênero textual por nós estudado, revelam parte dessas identificações, permitindo-nos investigar os textos pela perspectiva do gênero feminino comparativamente ao “neutro”. Pontuamos, além disso, que a metodologia adotada, nessas circunstâncias, pode vir a ser muito mais eficiente para investigar o gênero social do que a extração de informações de banco de dados sociolinguísticos que, muitas vezes, controlam os informantes apenas com base no sexo biológico.

Já em relação aos resultados alcançados, a operacionalização das análises nos permitiu chegar a algumas respostas, contudo, sem que sejam tomadas como generalizações e, sim, como possíveis discussões. Apesar disso, pudemos oferecer contribuições para o entendimento do papel do gênero feminino na mudança de futuro, dado que havia indícios, ainda que antes pouco explorados, de que são as mulheres as líderes de tal processo linguístico.

A partir de 1.105 do total de dados de formas variantes de futuro, distribuídos entre os *corpora*, os dados da revista (621 dados) e do grupo controle (484 dados), o nosso estudo corrobora a evidência de que na modalidade escrita da língua a preferência ainda reside no uso do futuro sintético, independentemente da sincronia em análise.

Ainda assim, vimos que nos anos de 1920 o futuro perifrástico começa a se implementar no PB escrito, enquanto que nos anos de 1970 há um aumento gradual de usos dessa forma, sobretudo na revista (publicação feminina) na qual, como confirmado, é um contexto mais favorável à inovação de futuro se comparada ao contexto do grupo controle, sugerindo-nos, desse modo, um andamento da mudança observável em textos escritos liderado pelo gênero feminino. Ao longo da análise mais geral, trouxemos algumas explicações para os resultados quantitativos fundamentadas na discussão de aspectos sociais, como as alterações de representação de gênero e de perfil socioeconômico do público-leitor da revista em comparação ao dos jornais (grupo controle).

Por meio das comprovações, buscamos verificar o papel do gênero feminino no processo de variação/mudança de futuro a partir das variáveis (extra)linguísticas preestabelecidas: fixas (marca de TF fora do verbo; tipo semântico do verbo; número de sílabas do verbo; pessoa do discurso; polaridade do enunciado; tema da carta) e aleatórias (identidade lexical do verbo principal e contexto de autoria feminina). Investigamos quais delas relevam uma diferença de comportamentos de acordo com o *corpus* em análise, que pudessem, de certa forma, ajudar a responder o problema de pesquisa, apesar de que também não desconsideramos a hipótese dos resultados se relacionarem mais ao processo de gramaticalização em que IR + infinitivo vem sofrendo no PB.

Destacam-se como fatores relevantes para a compreensão do fenômeno, de maneira a colaborar para o entendimento dos efeitos do gênero feminino na mudança de futuro: (i) a ausência de marca de tempo futuro fora do verbo nos anos de 1920; (ii) a primeira pessoa do discurso, os enunciados negativos e o tema da carta que expressa drama pessoal nos anos de 1970⁵¹. É preciso salientar que além da fatia temporal e do gênero social, nesta pesquisa também observamos que a dimensão estilística tem um papel no processo de variação/mudança, ao menos nos *corpora* em análise, sendo necessário, em estudos posteriores, uma investigação mais cuidadosa dos estilos de escrita, já que pode ser importante no sentido de oferecer respostas mais gerais sobre o fenômeno em si e sobre a correlação com a variável social gênero.

⁵¹ Optamos pela rápida descrição, uma vez que fizemos uma explanação mais detalhada de nossos resultados e análises na subseção 3.3.

No geral, traçamos um possível caminho para que seja contemplado, nos trabalhos sociolinguísticos, um maior investimento de análises de diferentes textos escritos, tanto numa perspectiva sincrônica quanto diacrônica, com o objetivo de se verificar a atuação e os efeitos de fatores sociais nessa modalidade da língua, buscando, para isso, recursos metodológicos. O que, aqui, tentamos fazer foi propor e aplicar possibilidades metodológicas e de análise estatística dos dados, a fim de contribuir na descrição do futuro variável pela vertente feminina no PB escrito.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. **Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo**. São Paulo: HUCITEC, 1980.

ALMEIDA, F. S. **A expressão variável de futuro verbal no discurso político em três cidades baianas**: Salvador, Feira de Santana e Vitória da Conquista. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2015.

ANDRADE, M. L. C. V. O. O gênero carta: estratégias linguísticas e interação social. In: LOBO, T. et al (Org.). **Para a história do português brasileiro**, v. 6. Salvador: EDUFBA, 2006, p. 547-572.

ANDRADE, R. O. Novos arranjos nos lares brasileiros. **Revista Pesquisa FAPESP**, ed. 263, jan. 2018. Disponível em <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2018/01/16/novos-arranjos-nos-lares-brasileiros/>>. Acesso em 08 de janeiro de 2019.

AZEVEDO, L. H. Mulheres revistas: educação, sociabilidade e cidadania na revista. **INTERCOM** (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação), Salvador-BA, 2002, 13 p. Disponível em http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_COMUNICACOES_AZEVEDO.pdf> Acesso em 25 de janeiro de 2019.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso In: **Estética da criação verbal**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BALEEIRO, M. I. A. **O futuro do presente do português culto falado em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1988.

BARBOSA, J. B. A expressão de futuro no português brasileiro contemporâneo. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, v. 6, n.23, out-dez 2007, p. 42-50.

BEAUVOIR, S. **Segundo sexo**: a experiência vivida. V. 2, 2ª ed. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIAZOLLI, C. C. **Posição de clíticos pronominais em duas variedades do português**: inter-relações de estilo, gênero, modalidade e norma. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2016.

BRAGANÇA, M. L. L. **A gramaticalização do verbo ir e a variação de formas para expressar o futuro do presente**: Uma fotografia capixaba. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

BRANDÃO, S. M. **Alternância verbal em construções condicionais** – Um fenômeno variável? Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2018.

BUCHOLTZ, M. From ‘sex differences to gender variation in sociolinguistics. **University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics**, v. 8, 2002, p. 33-45.

BUENO, L. C. O. **Variação e gênero textual**: o uso das preposições nas cartas de leitoras brasileiras e portuguesas. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014.

BUITONI, D. H. S. **Mulher de papel**: A representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

_____. **Imprensa feminina**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Trad.: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 [1990].

CÂMARA JR., J. M. **Uma forma verbal portuguesa** – estudo estilístico e gramatical. Tese apresentada no concurso para cadeira de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio & Cia, 1956.

_____. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CASTRO, A. C.; PRADO, J. Corpo e identidades femininas: a intermediação da mídia. **Estud. sociol.**, Araraquara, v. 17, n. 32, 2012, p. 241-259.

CHAFE, W. L. **Significado e Estrutura Lingüística**. São Paulo: Ao Livro Técnico, 1979.

CHESHIRE, J. Sex and gender in variationist research. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Ed.). **The handbook of language variation and change**. Oxford: Blackwell, 2002, p. 423-443.

COUTINHO, I. L. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

CORÔA, M. L. **O tempo nos verbos do português**: uma introdução à sua interpretação semântica. Brasília: Thesaurus, 1985.

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

DEL PRIORI, M. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. São paulo: Unesp, 2008.

DUMONT, L. M. M.; SANTO, P. E. Leitura feminina: motivação, contexto e conhecimento. **Ciências & Cognição**, v. 10, 2007, p. 28-37.

ECKERT, P. Three waves of Variation Study: The emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, v. 41, 2012, p. 87-100.

FARACO, C. A. Norma padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, M. (Org.). **Linguística da Norma**. 2ª ed. São Paulo: Layola, 2004, p. 37- 61.

FIGUEREIDO, J. G. S. **A expressão do futuro verbal na escrita escolar de Irará-BA**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2015.

FISCHER, J. L. Influências sociais na escolha de variantes linguísticas. In: FONSECA, M. S. V. e NEVES, M. F. (ufrgs.) **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974 [1958].

FLEISCHMAN, S. **The future in thought and language: diachronic evidence from Romance**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

FONSECA, A. M. H. **A perífrase verbal *ir + infinitivo* e o futuro do dialeto riopretano: Um estudo na interface Sociolinguística/Gramaticalização**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010

FRAGA, R. M. O envolvimento da linguagem jornalística do século XIX – cartas de leitores. In: PESSOA, M. B. (Org.). **Língua, texto e história: manuscritos e impressos na história do português brasileiro**. Recife: Programa de Pós-graduação da UFPE, 2005, p. 63-86.

FREITAG, R. M. K. (Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (Org). **Mulheres, Linguagem e Poder** - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira. São Paulo: Blucher, 2015, p. 17-74.

GIBBON, A. O. **A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: Gramaticalização e Variação**. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GRYNER, H. Emergência do futuro perifrástico no português carioca: o princípio da marcação. **Veredas: Rev. Est. Ling., Juiz de Fora**, v. 6, n. 2, jun-dez 2002, p. 149-160.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HELLER, B. Vossas filhas sabem ler? **INTERCOM** (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação), Campo Grande- MS, 2001, 17 p. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP4HELLER.pdf>> Acesso em 25 de janeiro de 2019.

HOLLANDA, H. B. **Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil: uma primeira abordagem** – vol.1. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.

HRICSINA, J. A evolução do tempo futuro em português é cíclica? **Études Romanes de Brno**, v. 41, 2011, p. 171-180.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Estatísticas do século XX**. Rio de Janeiro, 2006.

LABOV, W. **The social stratification of English in the New York City**. New York: Cambridge University Press, 2ª ed., 2006 [1966].

_____. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. 1ª ed.: 3ª reimpressão. São Paulo: Parábola, 2016 [1972].

_____. Where does the Linguistic Variable Stop? A Response to Beatriz Lavandera. **Working Papers in Sociolinguistics**, n° 44, 1978.

_____. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. **Language variation and change**, v. 2, n. 2, 1990, p. 205-254.

_____. **Principles of Linguistic Change – Social Factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. Some sociolinguistic principles, em C. B. Paulston e G. R. Tucker (eds.), **Sociolinguistics: the essential readings**, Massachusetts, Blackwell Publishing, 2003, p. 234-250.

LAKOFF, R. et al. **Linguagem, gênero e sexualidade**. Clássicos traduzidos. Trad.: Ana Cristina Ostermann & Beatriz Fontana (Org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

LAVANDERA, Where does the sociolinguistic variable stop? **Language in Society**, n.7, 1978, p.171-182.

LYONS, J. **Semantic**. Volume II, Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

LOBATO, M. L. M. A trajetória do feminino na imprensa brasileira: o jornalismo de revista e a mulher do século XX. **ALCAR** (Associação Brasileira de Pesquisadores da Mídia, 9º Encontro Nacional de História da Mídia), Ouro Preto, 2013, 14 p. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/a-trajetoria-do-feminino-na-imprensa-brasileira-o-jornalismo-de-revista-e-a-mulher-do-seculo-xx>> Acesso em 25 de janeiro de 2019.

LONGHIN-THOMAZI, S. R.; RODRIGUES, A. T. C. O estatuto teórico-metodológico do falado e do escrito para a pesquisa em mudança linguística. **Signo y Señá**, n. 23, Facultad de Filosofía y Letras (UBA), 2013, p. 191-212.

MALVAR, E. **O presente do futuro no português oral do Brasil**. Tese (Doutorado) – University of Ottawa, Ottawa, 2003.

MALVAR, E.; POPLACK, S. O presente e o passado do futuro do Português do Brasil. In: VOTRE, S; RONCARATI, C. (Org.). **Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil: Uma homenagem acadêmica**. Rio de Janeiro: 7letras, 2008, p. 187-207.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória - PR: Kaygangue, 2005, p. 17-33.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 8ª ed., São Paulo: Ed. Cortez, 2007.

MARINE, T. C. **Um estudo sócio-discursivo do sistema pronominal dos demonstrativos no Português Contemporâneo**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2009.

_____; BARBOSA, J. B. Estudos variacionistas pautados em cartas: reflexões teórico-metodológicas. **Linguística**, Madrid, v. 27, 2012, p. 221-240.

MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da língua portuguesa**. 5ª ed. Coimbra: Caminho, 2003.

MATOS, H. M. Z. A revista A Cigarra no espaço urbano 1914-1934. **Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, exclusão e violência**. São Paulo, 2008, 11 p. Disponível em <<https://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Hivana%20Mara%20Zaina%20de%20Matos.pdf>> Acesso em 25 de janeiro de 2019.

MENDES, R. B. Diminutivos como marcadores de sexo/gênero. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro v. 8, n. 1, 2012, p. 113-124.

MENDONÇA, J. G. R.; RIBEIRO, P. R. M. Algumas reflexões sobre a condição da mulher brasileira da colônia às primeiras décadas do século XX.. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 5, 2010, p. 01-12.

MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

MIRA, M. C. **O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura do século XX**. São Paulo: Olho D'Água/Fapesp, 2001.

OLIVEIRA, J. M. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

_____; OLINDA, S. R. M. A trajetória do futuro perifrástico na língua portuguesa: séculos XVIII, XIX e XX. **Revista da ABRALIN**, v. 7, n. 2, 2008, p. 93-117.

_____. A variação do futuro verbal em português: teste de percepção/atitude na cidade de Feira de Santana-BA. **Tabuleiro de Letras – Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens**, n. 3, 2011, p. 1-22.

_____. A expressão do futuro verbal na escrita jornalística baiana. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 2012, p. 125-137.

OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. Linguagem, gênero e sexualidade: uma introdução. In: LAKOFF, R. et al. **Linguagem, gênero e sexualidade**. Clássicos traduzidos. Trad.: Ana Cristina Ostermann & Beatriz Fontana (Org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 9-12.

OUSHIRO, L. Tratamento de dados com o R para análises sociolinguísticas. In: FREITAG, R. M. K. (Org.). **Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística**, São Paulo: Blücher, 2014, p. 134-177.

_____. **Identidade na pluralidade**: Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

_____. **Introdução à Estatística para Linguistas**, v.1.0.1 (dez/2017). Disponível em <<http://rpubs.com/oushiro/iel>> Licença Creative Commons 4.0 Atribuição – Não comercial. Acesso em 30 de setembro de 2018.

PAIVA, M.C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 33-42.

_____.; DUARTE, M. E. L. Mudança linguística: observações em tempo real. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 179-190.

_____.; GOMES, C. A. (Org.). **Dinâmica da variação e da mudança na fala e na escrita**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2015.

PERINI, M. **Gramática descritiva do português**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2005.

PINSKY, C. B. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORI, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 10ª ed.: 4ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2017, p. 607 -639.

POPLACK, S.; TURPIN, D. *O futur tem futuro no francês (canadense)?*. Trad.: Marina R. A. Augusto e Ana Paula Scher. **Caderno de Estudos Linguísticos**. Campinas, 1999, p. 17-46.

PRADO, J. **Feminilidades e mídia na cultura contemporânea**: culto ao corpo, consumo e sexualidade. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2011.

RAGO, M. L. A invenção do cotidiano na Metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950. In: PORTA, P. (Org.). **História da Cidade de São Paulo**. v. 3. 1ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 387 - 437.

_____. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORI, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 10ª ed.: 4ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2017, p. 578-606.

REICHENBACH, H. **Elements of Symbolics Logic**. New York: Macmillan Company, 1947.

ROSALDO, M. Z. A mulher, a cultura e a sociedade: uma revisão teórica. In: ROSALDO, M. Z.; LAMPERE, L. (Coords.). **A mulher, a cultura e a sociedade**. Trad.: Cila Ankier e Rachel Gorenstein. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 8ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

SANTOS, J. R. **A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

_____. O futuro verbal é um tempo ou um modo? **Caderno do VI Congresso Nacional de Linguística e Filologia (Gramaticalização e Estudos de Gramática)**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 08, 2002, 6 p.

SANTOS, E. P. **A expressão de futuridade verbal em Santo Antônio de Jesus: uma análise variacionista**. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2012.

SARTI, C. A. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, n. 02, 2004, p. 35-50.

SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. 4ª ed.: 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

SCHERRE, M. M. P.; YACOVENCO, L. C. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: O gênero do falante em foco. **Revista da ABRALIN**, v. Eletrônico, n. Especial, 2011, p. 121-146.

SEVERO, C. G. O papel do gênero/sexo nos estudos sociolinguísticos de variação/mudança. **Revista de Letras**, Curitiba, v. 8, 2006, p. 01-08.

SILVA, A. **A expressão da futuridade no português falado**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1997.

SILVA, E. C. **A expressão do tempo futuro no português brasileiro dos séculos XVIII ao XX**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

SOTO, U. **Cartas através do tempo: o lugar do outro na correspondência brasileira**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2007

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

TESCH, L. M. **A expressão do tempo futuro no uso capixaba: Variação e gramaticalização**. Tese (Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. Tipologia de regras linguísticas e estatuto das variedades/línguas: a concordância em português. **Linguística**, v. 30, 2014, p. 81-112.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

-----. **Arquivo Público do Estado de São Paulo**. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/jornais_revistas > Acesso em 30 de setembro de 2018.

-----. **Biblioteca Nacional Digital**. Disponível em <<http://memoria.bn.br/hdb/uf.aspx> > Acesso em 30 de setembro de 2018.

-----. **Fundação Cásper Líbero**. Disponível em: <<http://fcl.com.br/fundacao/marcas/jornal-a-gazeta/>> Acesso em 27 de abril de 2018.

-----. **IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)**. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/multidominio/genero/20163?=&t=resultados>> Acesso em 31 de agosto de 2018.